

Semana



**JUVENTUDE
TRANSVIADA CAUSA
RIFI DE GABINETE**

**JK TEM NA GAVETA
PROJETO DE
REFORMA RURAL**



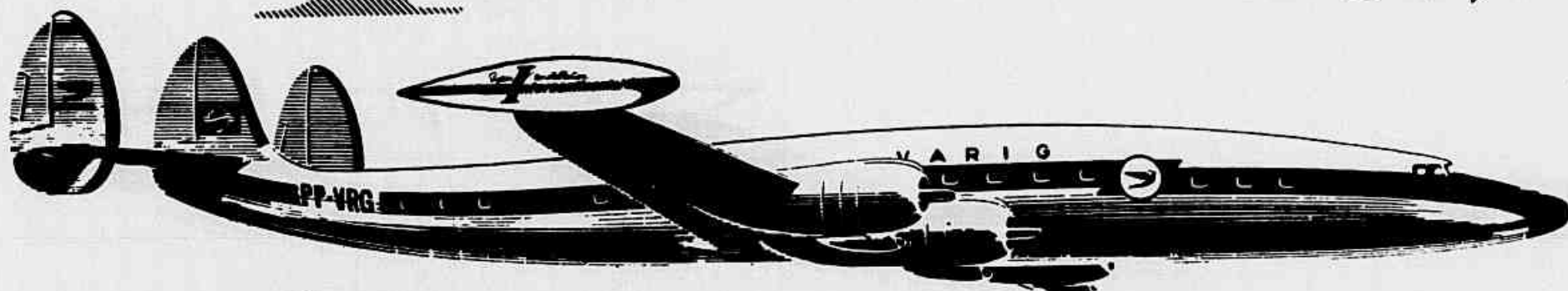
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

A CAPA

Julie Joy (Kodakhome Alberto Ferreira)

REPORTAGENS

Gronchi em São Paulo	5
Juscelino tem na gaveta projeto de reforma rural	11
JT provoca riffs de gabinete	21
Tchekhov e Gogol ressurgem em grande forma	44
Carnaval em Setembro	47
Cantora para o público, poetisa em segredo	61
Figurões contra a parede	62

POLÍTICA

Trapézio	8
----------	---

NOVELA

Os galhos do Cedro	28
--------------------	----

A COMÉDIA HUMANA

A Propósito de Personalidades	32
-------------------------------	----

FLAGRANTE

Gabriela «tomou conta» do Lar de Sônia Medeiros	38
Pombos da Cinelândia para a Praça São Marcos	56

CONTO

Assombração	40
-------------	----

MODAS

Para a meia estação	51
---------------------	----

CINEMA

«Mon Oncle» deu vice a Tati	53
-----------------------------	----

SOCIAIS

Kaleidoscópio	57
As Verdades de Mariazinha Maranguape	59

SEÇÕES

Cartas	10
Palavras Cruzadas	18
A Revista há cinquenta anos	28
Letras e Artes	37
Puxe pelo cérebro	43
Humor (Zenon)	58

CRÔNICA

O Almirante	66
-------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00. — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

CONTATO

DEPOIS de quatro dias no Rio e um em Brasília (onde plantou um cipreste florentino diante do Palácio da Alvorada), chegou a São Paulo no dia 9, sob violenta chuva de granizo — o presidente da Itália, Giovanni Gronchi. No grande Estado, para cujo desenvolvimento tanto concorreu a imigração italiana, foi Giovanni Gronchi carinhosamente recebido, e alvo de uma sucessão de homenagens — entre outras, as do dia 10 de setembro — data de seu aniversário, quando o presidente Kubitschek, que lá esteve presente, declarou em saudação “poder o chefe de Estado italiano sentir-se compensado com o afastamento de seu lar, pelo que estava fazendo em favor da causa de todos nós.”

O ponto alto da visita do presidente Gronchi ao Estado vizinho foi a “Declaração de São Paulo”, em que Brasil e Itália, representados pelos seus dirigentes máximos, lançaram, aos países da América e do oeste europeu, um urgente apêlo de revisão da política ocidental.

Reportagem às páginas 4 e seguintes.

“JK tem na gaveta projeto de reforma agrária” — é o título da importante reportagem com que comparece Maurício Caminha de Lacerda no presente número, e para o qual chamamos a atenção do leitor. Novas e largas perspectivas se descerram, finalmente, para o nosso trabalhador rural, vítima até hoje do descaso das autoridades. Tal projeto de lei visa dar, a esse elemento básico de nossa economia no setor agrícola, os direitos a que faz jus, e que já possui o trabalhador urbano — entre outros, assistência, indenização, amparo à maternidade e à infância.

CONTINUA em foco o problema da juventude transviada. Prosseguindo em sua série sobre o assunto, apresenta a R.S., às páginas 20 e seguintes, a reportagem intitulada “JT provoca riffs de Gabinete” — onde são entrevistadas mais duas autoridades na matéria — o penalista Nelson Hungria, Ministro do Supremo Tribunal, e o Curador de Menores — Eudoro Magalhães — cada um deles explicando os seus respectivos pontos de vista sobre a momentosa questão.

FIGURÕES contra a parede: “Falação franca acabou com demagogia”.

Há cinco anos, um programa de televisão vem sendo ouvido apaixonadamente pelo carioca. Referimo-nos ao criado por Arnaldo Nogueira — “Falando Francamente”, de alta importância pelo que tem representado como veículo para um conhecimento mais direto, por parte do povo, das figuras por ele escolhidas para os representar e os dirigir.

Em sua conversa franca, tôdas as quintas-feiras, tem Arnaldo Nogueira entrevistado os principais vultos de nosso cenário político, abordando-os a respeito de problemas de relevância nacional, ouvindo-lhes os pontos de vista e a explicação de suas atitudes. É a história desse programa que a Revista apresenta no presente número, através da entrevista concedida pelo seu realizador.

JULIE Joy, responsável pela beleza da capa, revela, neste número, algo sobre a sua vida de cantora e de atriz de cinema e televisão, bem como de sua vida íntima. E termina por fazer uma revelação, para muitos inesperada: adora literatura, gosta de Bandeira e de Proust, e faz, em segredo, as suas experiências poéticas — das quais a revista apresenta ao leitor uma amostra — pequena mas bastante expressiva.

São P

71.º a



APC
Sete
Giova
calma
interc
perspe
indúst
Antes
os est
tino).
nizo, c

o Paulo comemora, carinhosamente o aniversário do Presidente Gronchi



APÓS RECEBER várias homenagens no Rio — em destaque o Sete de Setembro e o Banquete do Itamarati — o Presidente Giovanni Gronchi partiu para Brasília. Lá pôde discutir mais calmamente com o Presidente Kubitschek, os pontos principais do intercâmbio econômico que Brasil e Itália pretendem realizar. As perspectivas de um vasto fornecimento de maquinaria italiana à indústria brasileira foi delineada em bases que muito prometem. Antes de seguir para São Paulo, Gronchi repetiu o ritual de todos os estadistas que visitam Brasília: plantou (um cipreste florentino). No dia 9 chegava a São Paulo sob violenta chuva de granizo, que prejudicou o desfile em carros abertos do cortejo presi-

dencial. Mas a rudeza do tempo não foi suficiente para esfriar a entusiástica acolhida que o povo lhe proporcionou. Depois de breve saudação no aeroporto de Congonhas, aplaudida por delirantes "Viva Itália!", Gronchi foi convidado pelo Governador Jânio Quadros para seguir rumo aos Campos Elísios. Momentos antes registrara-se o acontecimento mais curioso do reboliço da chegada do presidente italiano — o toque de autêntico revezamento que Jânio e Ademar prestaram ao seu lado. Bastava que um dirigisse a palavra a Gronchi para que o outro se afastasse automaticamente. No trajeto do aeroporto ao palácio, quando o povo aclamava afetuosamente seu hóspede, nem tudo correu como



Declaração de São Paulo: Brasil e Itália lançam, ao mundo



oci
era
danc
viva
de I
viag
Paul
nara
rica
com
dos
amb
sara
"Dec
para
de c
data
ambi
ciou
que
no m
não p
vem
Brasi
a sep
povos

und



ocidental, apêlo de mútua compreensão entre os povos.

era de desejar: o policiamento de rua foi ao exagêro, desmanhando-se na contensão do ardor dos populares que procuravam viver Gronchi mais de perto. No dia seguinte, com a chegada de Kubitschek, foi registrado um dos fatos mais importantes da viagem do Presidente da Itália ao Brasil: a "Declaração de São Paulo". Neste documento, que os dirigentes das duas nações assinaram em conjunto, figura um veemente apêlo às nações da América e da Europa Ocidental, no sentido de serem solucionados com urgência os problemas aflitivos que invadem o mundo político dos nossos dias. A identidade de propósitos e pontos de vista de ambos os governantes, reforçando seus arejados argumentos, causaram de imediato viva repercussão no cenário internacional. Da "Declaração de São Paulo" fêz parte ainda uma menção especial para o papel que São Paulo vem desempenhando como exemplo de comunidade acessível a povos de origens diversas. Na mesma data era comemorado o aniversário do Presidente Gronchi. No ambiente de festa reinante, o Chefe da Nação brasileira pronunciou um discurso, congratulando-se com as felizes circunstâncias que têm cercado sua visita à nossa terra, inclusive aquela que no momento era motivo de tanto júbilo. Nesta ocasião, Kubitschek não pôde deixar de ressaltar a importância que a colônia italiana vem ocupando em proveito do desenvolvimento de São Paulo e do Brasil. Estas foram as suas palavras: "Entre o Brasil e a Itália a separação não é tão grande, uma vez que souberam os nossos povos estabelecer estreitas ligações, unirem-se para uma admi-

rável colaboração, abençoada por tantos frutos. Pode V. Exa. sentir-se compensado do afastamento do seu lar, Presidente Gronchi, pelo que está fazendo em favor da causa de todos nós."

Todos os setores da vida paulista cumularam de homenagens o Presidente e a Primeira Dama da Itália. Na Universidade de São Paulo, Gronchi recebeu o título de Doutor "honoris causa" daquela Casa. No Morumbi, inaugurou uma avenida com seu nome. Assistiu ao Grande Prêmio Itália, disputado em sua honra no Jockey Club de Cidade Jardim. No último dia de sua estada na cidade-dinamo, após conceder entrevista coletiva à imprensa, assistiu missa solene oficiada por D. Carmelo Mota, Arcebispo de São Paulo. Desta missa participou um belo coral italiano de 70 vozes. Ao sair da Igreja N. S. da Paz, uma das mais tocantes homenagens entre tantas que recebeu lhe seria reservada. Foi a saudação das crianças italianas do Orfanato Cristóvão Colombo, que se declararam menos órfãs com sua presença em São Paulo. Antes de partir para o Rio Grande do Sul — etapa final de sua viagem — Gronchi conclamou todos os seus compatriotas radicados no Brasil a darem o máximo de seus esforços para o país que tão fraternalmente os acolhe. E despediu-se com uma mensagem de fé e esperança: "Não sei se me engano, mas espero com tôdas as forças de minha alma que esta visita, não por meu mérito pessoal, mas pelas circunstâncias pelas quais ocorreu, abra um novo período na posição e na vida dos italianos que vivem nesta grande terra brasileira.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



PANORAMA

Gronchi — JK.

O CONTROLE DA MOEDA E DA PRODUÇÃO não foi recuperado pelo Governo, que continuou a braços com a queda das exportações do café e a alta das cotações do dólar no mercado livre, com o excesso de café para exportar e com a diminuição de dólares para gastar.

No Ministério da Fazenda (de onde desapareceu a zumbaia da clientela eleitoral do Sr. José Maria Alkmim e o Ministro, bem como os funcionários, às oito horas da noite já podem ir para casa) o Sr. Lucas Lopes cumpre a sua promessa do primeiro dia: não é vedete, para estar na ribalta. Tem mais tempo para refletir no seu pequeno gabinete e está obrigando outros a fazer o mesmo, com aquele especial jeito para organizar equipes de trabalho. O touro está solto, entretanto, há muito e não há toureiro de Mar de Espanha ou de outros mares que o consiga enfrentar. Mas o formulador das metas — que as vê ameaçadas pela falta de dinheiro e pela falta de organização do Brasil para alcançá-las — não conseguiu, ao menos, até agora, uma panacéia sequer para as dores do duplo estrangulamento em que se debate o Brasil: café e câmbio. Os dois calcanhares de Aquiles do Governo estão expostos e doem bastante, nesta caminhada às cegas em que até hoje andou.

Pensa-se em suspender as importações, julga-se mais aconselhável terminar com as licitações de moedas e acabar com os ágios, corta-se cinco bilhões de cruzeiros no Ministério da Vição e 70 milhões no irrisório orçamento do Ministério das Relações Exteriores, agravando o desaparelhamento da Chancelaria na hora da Operação Pan-Americana, (diz-se que ela deveria começar por dentro de casa, para atender aos órgãos de orçamentos menos desenvolvidos; aumentando-lhes as receitas em cruzeiros), cria-se grupo de trabalho para fomentar exportações, estuda-se acordo de café com concorrentes e consumidores, Brasília (Pasárgada e donzela Hermengarda do seminarista JK) estremece ao pensar que de tão distante linha de suprimentos podem, de repente, não lhe mais virem os ditos, — mas não há jeito. A realidade é esta, para traduzir ao alcance de todos essa linguagem que ficou para trás: Para comprar as mesmas coisas que adquiria há quatro

meses, o pai de família tem de deixar em casa, cada semana, o dobro de dinheiro do que deixava em maio. E fim.

O CONTROLE DO RADIO E DA TV não chegou a ser perdido pelo Governo, que o mantém através de uma série de medidas sutis, não obstante a espetacular vitória dos partidos oposicionistas junto à Justiça Eleitoral. A liberdade de radiodifusão de discursos políticos foi reconquistada, mas não teve aquele mesmo efeito empolgante e amplo verificado com a reconquista da liberdade de imprensa e dos meios de difusão, em fevereiro de 1945, após a entrevista do Sr. José Américo ao "Correio da Manhã". Muitos e seguros controles detêm o Executivo, que, afinal de contas, é o concedente do uso dos canais de rádio e televisão, concessão que sempre pode ser revista.

Se este controle for perdido, a posição do atual Governo ficará muito precária. Sendo de difícil correção os erros acumulados sobre o café e a moeda, sendo impossível deter, nos próximos meses, a maré montante do custo de vida, com o novo salário mínimo e as reivindicações de vencimentos dos servidores civis e militares, o Governo estará envolvido num redemoinho. O sopor de palavras inflamadas através do rádio e da TV terão efeito mortal.

Dai a importância dos acontecimentos que se desdobram à margem das eleições, para aonde o povo brasileiro caminha sem grande entusiasmo.

O CONTROLE DO CONGRESSO será mais difícil, depois de outubro. A UDN deve fazer a segunda bancada no Senado, dando-lhe um poder, no Congresso, como só o teve até 1953. A PTB deve dominar as eleições para a Câmara dos Deputados. O PSD, partido do atual Presidente da República, deve sair diminuído e necessitado de muletas para poder tráfegar com os projetos de interesse governamental.

Enfim, nesta hora em que até as máquinas dos foguetes desobedecem ao controle remoto, os controles presentes da política brasileira se tornam difíceis e, cada vez mais, os brasileiros estão como o espanhol da anedota, fazendo a guerra por conta própria...

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES



Luterio.



Lucas.

● Ninguém aguenta mais os programas de televisão com entrevistas de candidatos às eleições de outubro. É cada cara de meter medo às crianças mais valentes e de dar susto em lobisomem. Os candidatos de certas regiões do país, mesmo os cultos, mesmo os que são professores, aparecem com erros tenebrosos de pronúncia; e o locutor, que devia "animar", desanima. Cada "batata" que sai (imagina ele) é mais uma série de aparelhos que se desliga.

● Sem dúvida, que deve haver um meio de modernizar esses programas, em que a naturalidade se confunde com displicência e mau gosto e a maioria dos parlapitões se apresenta num despreparo e num relaxamento que não teriam na cozinha de suas casas. É o meio mais seguro de incomodar o eleitor dentro do próprio lar, de assegurar-se de sua antipatia, de ter a certeza de seu desprezo e a garantia de que não terá o seu voto em 3 de outubro.

● Os burros ainda passam. Pelo pitoresco. Mas os "intelectuais", e um Deus nos acuda. Contra eles e suas fórmulas não há salvação possível.

● Por falar em intelectuais, (mas, neste caso, de verdade) o poeta Augusto Frederico Schmidt ficou muito triste com o que dele saiu pensando Aldous Huxley. Se ele julgou que Schmidt era muito cheio de si era porque o poeta não manobrava bem o inglês, diz o criador do "Galo Branco". Por isso, está tomando aulas de inglês em casa, todas as noites.

● O Sr. Luterio Vargas começa a ficar preocupado com a sua eleição para o Senado Federal, que lhe parecia tão fácil há algumas semanas. O filho de Getúlio está sendo comido por uma perna dentro do seu próprio partido. Os candidatos a deputado não o prestigiam nos comícios, o Sr. Ademar de Barros prometeu vir ajudá-lo com discursos, mas não veio e o Sr. Alencastro Guimarães está avançando no eleitorado getulista.

● A Operação Pan-Americana voou para Washington, a fim de ser resolvida em concerto continental (Brasil — primeiro violino).

● E chegaram os tostados emissários dos Estados Africanos Independentes, para

atrapalhar um pouco a vida da França no caso da Argélia, obrigando o ilustre Embaixador Hardion a pôr as barbas de molho no lago do Itamarati...

● O Brasil está se convertendo na Meca dos sub-desenvolvidos, dizia-nos um diplomata. Aliás, também, dos desenvolvidos e dos super-desenvolvidos. Muezin JK recebe-os, reza com eles e depois manda-os embora, pelos mesmos caminhos por onde vieram. Por Sêca e Meca.

● Uma agência estrangeira trouxe, de torna viagem, que o Sr. José Maria Alkmim virá para a Câmara Federal "apoiado por importantes cafeicultores". Comentário de um exportador carioca, conhecedor da gíria jornalística: Alkmim não "plantou" bem o café. Mas notícias ele "planta" bem.

● Desde que a conversa é sobre mineiros: O Sr. Afonso Arinos viu crescer bastante as possibilidades de sua candidatura senador pelo Distrito Federal. O "caminhão do povo" tem ajudado muito, a relativa liberdade da radiodifusão e da TV sempre serve e o seu principal competidor (deputado Luterio Vargas) está prestes a ser vítima de um 24 de agosto (incruento) por parte do PTB.

● O Governo federal pretenderia acabar com a licitação de promessas de câmbio e, conseqüentemente, com os ágios resultantes dos leilões. Também desejaria autorizar todas as importações pelo câmbio de custo, estabelecendo subsídio para determinadas importações.

● Por sinal, o Acôrdio Gerál de Tarifas feito em Genebra recomendou que fôsse extinto o regime de cobrança de ágios, desde que o Brasil adotasse o de tarifas alfandegárias "ad valorem". Mas o Brasil adotou este e ficou também com o outro, isto é, com os ágios. Como é que o Governo federal ia acabar com a caixa dos ágios, que pôs no bolso a "caixinha" de Ademar?

● Quanto se gastou com as belas recepções a Gronchi? Ele é um Presidente de "massas", — dizia um paulista, no Itamarati. E o primeiro Presidente italiano que "pizza" o solo brasileiro. (Desculpem, mas o paulista disse isso mesmo. Não revelo o seu nome para que não o joguem de cabeça para baixo no vale do Anhangabaú).

● E para acabar: Na A.B.I., reclamava-se que deveria haver uma pauta organizada para as entrevistas coletivas. Na de Gronchi, um repórter afirmou que na Itália havia monopólio estatal do petróleo, perguntou por que não se faziam concessões às companhias privadas e se isso estava certo. Gronchi (mesmo com tantos anos de experiência na direção da Câmara dos Deputados da Itália), coçou as mãos por baixo da mesa, ficou um pouco mais vermelho, depois abriu um riso de indulgência plenária e respondeu: Não estava certa a afirmação, muito menos a pergunta: na Itália não há monopólio do óleo e empresas privadas estão explorando, inclusive, na Sicília. Felizmente, Gronchi compreendia melhor o português do que o seu intérprete na entrevista...

QUEM ESTÁ NO TRAPÉZIO

... É LUCAS LOPES, TENDO DE MANDAR O CAFÉ PARA FORA E SUSTENTAR O DÓLAR DENTRO DE CASA.



PARA HOMENS E CRIANÇAS

ESPUMA DE NYLON E PERLON SUPER LUXO

NAS PRINCIPAIS CASAS DO RAMO

Fabricantes: AMADO & TAVARES LTDA.

Rua Juparanã, 44-F — Tel.: 58-3900 e 58-2426 — Rio

IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

MADEIRAS EM TORAS

" S O R I M A "

SOCIEDADE DE MADEIRAS RIO LTDA.

Taboado e Pranchões de cedro, canela, sucupira e pinho.

Especialidade em vigamento de peroba

Depósito: Telefones: 34-1593 e 48-4103

Telegr.: "Vigamenteiros"

Escritório: Telefones: 34-1593 e 48-4103

PRAIA DE SÃO CRISTÓVÃO, 338 — RIO DE JANEIRO



CARTAS

ATUALIDADES

"... portanto as lembranças da semana estão atualizando decididamente a revista. As excelentes fotos da Operação Copacabana, Emilinha na Candelária e do Vasco x América enriquecem muito a seção. Aproveito para sugerir que as "lembranças" utilizem um número maior ainda de assuntos e fotos, documentando toda a vida da semana. Mas com o que vem apresentando a Revista está merecendo o nome que tem."

João Zaluar — D.F.

AGRADECIMENTO

"Com grande satisfação, cumpro o dever de agradecer à Diretoria da Revista da Semana a magnífica reportagem, incluída em seu número de 23 do corrente, sobre os festejos da Coroação de N. S. de Copacabana. Sirvo-me do ensejo para apresentar a V. Excia. a expressão de minha especial estima e elevada consideração."

Padre Antônio Lemos Barbosa — D.F.
Reitor da Igrejinha de N. S. de Copacabana

VANJA ORICO

"... ela é uma das pessoas que mais tem feito propaganda do Brasil lá fora e possui muito talento. Fiquei pois muito satisfeita com a reportagem sobre Vanja e estou à espera de outras tão justificáveis."

Marta Silva — Recife

ÚLTIMA PÁGINA

"... e é magnífico ler semanalmente as crônicas de Aníbal Machado, Dinah Silveira de Queiroz, Jorge Amado, Eneida. Tenho notado a ausência de Drummond de Andrade, que iniciou o rodízio de cronistas da revista. Ficaria contente se o reencontrar na última página."

Gilberto de Assis — Belo Horizonte

MARIAZINHA MARANGUAPE

"... não posso provar nada agora, mas estou quase certa que Mariazinha Maranguape é uma das mais conhecidas figuras do nosso "café-society". Por que não acompanham a seção com uma foto da autora?"

Neusa Bittencourt — Campos

§ Talvez por modéstia da cronista. Entretanto, você terá, muito breve, não digo a resposta às suas suposições, mas ao menos um indício para chegar à verdade, através da reportagem que apresentaremos, sobre a cronista, oportunamente.

O Editor

CAPA DE MARLENE

"... uma capa com a estrêla Marlene por ocasião do transcurso do seu aniversário. Para o pedido foi eleita com esmagadora votação esta querida revista..."

Elmo de Alencar — Associação do Fã-Clube Marlene — Campos

§ Será estudada a sugestão.

O Editor

CAMINHOS DA JUVENTUDE

"... todas as mães deviam ler esta reportagem para saber qual a orientação aconselhável aos filhos. O padre Negromonte foi apresentado pela Revista da Semana com o destaque que merecia..."

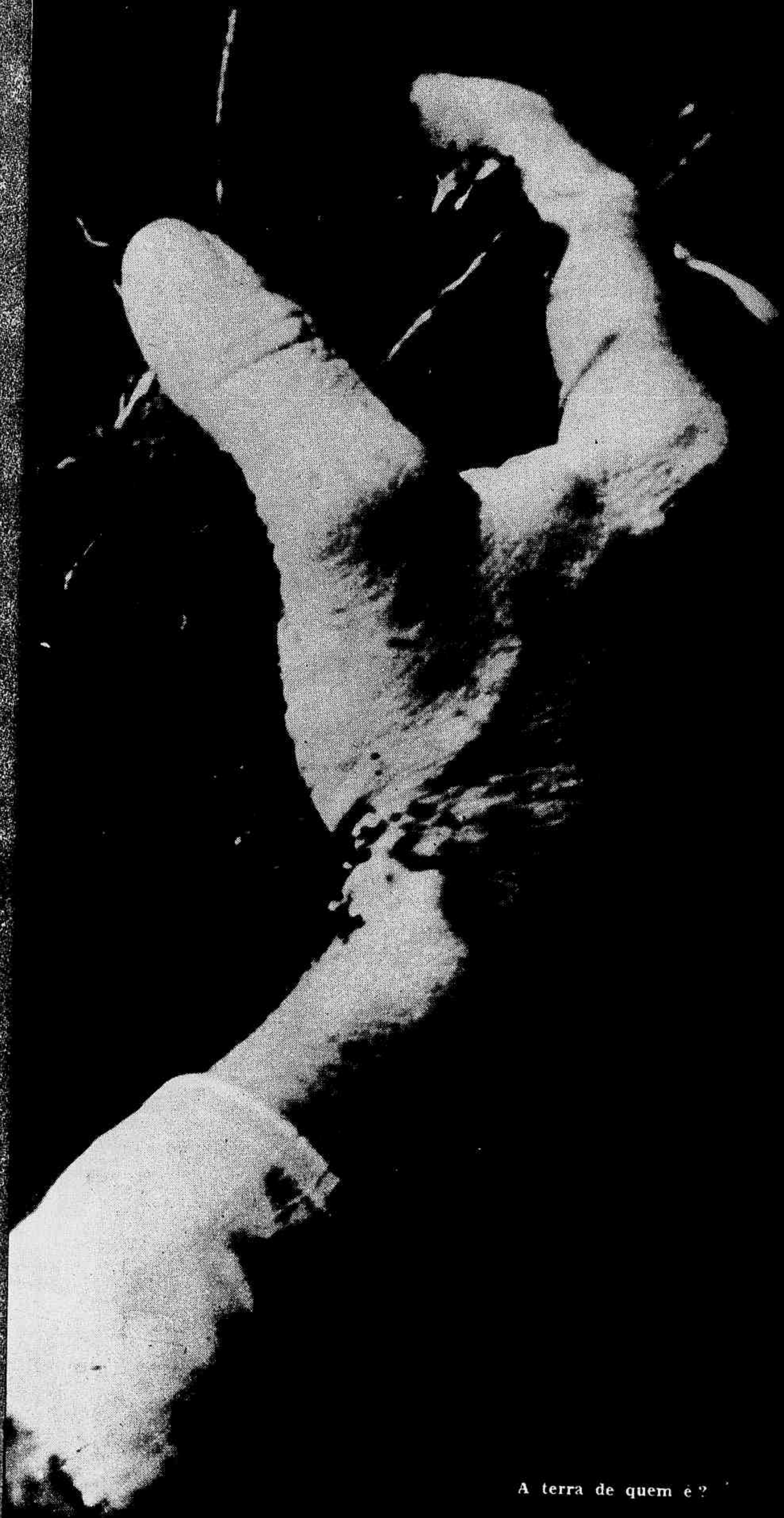
Lindalva Collares — D.F.

§ Gratos pelas boas palavras. A série continuará, focalizando outras personalidades interessadas nos graves problemas de nossa juventude.

O Editor

JUSCELINO
TEM
NA GAVETA
PROJETO
DE
REFORMA
RURAL

MAURICIO CAMINHA DE LACERDA



A terra de quem é?



OPERARIOS URBANOS — Mas para os rurais, a legislação descarrila...

NO MOMENTO EM que ganha corpo a idéia de uma reforma agrária no Brasil (nesse sentido há dois projetos em discussão no Congresso) e, em princípio, todos os grandes partidos políticos concordam com ela, um grupo de especialistas em questões sociais concluiu quase em segredo, no 8.º andar do Ministério do Trabalho, relatório que, se pôsto em execução, poderá constituir a primeira etapa dessa experiência. "A reforma social rural, extensiva às medidas tutelares, previdenciárias e assistenciais", assinala o documento já entregue ao presidente da República (que no entanto não o divulgou), "constitui incontestavelmente um dos mais importantes e urgentes problemas da política social brasileira. E adiante: "Parecem dispensáveis quaisquer observações para comprovar a imperiosa necessidade das novas, amplas e incisivas providências normativas subordinadas ao propósito da inclusão dos empregados em atividades agropecuárias no âmbito da legislação

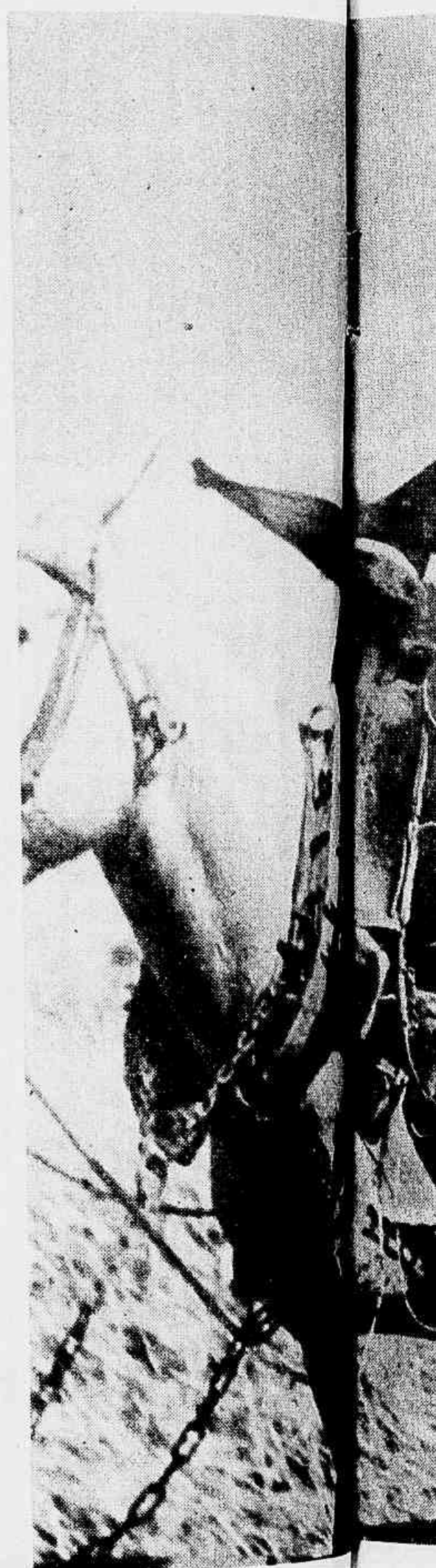
social. Com efeito, ninguém mais ignora as conseqüências altamente prejudiciais do desamparo quase integral dessa fração da população, que, na realidade, perfaz sua grande maioria e que, salvo exceções insignificantes, tem ficado à margem das realizações da política social."

A comissão (constituída entre outros dos srs. Max do Rêgo Monteiro, Moacyr Veloso de Oliveira (conhecido líder católico), Estanislau Fischlowitz, Oscar de Azevedo Brandão, Francisco de Moura e Newton Duarte de Almeida) limitou-se, diga-se de passagem, a estudar a matéria de que foi especificamente incumbida: extensão da legislação social ao trabalhador rural; mas dedicou boa parte do seu trabalho à reforma agrária, apontando-a como "remédio aconselhável e indispensável na presente emergência".

Este repórter pode apresentar hoje, em primeira mão, através

REFORMA RURAL

Unidade rompida



TRAB

da RE
causa.

REFO

Frisa
fluênc
dência
à revi
com o
e sólid
tação
com o
vamen
das hi

ronpida: Brasil urbano e Brasil rural



TRABALHADOR RURAL — “O Brasil cortado em dois”.

da REVISTA DA SEMANA, os itens principais do documento em causa. Passem aos tópicos seguintes.

REFORMA AGRÁRIA, SIM.

Frise o relatório: “Tudo nos leva a crer que muito maior influência sobre o progresso social rural poderão exercer as providências acertadamente orientadas de reforma agrária, relativas à revisão nacional do sistema de propriedade rural, combinadas com o desenvolvimento da colonização, fundamentada em sadias e sólidas bases econômicas e financeiras e com a nova regulamentação do arrendamento e da parceria rural, etc. Em confronto com o alcance dessas providências, o papel das medidas exclusivamente protetoras e assistenciais não pode ser, mesmo na melhor das hipóteses, igual aos efeitos daquelas.

Sem nutrir, pois, esperanças excessivas a respeito dos efeitos imediatos espetaculares da atuação das instituições de progresso social em relação às condições de existência das massas rurais, um tanto amorfas e diversificadas ao extremo, não podemos porém pôr em dúvida o virtual subsídio das reformas sociais rurais para a paulatina transformação, num sentido benéfico, dos seus críticos níveis de vida.”

Todavia, como proceder? É lícito preconizar a adaptação das leis que protegem os operários urbanos às condições em que atuam os trabalhadores do campo? E essa adaptação seria feita de um fato? A questão é intrincada na opinião dos técnicos. A comissão sugere que nessa “adaptação se leve em conta as peculiaridades da agricultura e dos demais setores” da economia rural. “Com isso”, sublinha, “as leis de trabalho e as providências de intervencionismo social podem, de certo, exercer influência favorável

Há falta de contabilidade em 90% dos estabelecimentos agrícolas



AÇÚCAR: Na zona açucareira do Nordeste, moureja-se de sol a sol. Mas o trabalho rende miséria.

não se
como
o tra
plena

A M

Val
dos D
dos p
está n
terior
um in
tador
embor
culpa-
com e
tutela
profun
a falt
taca :
da Co
lizaçõe

Outr
nesse
tivas
de den
dade o
popula
Tudo
de ser
e sua
parece
dureci
reform
de sua
dos ter

CONT

O do
fascicu
dente o
tivamen
em con
ou men
guai, E
trabalha
segue, "
rência
verá ap
de emp
Contu
as prov
esse lan
etapas o
vendo r
ado e o
ntransp

Reforma rural: Dilema do sim-e-não

MINISTÉRIO DO TRABALHO —
Um espectro apavora o 8.º andar.



não somente sobre a posição econômica dos trabalhadores do campo, como também contribuir para dignificar e fortalecer moralmente o trabalho rural, integrando-se assim esse grupo menos favorecido plenamente dentro da coletividade do país."

À MARGEM DA POLÍTICA?

Vale recordar que um dos projetos rurais apresentados à Câmara dos Deputados aborda o processo político originário da influência dos proprietários de terra. "O chefe político (os proprietários)", está na introdução do projeto do deputado Fernando Ferrari, "anteriormente à fase industrial e mesmo nos dias atuais, tem sido um influenciador de governos, um fazedor de leis ou um orientador de condutas oficiais". O relatório da comissão de técnicos, embora não faça especificamente menção a essas influências, culpa-as indiretamente pelo "enorme e alarmante contraste (que com o tempo aumenta ainda cada vez mais) entre as medidas tutelares, previdenciais e assistenciais em crescente amplitude e profundidade que beneficiam as classes trabalhadoras urbanas e a falta de proteção, mesmo a mais elementar, aos rurais". E destaca: "Os operários do campo, apesar dos imperativos inequívocos da Constituição vigente, continuam fora da órbita efetiva das realizações desse sistema jurídico social".

Outro trecho: "Não nos deve tão pouco afastar dos trabalhos nesse sentido a suspeita, que às vezes paira sobre todas as iniciativas dessa índole, de supostamente subordinados aos propósitos de demagogia política e partidária. Por outro lado, é porém verdade que não se pode dissociar a emancipação social das camadas populares rurais da sua maior ativação profissional e política. Tudo o que se fizer naquele primeiro sentido não poderá deixar de ser acompanhado pelo impulso da sindicalização dos rurais e sua participação mais dinâmica na vida política. Ora, como nos parece, dificilmente se poderá fazer restrições ao progressivo amadurecimento cívico desse grupo, progresso esse que, acelerado pelas reformas trabalhistas e sociais, conduzirá fatalmente à supressão de sua dependência ao coronelismo, vestígio obsoleto e retrógrado dos tempos coloniais."

CONTINUAMOS ATRASADOS

O documento (são quarenta e seis páginas divididas em quatro fascículos) chama a atenção do ministro do Trabalho e do presidente da República para o fato de que "continuamos ainda relativamente atrasados no caminho do desenvolvimento social, mesmo em comparação com vários países da América Latina, de maior ou menor grau de desenvolvimento agrário — Chile, México, Uruguai, Equador — onde vigoram leis sociais aplicáveis à classe trabalhadora rural. "A legislação internacional do trabalho", prossegue, "não descuidou desse aspecto. Tanto que, a próxima Conferência Internacional do Trabalho, a realizar-se em Genebra, deverá aprovar convenção e recomendação dedicadas às condições de emprego dos trabalhadores nas plantações."

Contudo, adverte: "Se, nessas condições, tudo parece justificar as providências no sentido de recuperar, pelo menos em parte, esse lamentável atraso, não se afigura de bom alvitre queimar as etapas de evolução progressiva e orgânica nesse caminho, promovendo reformas sociais imediatas, de alcance visivelmente exagerado e que, encontrando segundo toda a probabilidade, obstáculos intransponíveis comprometeriam, com seu malôgro, os salutares

e construtivos objetivos visados". E ainda: "Tudo deverá ser feito para evitar no futuro o perigoso hiato entre a letra da lei e a sua execução efetiva que desprestigiaria, de uma vez para sempre, as providências normativas de bem-estar social e rural".

Crítica a eficiência dos benefícios (salário-mínimo, férias, aviso-prévio) que atualmente a Consolidação das Leis do Trabalho assegura aos rurais: "Não pode causar espécie o fato de que, de acordo com a impressão quase unânime, os favores dessa legislação não apresentam quaisquer resultados concretos quanto à sua observância na zona rural. Não nos afastaremos da realidade afirmando que a maioria esmagadora dos trabalhadores rurais não aproveita, em verdade, os direitos que lhes confere a Consolidação das Leis do Trabalho".

DILEMA DO SIM-NÃO

Quais as facilidades e, também, quais as dificuldades para a extensão programada?

Em resumo, o relatório apresenta, para as reformas sociais no campo, o que se chamaria de "dilema do sim e do não", isto é o que convém desde já concretizar e o que se conseguirá apenas por etapas. Enumera muitos pontos a esse respeito e comenta:

1 — O mercado de trabalho rural não manifesta a desejável estabilidade de emprego, dados os freqüentes fenômenos de desemprego e subemprego que, embora em parte disfarçados, escapando a qualquer cômputo estatístico, muito afetam o bem-estar dos que nele se empregam.

2 — Os rendimentos médios per capita dos rurais são, de modo geral, consideravelmente inferiores aos dos urbanos e, ao mesmo tempo, muito menos estáveis de que os dos empregados em atividades de indústria, comércio, transporte, etc., exercidas principalmente nas aglomerações urbanas.

3 — "Os níveis de vida da imensa maioria dos rurais continuam precários, sem que possam mesmo atender a necessidades elementares quanto à alimentação, saúde, habitação, vestuário, instrução".

4 — Com freqüência notam-se entre eles sintomas de agudo pauperismo.

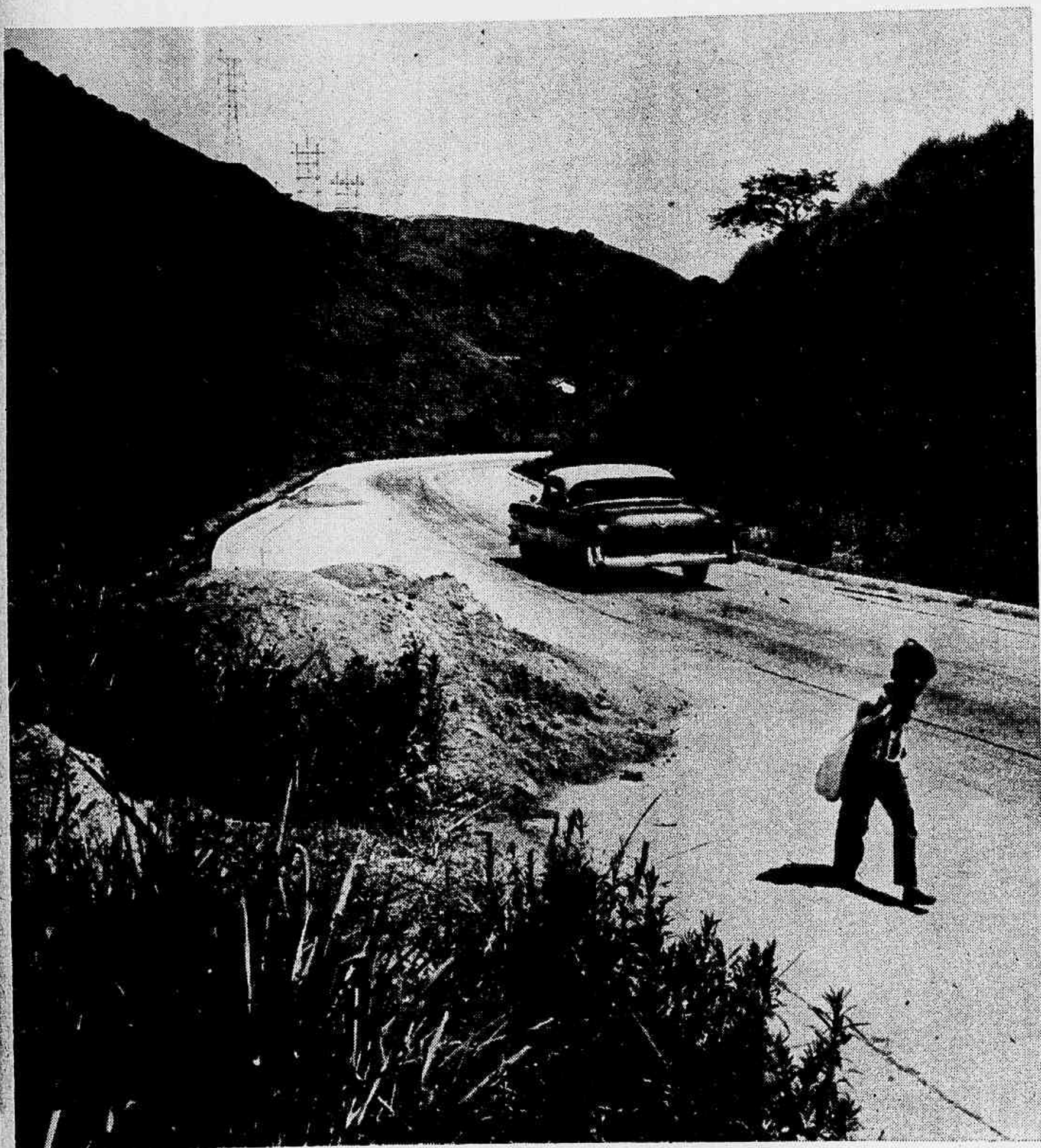
5 — O trabalho, exercido em grande parte em condições de clima tropical inclemente, braçal e penoso, sem maior progresso tecnológico, sem qualquer regulamentação das suas normas e modalidades e sem quaisquer medidas mezinhas de amparo social.

6 — "Independentemente de sua casualidade de índole diferente, como a climática e a fisiográfica (estiagem no Nordeste por exemplo), é às deficiências citadas (itens anteriores) que cabe a responsabilidade pelo êxodo rural".

7 — "Entre os grupos que operam no campo (empregadores e trabalhadores assalariados a seu serviço) há numerosas categorias intermediárias, cuja equiparação, para fins de proteção social, oferece uma série de dificuldades, como arrendatários, parceiros (meeiros e outras modalidades de parceria), colonos e assim por diante".

8 — Outro fator perturbador: a acentuada mobilidade de certas populações rurais. "Os movimentos de migração rúrica que se processam simultaneamente em vários sentidos: a — dentro da mesma região; b — de uma para outra região rural; c — da zona rural para a urbana; d — êxodo sui generis em ambos estes últimos sentidos, provocado pela estiagem no triângulo das secas, — anulariam os efeitos benéficos de leis de objetivo social e trabalhista.

Um espectro apavora os técnicos



AUTOMÓVEL E MENINO: Contraste entre os dois Brasis...

9 — Há falta de contabilidade em 90% dos estabelecimentos agrícolas, deficiência que assume importância não somente quanto às medidas fiscalizadoras nos diversos ramos da proteção legal ao trabalho "como também, e ainda mais, em relação a todas e quaisquer tentativas no sentido da introdução do seguro social rural (problema de arrecadação das contribuições).

10 — Distâncias que separam os principais centros de produção e as aglomerações da população trabalhadora rural, com meios precários de transporte nas zonas do interior.

11 — Certos hábitos, costumes e atitudes, persistem existindo em largos trechos do nosso território e não favorecem o funcionamento das modernas instituições de progresso social. Sem esquecer as empresas individuais de parca economia.

12 — Disponibilidades limitadíssimas, na zona rural, dos recursos pessoais e materiais, de medicina, educação e outro, aproveitáveis para a operação local dos serviços sociais.

13 — "Subdesenvolvimento administrativo e financeiro dos serviços públicos municipais e deficiências lamentáveis, quanto a dados estatísticos, mesmo os mais rudimentares, absolutamente necessários para os cálculos atuariais da previdência social".



CAFÉ: O trabalhador rural paulista entre a modernidade e ao menor, indenizações.

O QUE FAZER?

"O caminho a seguir", alvitra a comissão, "seria então a elaboração desde logo de um projeto de Estatuto do Trabalhador Rural". Codificando todos os direitos dos rurais e os correlatos compromissos dos empregadores, abrangeria os institutos de direito de trabalho previstos na Consolidação das Leis do Trabalho e na legislação não-consolidada, já estendidos legalmente (e só legalmente) aos trabalhadores rurais, com as alterações necessárias para assegurar sua exequibilidade". Prevê ainda certas "medidas protetoras que não beneficiam essa classe". Que benefícios? Entre outros: identificação profissional, proteção à maternidade e ao menor, indenização por despedida injusta, sindicalização, normas de assistência médica, duração de trabalho, contratos individuais e coletivos de trabalho". Não só. Também preconiza a comissão providências atinentes às seguintes questões "que fogem ao âmbito normal das leis protetoras do trabalho: habitação, terreno para criação de animais, áreas reservadas para cultivo pelo trabalhador e sua família, permissão do corte de lenha e uso de



É preciso acabar com o coronelismo



identificação profissional, proteção à ma-

TRIGO : Os trigais dão belo aspecto às paisagens gaúchas, à custa do sofrimento do operário rural. Mas ele terá novos dias.

águas, caça e pesca, uso dos pastos para os animais pertencentes aos trabalhadores (até um número máximo de cabeças).

O Estatuto criaria "órgãos especiais, devidamente descentralizados, de fiscalização rural, sem cuja organização toda a reforma em aprêço ficaria fadada a um fracasso total". Seria por assim dizer uma pirâmide, tendo no alto a Divisão de Trabalho Rural integrada no Ministério do Trabalho (e competentes Delegacias) e, na base, as Juntas Municipais de Trabalho Rural, integradas pelo prefeito, pelo representante da Junta do Serviço Social Rural (cuja reforma em bases elásticas êsses peritos recomendam) e pelo representante dos trabalhadores rurais, nomeado pela competente Delegacia Regional do Trabalho, "onde existirem os sindicatos de operários rurais, dentro de lista tríplice apresentada pelos mesmos".

BRASIL MEIO A MEIO

Há outras iniciativas sugeridas para execução imediata ou a longo prazo. Darão certo? A comissão entende que — sim. "Os progressos espetaculares verificados ultimamente na economia

industrial", diz, "acompanhados pelo desenvolvimento ininterrupto das realizações que beneficiam quase exclusivamente os operários urbanos, aprofundam de um modo angustiante e em proporção assustadora o abismo entre os níveis de existência dos rurícolas e os da população urbana".

A comissão entende que o assunto deve, de qualquer modo, ser atacado objetivamente, desde já. "Difícil prever", conclui, "ao que poderá levar a crescente rutura da unidade do País, dividido em **Brasil Urbano** e **Brasil Rural**, cada vez mais distanciados um do outro".

O espectro dessa — rutura — por sinal não é novo. É ainda mais antigo do que os Gracchos, que o tentaram evitar, ou do que Cícero, que a seu favor se levantou. Só agora, porém, parece apavorar o governo e pôr em polvorosa o 8.º andar do Ministério do Trabalho, onde funcionou a comissão e onde se instala o gabinete do ministro.

Agora, resta saber, na batalha legislativa e executiva que se travará no País (depois das eleições) sobre a conveniência ou não de leis agrárias do tipo democrático ou socializante, quem sairá vencedor: se os nossos **Gracchos** ou os nossos **Cíceros**.

PROBLEMA N.º 50 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Oceano — 3. Tomba — 6. Outra coisa — 7. Aqui — 8. Projeto irrealizável; quimera (pl.) — 12. Cantigas — 13. Conceder — 14. Tornar a dar — 16. Nome próprio feminino — 18. Preposição — 19. Neste lugar — 20. Moléstia — 21. Colorido.

VERTICAIS: 1. Perverso — 2. Elevada — 4. Mau cheiro (pl.) — 5. Seguias — 9. Boa disposição; método — 10. Dito espirituoso — 11. Mãe-d'água (pl.) — 14. Capital da Itália — 15. Opulento — 16. Possui — 17. Rio da Suíça.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 49

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: amt — ato — acá — farol — melro — irar — neon — nimbo — aguai — oitibós — citam — cumular — óbolo — ágape — lula — efós — ageru — Amaro — rem — mau — ras.

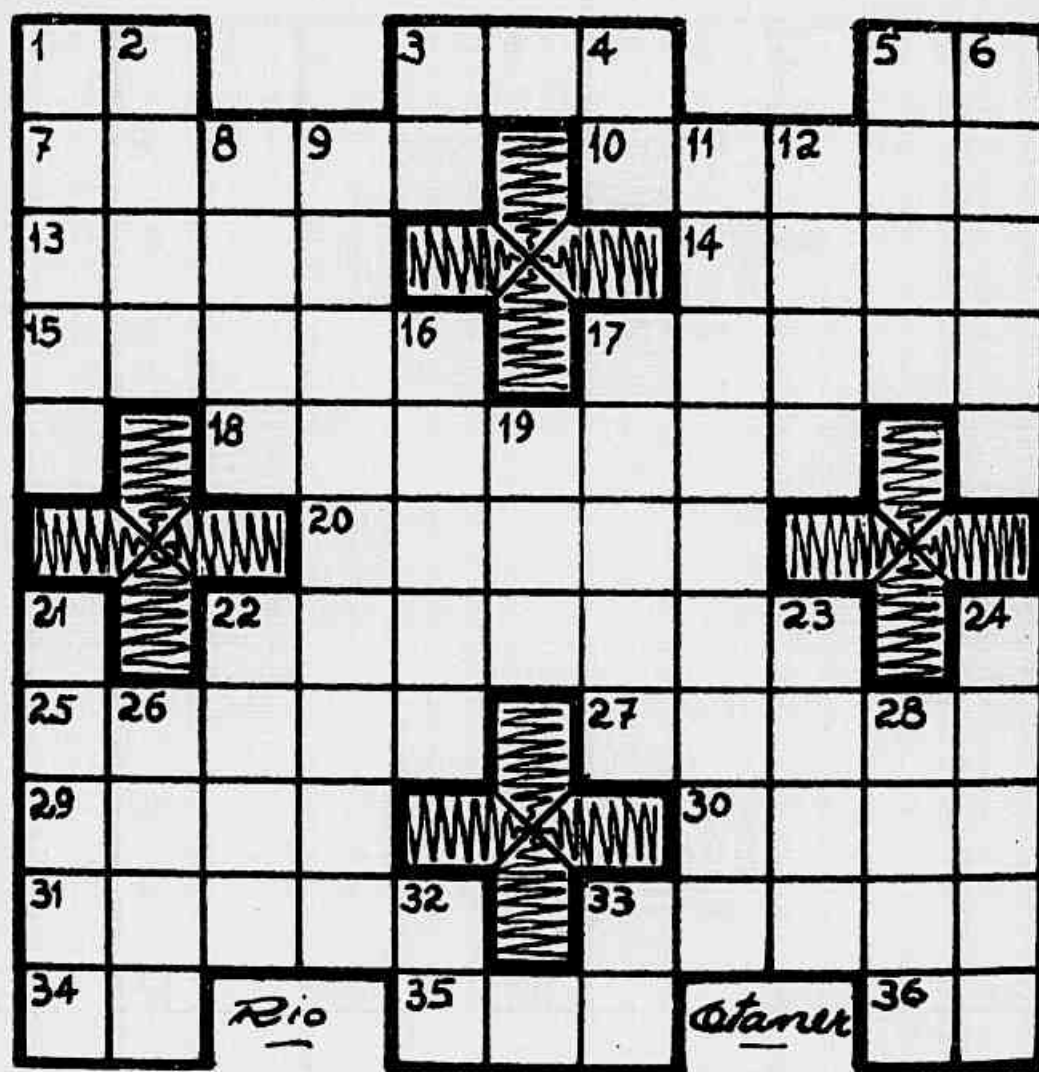
VERTICAIS: afino — mari — tramo — Al — Om — aléus — croa — aonia — orbicular — engomagem — ótimo — abala — itu — bolar —

colem — rafa — pesos — bugé — porá — um — Au.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: era — mel — lá — só — ara — ata — amame — Ari — prega — Lua — ola — al — ar — ras — uso.

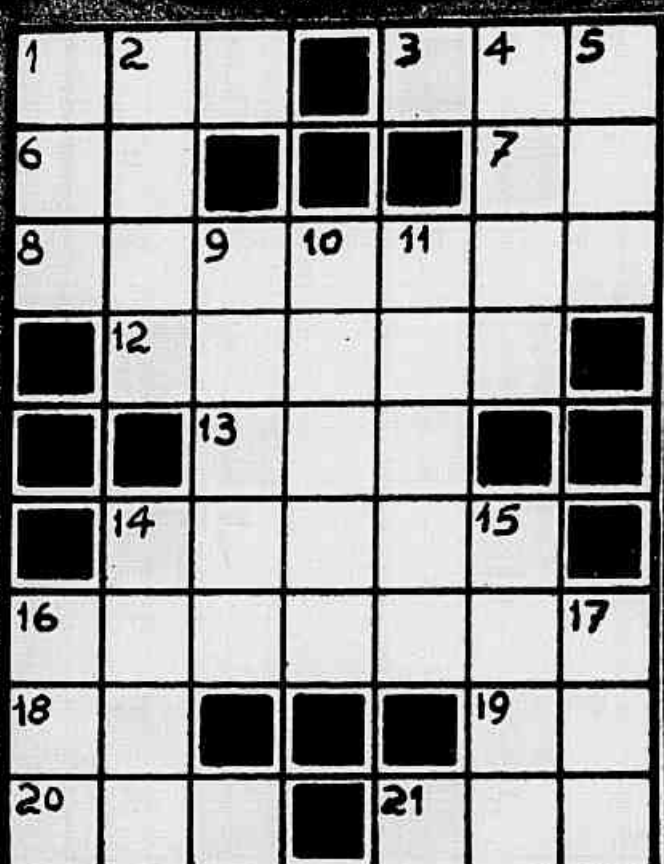
VERTICAIS: ela — rara — Este — loa — amara — amigo — are — pula — alas — lar — aro.



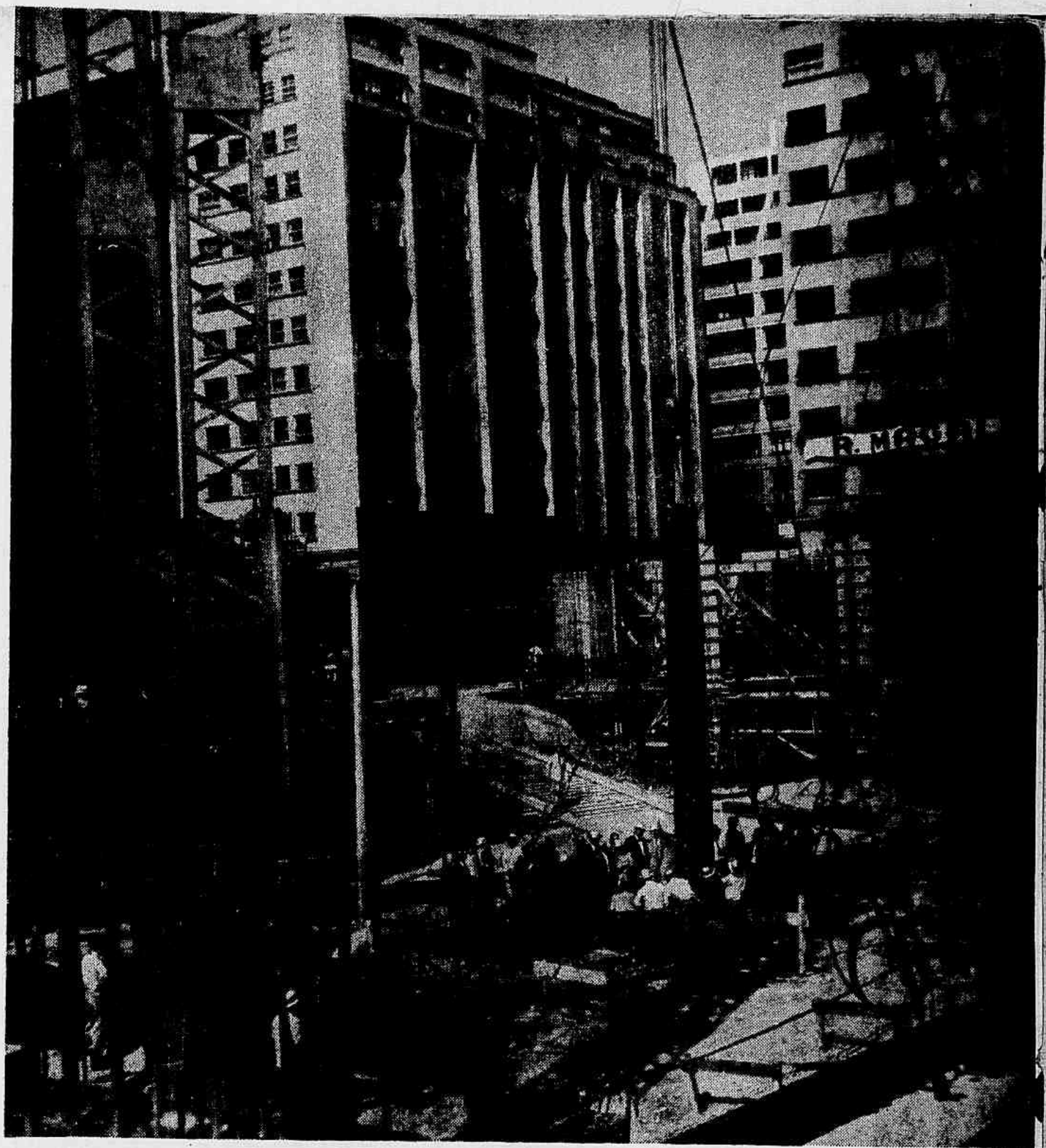
PROBLEMA N.º 50 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Sufixo designativo de diminuição — 3. Catálogo — 5. Encanto — 7. Pessoa que come muito — 10. Fortuna — 13. Indígena da tribo que habitava os sertões situados entre o Araguaia e Xingu — 14. Cruzar (o mar) — 15. Espingarda — 17. Elemento grego que exprime a idéia de "alma", "espírito" — 18. Adivinho — 20. Pisa as peles para amaciá-las — 22. Sustentáculo — 25. Assento prêsso à parede dos antiteatros, nas casas de espetáculos — 27. Vã — 29. Espécie de casuar — 30. Umbu — 31. Melhorar o tempo — 33. Indígenas do Pará — 34. Nota musical — 35. Gana — 36. Símbolo químico do samário.

VERTICAIS: 1. Espécie de canoa — 2. Árvore frutífera dos sertões do Norte do Brasil — 3. Cidade da Nova Caledônia — 4. Nota musical — 5. Nome de homem — 6. Receptáculo cilíndrico de certos frutos (pl.) — 8. Maré forte — 9. Fanfarrice — 11. Cair em forma de cachoeira — 12. Província da Ásia antiga — 16. Planta da família das Euforbiáceas — 17. Cidade da Saxônia, à beira do Elba — 19. Para — 21. Relativo à parte da perna, desde as virilhas até o joelho — 22. Aziago — 23. Solitária — 24. Aquilo que determina um conhecimento — 26. Alta de preços — 28. Despachos — 32. Manga — 33. Símbolo do metal de peso atômico 40,7.



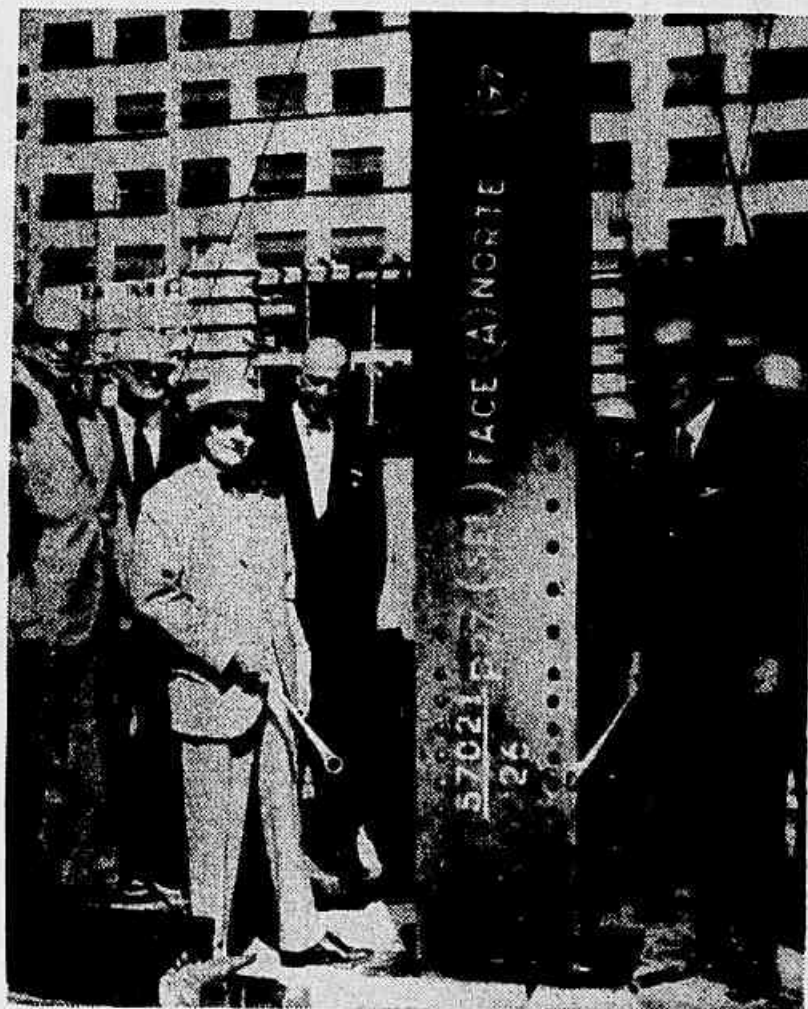
NO DIA 4 do corrente mês, presentes o sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, e demais diretores da Sociedade, numa cerimônia íntima mas de grande significação, foi colocada, nos terrenos da Esplanada do Castelo, a primeira coluna metálica correspondente ao bloco da garagem, da futura monumental sede da nossa maior sociedade turfista. A estrutura metálica, projetada e calculada nos escritórios do engenheiro Paulo Fragoso, foi construída pela Companhia Siderúrgica Nacional e executada na Fábrica de Estruturas Metálicas, subsidiária do grande estabelecimento industrial de Volta Redonda. Abrange ela 13 andares da garagem para abrigar aproximadamente 750 carros, devendo estar pronta até o fim do ano em curso. A referida estrutura tem base de concreto, trabalho de Christiani-Nielsen, a conceituada empresa a que está afeta a construção do majestoso edifício. Levantada por possantes guindastes e colocada a primeira coluna, os parafusos que fixam a base foram apertados pelos srs. Mário de Azevedo Ribeiro, alguns companheiros de diretoria, e pelos srs. João Kubitschek de Oliveira, vice-presidente da C.S.N., e Paulo Fragoso, que também é o engenheiro fiscal das obras. Após a cerimônia, deu-se a transferência da pedra fundamental, anteriormente lançada, com o cofre contendo a ata, jornais e moedas da época, para o seu lugar definitivo, no arquivo do segundo subsolo do edifício. Deste ato se encarregou o presidente do Jockey Club Brasileiro, que recebeu os cumprimentos das pessoas presentes.



No vasto terreno da Esplanada do Castelo está sendo erguida a nova sede do Jockey Club Brasileiro. A foto mostra a colocação da primeira coluna da estrutura metálica.

A FUTURA SEDE DO JOCKEY CLUB BRASILEIRO

COLOCADA A PRIMEIRA COLUNA DA ESTRUTURA METALICA DO IMPONENTE EDIFÍCIO



O presidente do Jockey Club Brasileiro com o cofre contendo a ata, jornais e moedas, que foi transportado para o local definitivo da pedra fundamental. À direita: os srs. Mário Ribeiro e João Kubitschek após apertarem os parafusos da primeira coluna.



JT (juventudetr)



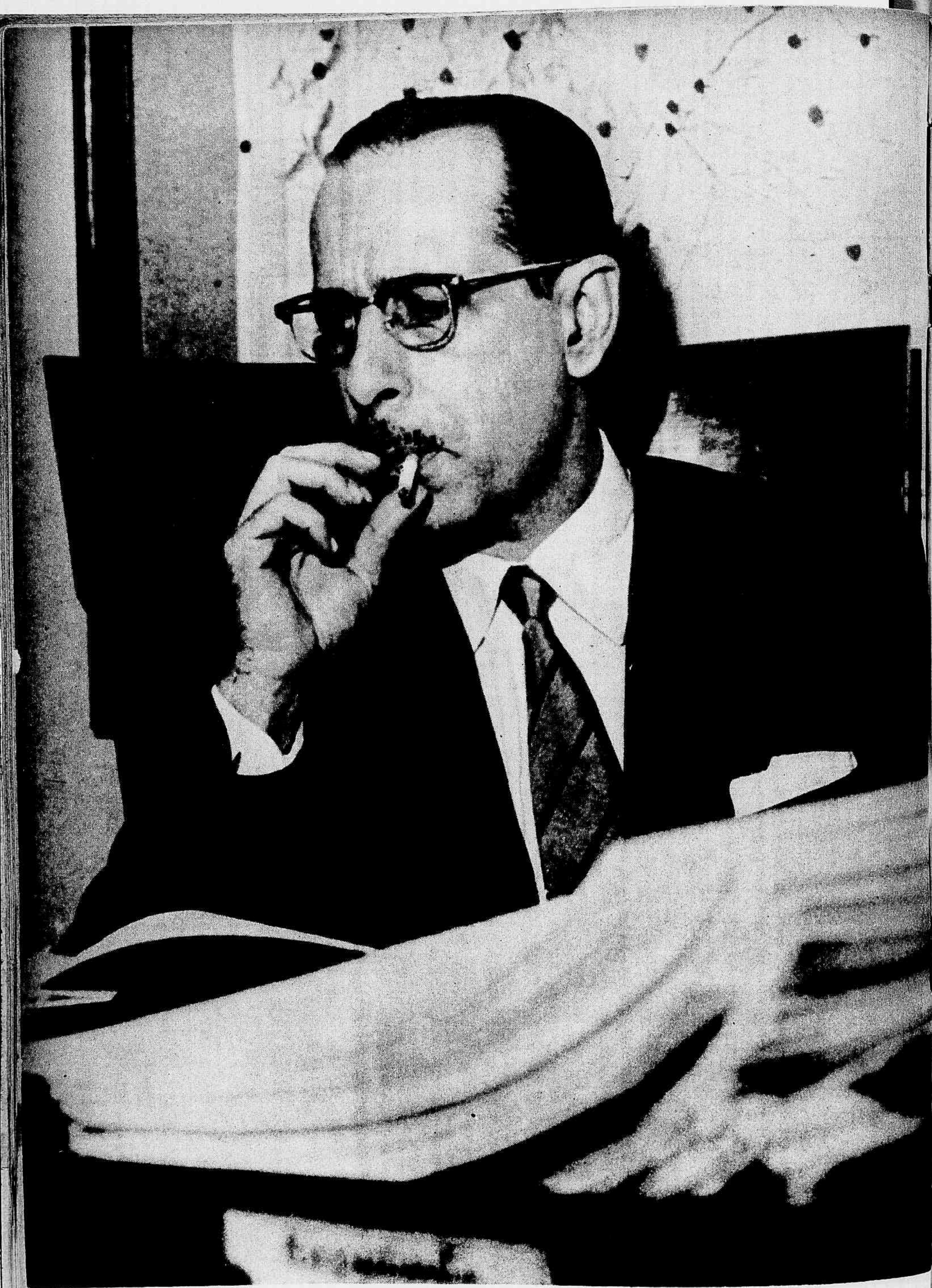
NO MÊS DE JULHO DE 58, uma moça de nome Aída Curi tombava do alto de um arranha-céu de Copacabana. Menina simples e estudiosa, em vida jamais sonharia que seu nome viesse a ser conhecido por milhões de pessoas, tal como foi — nas mais trágicas circunstâncias. As diligências policiais confirmaram em algum tempo as hipóteses de homicídio e em seguida foram denunciados os responsáveis pela ocorrência. Dentre eles, o principal acusado era apenas um garoto de 16 anos, Cássio Murilo, que depois de usar ardis para iludir Aída, ao se ver só com a moça, revelara sua intenção de estupro. Aída, que tentou resistir a tudo, foi atirada pela janela e sofreu morte brutal. A violência, os requintes criminosos, a perpetração calculada, a condição social privilegiada do acusado diante da humildade de Aída, a cumplicidade atuante dos acusados como co-autores (argumentos certamente úteis à Promotoria), provocaram de maneira alarmante a revolta de toda a opinião pública. No Rio, o povo passou por um grande trauma emocional. Criou-se um ambiente carregado e perigoso, não só capaz de ameaçar a vida do assassino de Aída, como de outros menores delinquentes ou transviados, tal o furor das indignadas represálias que surgiam. Ao contrário de se pensar numa reforma geral de métodos e instalações para assistência ao menor, com a superação do abominável SAM e a criação de um órgão de efetiva atividade recuperadora, formou-se uma corrente disposta a criar artigo de lei que possibilitaria aos Tribunais julgar os menores infratores, através da extensão de sua responsabilidade penal à idade limite de 14 anos.

Parecia providência a ser tomada para atingir um caso isolado e específico, para punir alguém que pelo Código não possuía responsabilidade pelos atos que praticava. Mas a reação tomou vulto e generalização, ultrapassou o campo jurídico e passou ao plano mais vasto: o social. Era necessário esquadriñar de uma vez por todas o “fenômeno JT” — a juventude transviada do rock e da lambreta. Foram convocadas as vozes mais inteiradas no problema, para que apontassem soluções, explicassem causas, celsassem germes.

Diante de tal clima, os encarregados pela manutenção da Ordem sentiram-se obrigados a dar satisfações à população carioca. Com agitação febril e certo pânico em vista da situação, a Curadoria de Menores aliada à Polícia promoveu as medidas repressivas que eram clamadas — inéditas na Capital — amplamente acompanhadas pelos jornais: as chamadas “blitzes” aos antros de transviados. Os menores que foram encontrados nos “objetivos” eram imediatamente detidos e encaminhados aos canais competentes, como reza a burocracia.

Estas medidas repressivas à JT — sua eficácia e mesmo legitimidade — geraram acirradas controvérsias. Fizeram nascer um verdadeiro rififi de opiniões prós e contras. Para expor os argumentos dos que as atacaram ou defenderam, é que abrimos espaço, ouvindo dois depoimentos tipicamente antagônicos, de dois cidadãos que vêm chefiando o desenrolar da polêmica, através dos diários e dos debates públicos. Um deles é o executor das “batidas” — o Curador de Menores Dr. Eudoro Magalhães. O outro, um dos nossos mais acatados penalistas — o Ministro Nelson Hungria.

detransviada) **PROVOCA RIFIFI
DE GABINETE**



EUDC

"A
duta d
mento
tórias
exceção
de reg
revelar
tal sor
diferen
cretos
ação p
reprod
Dai a
ou seja
nores,
quer in
gêneres
tatando
— e o
perman
cuba-lil
impunh
Combin
de rep
corrend
nheiros
nos adi
lhesse
vação
juventu
mas êl

Isto
cando
contínu
de viat
aos de
zemos.
menor
acompa
um úni

Em r
cedimen
Magalh

"Já
nistro
tivas f
se não
resisten
comple
de aba
todo co
crifício
transvi

Nunca disse que nossa juventude é transviada, pois para felicidade nossa o que acontece é exatamente o oposto.

"A existência de menores desviados da linha normal de conduta dos menores em geral, sempre existiu, como é do conhecimento de todos. A guerra, todavia, as revistas obscenas, as histórias em quadrinhos e o mau cinema, fizeram com que as poucas exceções de antes assumissem um aspecto mais grave, deixando de registrar-se nas estatísticas o número insignificante de antes, revelando os novos índices um crescimento impressionante. De tal sorte, que o Juizado de Menores não poderia permanecer indiferente a tal situação, limitando-se a apreciar os fatos concretos que chegavam ao seu conhecimento. Era necessária uma ação preventiva intensa no sentido de impedir voltassem a se reproduzir casos que chocavam profundamente a opinião pública. Daí a origem das "blitzes". Nós não o fizemos arbitrariamente, ou seja, sem uma prévia sindicância com os comissários de menores, quase todos voluntários, homens de boa-vontade, sem qualquer interesse. Percorri "boites", cassinos, bares noturnos e congêneres, além de praias, estradas, morros e outros lugares, constatando que apesar da vigilância modesta que exercemos, rapazes — e o que é lamentável — meninas ainda mal desenvolvidas aí permaneciam em atitudes impúdicas, ou bebendo disfarçadamente cuba-libre e semelhantes. Mas eram muitos, de tal sorte que se impunha também (pelo menos de início) uma ação mais enérgica. Combinamos então com a Chefatura de Polícia o nosso movimento de repressão. E isto porque em companhia de tais jovens, concorrendo eficientemente para sua perdição, eram vistos maconeiros, prostitutas, pederastas e inúmeros outros viciados. Não nos adiantava recolher apenas os menores se a polícia não recolhesse também estes elementos nocivos e eficientes para a depravação dos menores. Seria atacar apenas a causa do desvio da juventude sob um de seus aspectos. Nós protegeríamos alguns, mas eles iriam perverter outros.

Isto resolvido em seus menores detalhes, passamos à ação, ficando bem estabelecido que os menores encontrados seriam ato contínuo entregues aos comissários de menores, que dispunham de viaturas para eles destinadas especialmente pelo juizado. Quanto aos de mais de 18 anos, o problema era da polícia. E assim fizemos. E assim prosseguiremos. Não houve um único caso de menor brutalizado pela polícia ou pelos comissários. Eu tenho acompanhado as diligências até 5 e 6 horas da manhã e não deixei um único menor sem proteção.

Em relação às críticas do Ministro Nelson Hungria sobre o procedimento da Curadoria nas chamadas "blitzes", o Dr. Eudoro Magalhães assim retruca:

"Já respondi pela imprensa à todas objeções feitas pelo Ministro Nelson Hungria. Ponho de lado as classificações pejorativas feitas pelo mesmo, porque para elas não cabe refutação se não com outras de igual jaez. Mas, quanto ao mérito, não resistem a qualquer análise. S. Sa. demonstrou que desconhece completamente o problema da assistência aos menores em estado de abandono. É o tipo do teórico de gabinete, onde pode com todo conforto doutrinar. Mas a prática é diferente, exigindo sacrifício e abnegação para evitar que menores de boa origem se transviem e ingressem no caminho que conduz ao crime. É isso

o que temos feito. Lamento é que S. Sa. apesar de todas as provas em contrário se mantenha obstinado. Mas isto não importa. A consciência do dever cumprido é tudo".

O Curador de Menores passa a justificar, apoiado nos textos legais, as atitudes tomadas pelo organismo que dirige, examinando da mesma forma as acusações que lhe foram imputadas pela divulgação das "batidas":

"Nosso procedimento está inteiramente baseado na lei, de vez que o Código de menores declara expressamente, entre outras hipóteses que se considera em estado de abandono os menores "que se encontrem em estado de vadiagem, mendicância, libertinagem ou que freqüentem lugares de jogo ou de moralidade duvidosa", ou ainda que "andem em companhia de gente viciosa ou de má vida, ou que vivam em companhia de pai, mãe, tutor ou pessoa diversa, que se entregue à prática de atos contrários à moral ou aos bons costumes". E se estão em estado de abandono, o que a lei impõe é o seu recolhimento imediato, com a sanção contra tais pessoas, ou seja, perda do pátrio poder, remoção da tutela ou revogação da guarda.

Quanto ao fato de haver a imprensa acompanhado as diligências, nada há de reprovável nisto, de vez que estava no exercício de sua função de informar. Nem há como verberá-la, pelas circunstâncias de fotografar tais menores, porque a única proibição estabelecida no Código de Menores, autores de fatos anti-sociais, ou seja, de fatos, objetivamente considerados pela lei penal como crime ou contravenções."

E conclui, localizando o estado maior do fenômeno JT nas classes abastadas:

"Nunca disse que nossa juventude é transviada, pois para felicidade nossa o que acontece é exatamente o oposto. A quase totalidade da nossa juventude é constituída de jovens que se entregam a labores construtivos sob todos os aspectos, nos esportes, nas escolas, nas oficinas e em outras atividades da mesma natureza. Mas há, desgrazadamente, uma minoria que ingressou pelo mau caminho e que desrespeita e desobedece a qualquer um. São menores que não têm a energia paterna para controlar seus movimentos e que, pelo contrário, recebem de seus genitores meios materiais para prosseguir nesta senda tortuosa, deles recebendo dinheiro bastante, automóveis e outros veículos, permanecendo nos lugares que aponte até madrugada alta, às vezes nem regressando à casa por dias seguidos, sem reprimendas ou observações. De modo que se tornam audaciosos e insolentes, sendo causadores de fatos desagradáveis ou de sofrimentos irreparáveis. São contra estes que nós agimos, não para puni-los, mas para alcançar a sua recuperação. A mocidade sempre brincou e se distraiu, mas sempre soube respeitar os maiores, como conduziu-se com dignidade relativamente aos de sua idade. Notadamente as jovens. Mas não é isto que temos notado nêles. Foi para impedir, repito, esta situação, e para impedir que se agravasse o seu estado de abandono com a prática de atos mais danosos para eles e seus semelhantes que tomamos a iniciativa por poucos incompreendida conforme manifestações espontâneas que tenho recebido."

Jamais o remédio contra a delinquência juvenil foi a prisão comum, como se pretende ou se sugere que faça no Brasil.

Assevera-se que o Código Penal vigente, promulgado em 40, ao declarar penalmente irresponsável o menor de 18 anos, arrestando uma evolução que se vinha processando desde a lei de assistência e proteção a menores, de 1923, já não corresponde à realidade atual em que se apresenta, por causas supervenientes àquela época, uma generalizada aquisição precoce das condições da responsabilidade penal. Em primeiro lugar, não se compreende que, para pôr o Código ao nível da vida social contemporânea, cujos estilos seriam diversos dos de 20 anos atrás, seja necessário voltar-se ao critério medieval do Código de 1890, do qual já se disse, e com toda a razão, que já era atrasado ao tempo em que foi publicado. Seria isto uma evolução de marcha-à-ré ou de rabo-de-cavalo. Em segundo lugar, não é exato que posteriores condições biológicas ou ambientais hajam abreviado a maturidade psíquica, sob o duplo aspecto intelectual e volitivo, a que é subordinado o reconhecimento da capacidade do Direito Penal. Com o aumento da população, cresceu, naturalmente, o algarismo da delinquência juvenil, mas não há indício algum de que os menores de 18 anos apresentem nos dias que correm, maior precocidade de entendimento e volição do que em 1940. É preciso não confundir maior quantidade de delinquência infantil, em razão de maior densidade demográfica, com mais precoce capacidade penal. Nem no Brasil nem em qualquer outro país operou-se o fenômeno da generalizada antecipação da maturidade psíquica. O sistema adotado pelo nosso Código continua sendo o da maioria das legislações do mundo civilizado e longe de sua abolição, o que se nota é a tendência para a sua generalizada adoção. O critério brasileiro é o mesmo ou quase o mesmo adotado na Noruega, Suécia, Suíça, Holanda, Irlanda, Hungria, Rumania, Letônia, Estados Unidos (no plano federal), Canadá, Austrália, Índia, Japão, China, Colômbia, Peru, Uruguai, México, Chile. Nos Estados Unidos onde existe realmente o fenômeno da JT e muito acentuada é a delinquência juvenil, é de data relativamente recente, isto é, de setembro de 1950, o "Federal Youth Corrections Act", assinado pelo Presidente Truman, no sentido de isentar os jovens até 22 anos da pena criminal, para sujeitá-los exclusivamente à medidas pedagógicas corretivas. Somente a Rússia é que contra-marchou no critério do tratamento aos menores de 18 anos: com os novos estilos de vida social, adotados nas Repúblicas Soviéticas, cresceu assombrosamente o coeficiente da Delinquência Juvenil e a solução encontrada foi a aplicação de medidas drásticas entre as quais figura, pelo menos em tese, até mesmo a pena de morte. Mesmo naqueles países em que a responsabilidade penal pode ser reconhecida nos menores de 18 anos, são eles submetidos, não a tratamento repressivo ou expiatório, mas exclusivamente educacional. Assim, por exemplo, na França, segundo uma lei de 1946, ali promulgada.

Não existe no Brasil juventude transviada. A trepidação emocional causada pelo noticiário sensacionalista em torno ao caso da morte violenta da infeliz Aída Curi é que fez nascer a fábula de que temos, como fenômeno extenso, os adolescentes fora dos trilhos.

Não se deve confundir menores indisciplinados, ou antecipadamente emancipados de fato, com menores desvinculados da autoridade familiar para se entregarem a todos os desregramentos. Não é transviado o menor que na Capital da República, não se recolhe ao lar na hora em que as galinhas vão para o poleiro, como acontece no arraial de Grugutuba. E se é reconhecível uma meia dúzia de autênticos transviados, absolutamente desautorizada a generalização que se pretende fazer, apenas por espírito

de imitação. No discurso que fiz na A.B.I. e que em tantos pontos foi deformado pelos resumos nos jornais, afirmei que o Brasil, no seu satelitismo, acha de emitir fumaça quando os Estados Unidos fazem fogo. Assim como já adquirimos o gosto de beber coca-cola, de fumar cigarros pall-mall ou lucky strike, cantar em inglês e tropiado as canções da Broadway, dançar o rock and roll, enfiar as pernas em blue-jeans e ver as mulheres em ademanos masculinos, segundo a moda de Tio Sam, não podíamos deixar de ter também a nossa juventude transviada, apesar de que entre nós jamais existiram as causas que acarretaram no país dos ianques o fenômeno da *wayward youth*.

Jamais o remédio contra a delinquência juvenil foi a prisão comum, como se pretende ou se sugere que faça no Brasil. O menor delinquente deve ser objeto de educação individualizada segundo os métodos preconizados e coroados de êxito em outros países, — e não ser mandado a fazer companhia ao "Sete Dedos" ao "Volta Sêca", ao "Mão Ligeira" para que se contagie de todas as perversões morais e torpezas do submundo da criminalidade. Reconheça-se que há talvez uma certa benignidade por parte dos juizes de menores, no tocante às sanções a que estão sujeitos os delinquentes menores de 18 anos, mas o remédio para isto não seria reduzir a idade mínima da capacidade penal. Mas adotar-se, como já sugeri, que a periculosidade condicionante da indefinição internacional destes menores, seja presumida em certos casos, como por exemplo a prática de homicídio em circunstâncias de crueldade, assaltos à mão armada, roubos, criminalidade organizada, reiterada conduta anti-social. O de que necessitamos é redimir pela reeducação os menores desajustados e não estigmatizá-los em sua permanência nessas sucursais do inferno, que são as penitenciarías".

Depois do Ministro Nelson Hungria nos fornecer este panorama geral do assunto juventude transviada — diante do que se cria ou pretende criar para combatê-la em nossa Sociedade, indagamos sobre as atitudes tomadas pela Curadoria dos Menores, nos últimos tempos, em relação às detenções de menores e demais medidas repressivas. A resposta foi imediata:

— "O Dr. Curador de Menores, que até agora se limitara à sonolência burocrática, fez causa comum com a autoridade policial para dar "batidas" contra menores encontrados em bares abertos e dancings instalados em bairros residenciais e que nada estão praticando de maior. Nos jornais e nas telas de cinema todos nós vimos estampados os retratos e os nomes por inteiro destes menores, com infração do dispositivo expresso do Código de Menores. Para justificar-se de tal leviandade, o Dr. Curador sofismando contra a lei, asseverou que tal dispositivo somente diz com os menores delinquentes, como se com maioria de razão não fôsse aplicável aos que não o sejam. Perseguidos pela Polícia sem a proteção daquele mesmo a quem a lei incumbe de os proteger, os nossos adolescentes já não têm outro recurso senão o de pedir o apoio da Sociedade Protetora dos Animais. Muito zeloso de propriedade de nomenclatura, não admitindo, ao arripio do texto legal e da lição doutrinária, que se fale em menores delinquentes, delinquentes irresponsáveis, delinquentes loucos ou psicóticos, a sua única atividade funcional, fora dos autos, é dar capangas espalhafatosas aos menores, por sugestão de novelescas reportagens

monte
sil, m
Unida
a-cola
ês e
enfim
ascub
de te
e nã
anqua

prisi
sil. (C
lizada
outro
edos
toda
idade
te do
tos q
o nã
tar-se
efinid
com
cruel
nizada
edim
os em
eniten-

orama
e cria
gamos
ultimos
edidas

tara à
e poli-
bare
e nada
cinema
inteiro
Código
urador
nte di
ão nã
licia e
os pro
enão o
zelos
pio de
es de
ou psi
ar cap
tagens



A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 20 de setembro de 1908

Este número da Revista da Semana — o 436º, do ano XIII, é inteiramente dedicado ao estado do Pará e traz uma quantidade de páginas bem maior do que a habitual. Todos os aspectos do grande estado do Norte — sua história e geografia, bem como o seu desenvolvimento industrial e agrícola, seu comércio, sua política e sua literatura, estão aí fartamente, documentados.

A capa traz, em três côres, o brasão do Pará, e a primeira página — as armas da cidade de Belém. A esta se segue uma foto do Dr. Augusto Montenegro, governador do estado, uma vista panorâmica da cidade, o mapa do estado, a planta da cidade de Belém e a foto do intendente — Senador Antônio José de Lemos. Só então, à pág. 7, inicia-se o texto propriamente dito, fartamente ilustrado com fotos do Palácio da Municipalidade, interior e exteriores, sôbria mais elegantemente decorados. Adiante, vem um artigo sobre a imprensa paraense, acompanhado de retratos dos diretores e redatores-chefes dos principais jornais; o resto da revista é uma sucessão de vistas de jardins públicos, interiores de igrejas, escolas e teatros, detalhes de cais — enorme material que dá uma expressiva visão da cidade de Belém, de suas ruas onde se alinham as belas residências de dois e três andares, avareandadas, encimadas por minaretes. Um valioso material com que se poderia fazer hoje, facilmente, um levantamento completo da Belém do princípio do século.

Também o texto é de grande riqueza informativa, pois o Estado do Pará aí aparece explorado em seus mínimos detalhes.

Eis a introdução a este número especial:

"Um quase desconhecido manuscrito do saudoso Henri Coudreau termina com estas

entusiásticas palavras: "Pará, reine de l'Amerique chaude..."

O grande Agassis, numa carta dirigida a Pimenta Bueno, escreve: "...e, no entanto, tenho prazer em repetir, por mais que digam ao contrário, mesmo no Brasil, que não conheço país no mundo mais rico, mais cheio de atrativos, mais fértil, mais salubre e mais próprio para vir a ser o foco de uma numerosa imigração.

Entusiásticas palavras essas que vieram confirmar as célebres profecias do glorioso Humboldt e as previsões de La Condamine e as opiniões de von Spix e de von Martius, de d'Orbigny e de Wallace, de Maury, Herndon, Gibbon e tantos outros que o puro amor da ciência tem trazido a perscrutar as maravilhas inéditas desta prodigiosa região à qual são agora consagradas estas páginas despretenciosamente destinadas a registrar em síntese o seu extraordinário progresso.

E, neste momento histórico da vida econômica do país, tão brilhante e fecundamente assinalado pela Exposição Nacional de 1908, bem o merece o Pará que, dos Estados do Brasil, é o segundo em valorização proporcional da exportação anual e o terceiro em superfície, convindo notar que, à exceção da Rússia, todos os países da Europa são menores que ele."

A este preâmbulo, segue-se uma síntese histórica e geográfica do Estado, um quadro comparativo do valor da produção da borracha nas safras de 1899 a 1907, um mapa demonstrativo dos gêneros exportados pelo porto do Pará, durante o ano de 1906, bem como um mapa dos impostos arrecadados em 1907.

Em página inteira, com uma ilustração colorida onde se vê um busto feminino,

vem um soneto — Tapuia — assinado por uma mera inicial: R.

Nos magos olhos viceja,
Cheios de casta bondade,
Tôda a graça sertaneja
Na aurora da mocidade

Da que assim sempre te veja,
Do senho na majestade,
Jassanã que leve adeja,
Como intangível saudade.

Teus olhos inebriantes
Têm certo que de empolgantes,
Têm certo que de perversos...

Extasiada e perplexa
Fica, a teus pés, genuflexa,
Minh'alma desfeita em versos!

Três páginas da revista são ainda dedicadas à seção paraense da Exposição Nacional, e nas quatro restantes aparecem, ligeiramente, notícias de alguns acontecimentos da semana, entre eles, o misterioso crime havido em Terra Nova, perto de Inhaúma: um jovem casal, na manhã seguinte ao casamento, aparece morto na residência — cada um com duas balas no coração. Ignora-se inteiramente as razões e autoria do crime. Tinha a jovem apenas 18 anos e ele 21.

Aparecem, ainda, flagrantes da parada do dia 7 de setembro, vendo-se, num deles, a passagem das forças pela Avenida Central, e em outro, o desfile em frente ao Palácio São Luís.

"Mil" lhe oferece:



RÁDIOS
ANTENAS
ACESSÓRIOS

para todos os carros

PREÇOS HONESTOS
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO



EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE.

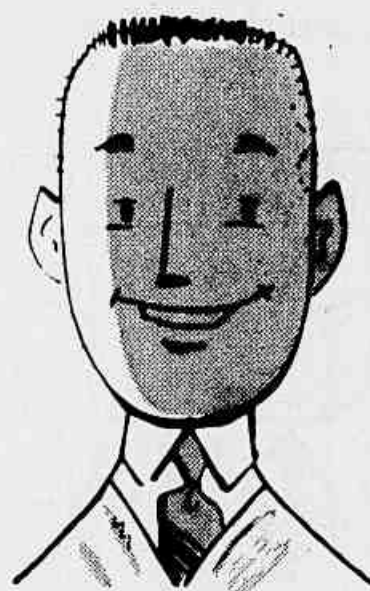
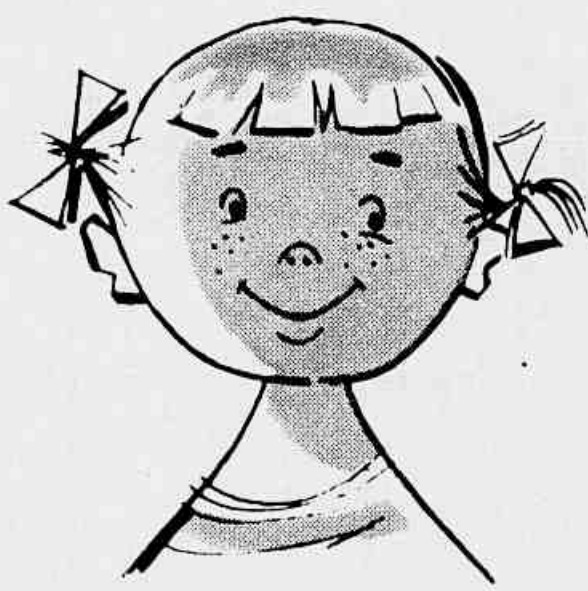
Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

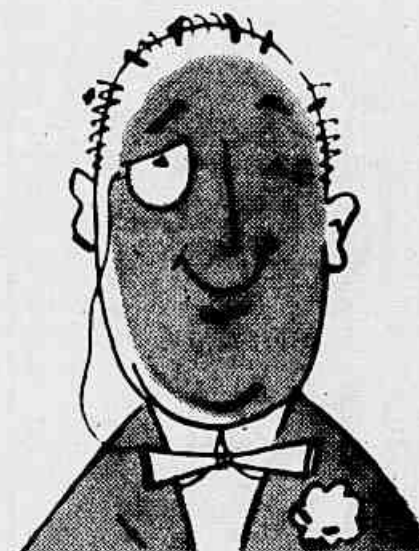
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"

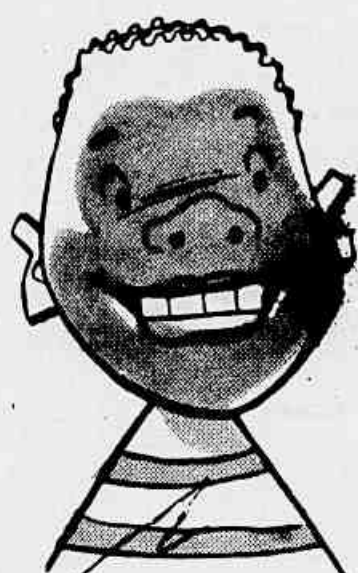




O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

OS GALHOS DO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABU



RESUMO — Vindos do Líbano, a viúva Nabira e seus filhos se radicam em São Paulo. Depois de longos anos numa dura luta pela vida, o destino os leva para São Luís do Maranhão. Aos poucos, chega a prosperidade, através da pequena casa comercial que vai tomando impulso, pelo esforço e pelo trabalho dos filhos, agora crescidos e daí a pouco casados. O sobradão colonial onde moram é alegrado pelas brincadeiras dos cinco netos de Nabira, principalmente por Sérgio — o mais velho, com a idade de doze anos. Um dia, parte Nabira para o Líbano, a fim de rever a terra e o filho que lá ficou — Yussef, e que também já se encontra casado. E na volta, passa a contar as notícias da terra de sua infância.

MADRUGADA DE LUAR EM S. LUÍS, do maravilhoso luar do norte que é comovente de tão claro e sereno. Sons cavos do batuque do Bumba-meu-Boi enchiam a noite. Nabira embalava-se na rede de rendadas varandas, defronte de uma janela aberta. Entravam vento e luar, o luar desenhando no chão em claro e escuro, sombras estranhas e misteriosas.

A velha estava triste. Sérgio ainda não voltara de mais uma de suas intermináveis farras. E o pior, é que quando entrasse em casa, assobiando baixinho e fôsse espiá-la para ver se dormia, não teria coragem de admoestá-lo. Ante o neto, era fraca e tôla, jamais encontrando argumentos para rebater sua lógica fria ou seus protestos de independência. Dizia-lhe quase humilde que êle com vinte e oito anos feitos, precisava sentar cabeça, casar-se, esquecer as noitadas que arrasam a saúde.

Sérgio batia os ombros num velho cacoete:

— Minha avó, a senhora não se gabava de só ter-se casado com quem quis? Não achou horrível vovó Adma querer casá-la com o tal sujeito de Alepo? É... a senhora é malandrinha! Fêz sempre o que quis mas gosta de obrigar os outros a fazerem o que não querem. Já não casou tanta gente? Não está cheia de bisnetos? Deixe-me em paz, vovó.

Nabira suspirava dizendo não querer morrer sem vê-lo casado, sem conhecer o seu primeiro filho. Era tão fácil amar alguém. A questão era querer amarrar-se.

Sérgio não se irritava porque queria muito bem a sua "Rainha da Inglaterra". Com o riso cada vez mais parecido com o de Nassim, beijocava-lhe a testa ampla:

— Pois então vou-me casar no mês que vem. Estou amando uma brasileira linda!

Nabira se assustava:

D CEDRO

OU



LUIZ CANABRAVA

Nabira escutou os passos de Sérgio subindo a escadaria

— Sérge pêle amor de Dês, case com moça de su raça. Brasile" é fraca, non goste de tê filho. Non goste de cozinhe. Quem vai faz "quibe" pra ocê? Lê! Ocê non faz bubage mê netino.

— Estou brincando, vovó. Não vou casar, porque não gosto de ninguém. Se gostasse, casava fôsse brasileira, chinesa ou síria. A senhora gosta do dinheiro que ganhou no Brasil, mas não quer dar seu neto querido para uma brasileira bonita. Por quê?

— Menino, eu gosta de "brasilie". Gosta muito mêmme. Mas "brasilie" não gosta de nós. Em San Paulo chama nós de turque, aqui in Maranhon de "carcamano". Ocê non vê qui tem muito pouco batricio casado com "brasilie"? Num dá certo mê netino.

— Pois eu conheço vários casais felizes. Vovó, se convença que os netos de libaneses são muito mais brasileiros do que libaneses. É claro que temos de adaptar-nos a essa vida. Em São Paulo, no Rio, a colônia sendo muito grande, ainda consegue se isolar em seus hábitos e costumes. Mas aqui, somos absorvidos.

— É, ocês non fala árabe. Non lê stória de Liban.

— Mas queremos muito bem ao Líbano. Quer livro melhor do que vocês que nos contam tudo, tudo de lá? Minha avó, os netos dos primeiros emigrantes são médicos, professores, jornalistas, advogados, oficiais brasileiros. Vimos até governadores de Estado com sangue libanês. Orgulhe-se disso, Rainha da Inglaterra. Não lamente a nossa adaptação. Você sabe que um pedaço do nosso coração é do Líbano...

O luar estava ainda mais claro e a brisa de S. Marcos mais doce. Os sinos do Carmo chamaram para a missa da madrugada e Sérgio não voltara. Nabira suspirou doridamente: pena que Yasmine não tivesse vindo. A neta escrevia raramente, contando-lhe cursar a Universidade de Beiruth, fazendo-lhe apenas vagas promessas de uma viagem eventual ao Maranhão. Pelos retratos enviados, Nabira achava-a linda e acentuava-se sua convicção de que se realmente viesse a S. Luís, Sérgio e ela se casariam. O neto deixaria a vida cansativa e cheia de farras, constituiria família e seria feliz.

As cartas da moça eram alegres e cheias de espírito. Contava-lhe das modificações pelas quais passava o país. O domínio francês, se bem que humilhante, arrastava-o para a civilização ocidental. Todo mundo falava árabe e francês e mesmo criaturas do povo, falavam também inglês. Beiruth formava uma ponte entre o Ocidente e o Oriente. Suas ruas pitorescas cheias de trajes ocidentais e orientais, eram intensamente movimentadas. Yasmine contava de seus divertimentos, do curso que fazia e Nabira punha-se a pensar na diferença entre sua rígida e sacrificada juventude e a da neta moderna. Não, não desistiria da idéia de vê-la casada com Sérgio. Escrever-lhe-ia no dia seguinte, rogando-lhe que viesse visitá-la, pelo menos durante três meses. Para atraí-la, prometeria levá-la numa viagem por toda a Europa, depois que tivesse vindo ao Maranhão.

Nabira escutou os passos de Sérgio subindo a escadaria rangideira do sobrado. Fechou os olhos depressa, fingindo dormir pois êle vinha vê-la, infalivelmente, quando chegava da rua. Às vezes, conversavam um pouco. Outras, quando ela dormia ou fingia dormir, êle a beijava de leve ou a embrulhava no lençol que escorregara da rede. Nessa noite Nabira não queria conversa. Se falasse, seria para criticá-lo, mais uma vez pela vida libertina que andava levando, fazendo farras em pensões, gastando uma fortuna com uma amante alourada por quem montara casa.

Estava cansada e desiludida de aconselhá-lo, de pedir-lhe para se poupar mais, deitar mais cedo, já que trabalhava duramente no escritório.

O rapaz entrou no quarto, assobiando bem baixinho. No seu rosto pálido e sonolento, de traços acentuados e belos, os olhos fulgiam esverdeados. Da cabeleira, agora castigada de gomalina,

ainda se desprendia um naco despenteado, caindo-lhe sobre a sobrancelha esquerda. Espiou a avó e teve certeza de que ela estava acordada. Várias vezes a pilhara fingindo-se adormecida e então fingia também acreditar.

Sorriu, beijando-lhe a testa. Cobriu-a melhor e pôs no punho da rede uma flor amarela trazida da "Pensão da Honorina". No dia seguinte lhe diria que a apanhara na praça Benedito Leite, ao vir para casa.

Sérgio era assim: Gentil e irreverente, rebelde às alheias vontades, mas submisso às suas grandes afeições...

Nabira antecipara-se à sua época. Devia ter nascido quando Yasmine nasceu. A neta gozava do privilégio de instruir-se, de conviver sadiamente com moças e rapazes nas magníficas salas da Universidade de Beiruth. Falava francês e inglês fluentemente. Lia muito. Clássicos modernos e antigos. Libertara-se das pesadas convenções de sua aldeia. É certo que sua luta fôra branda, porque mesmo nas aldeotas conservadoras compreendiam-se melhor, agora, os direitos da mulher. Yasmine convencera os pais a deixarem-na ir para Beiruth, viver em casa de uma prima da mãe, para poder estudar. Convencera-os também a permitir que trabalhasse depois de acabados os estudos.

A moça tinha uma vida útil e sã. Estudava com imenso prazer, ia a conferências instrutivas, divertia-se em festinhas cheias de alegria e juventude. Ainda não amara, embora tivesse vários apaixonados. Era mulher que chamava a atenção. Alta e bem proporcionada, olhos negros e pestanudos, vivos e inteligentes. Seus cabelos, que não escureceram como prometiam, caíam-lhe castanhos e abundantes nos ombros roliços.

A prima, a princípio, quis tolhê-la, imbuída das tradições de reserva e dependência às quais estiveram sujeitas ela e suas contemporâneas. Mas viu ser inútil. Yasmine fazia o que queria. Também, não abusava de sua preciosa liberdade. Jamais a vira com namoricos ou chegando em casa fora de hora. A jovem prezava a liberdade pela liberdade em si. Suas cadeias eram apenas as da consciência.

Yasmine aos dezoito anos, talvez fôsse mais independente do que as brasileiras de sangue libanês de sua idade. Isso porque no Líbano, as famílias adaptavam-se gradativamente à natural evolução do país, ao passo que, com exceções, é claro, os libaneses transplantados para cá, viviam no passado, aferrados aos costumes deixados na pátria distante.

Yasmine fôra passar na aldeia, as férias da Páscoa que na Igreja Ortodoxa cai em data diversa da nossa e é comemorada muito alegremente. Na sala em que se reunia a família e onde se destacava o retrato de Nabira, ela distribuía entre os presentes, ovos de galinha cozidos em casca de cebola para ficarem duros e amarelos. Faziam-se apostas e rogos, batendo os ovos uns, nos outros. O dono do ovo, que resistindo aos embates, não se quebrasse, seria o herói da tarde e seus desejos mais recônditos realizar-se-iam antes da próxima Páscoa.

Yasmine havia pedido para ter sempre uma vida movimentada e alegre, aventureira e cheia de imprevistos. E... vencera. Contra o seu, partiram-se os demais ovos.

Ela ficou muito contente porque em todas as almas, mesmo nas das jovens modernas e evoluídas, há muita superstição. Convenceu-se de que seu destino seria romanesco e lindo.

Nesse momento, uma vizinha vinda do coração da aldeia, entregou-lhe uma carta do Brasil chegada pela manhã ao posto de correio. Era carta da avó Nabira, escrita num péssimo francês,

do sobrado. Fechou os olhos depressa, fingindo dormir.

naturalmente por algum dos seus netos ou bisnetos, insistindo para que fôsse passar três meses no Maranhão e prometendo-lhe a viagem à Europa. Yasmine emocionou-se. Não seria aquela carta o primeiro impulso a empurrá-la para a existência que almejava? Sempre tivera muita vontade de conhecer o mundo — as praias do Rio de Janeiro, o Museu do Louvre, os canais de Veneza, as ruínas árabes de Espanha. Não lhe custaria nada passar algum tempo no Maranhão, certamente interessante e típico, ganhando em troca uma sonhada viagem à Europa.

Mirou o retrato da avó que, imponente e muito enfeitada, sorria entre o Czar e a Czarina, depostos e mortos há muito tempo, mas sempre honrados nos lares dos aldeões. Yasmine achou nos traços de Nabira um que de matreirice, de esperteza. Sabia que a avó a queria para casar-se com o neto mais velho. Na família falava-se sempre da promessa de Yussef em mandá-la ao Brasil, aos quinze anos, para unir-se a Sérgio. Algumas vezes Nabira escrevera lembrando a promessa. Agora, certamente por ter percebido que não a arrastaria a um casamento arranjado, viera com a história da viagem à Europa, tentando atraí-la. Engraçado, Yasmine pensou, aquele capricho, aquela obsessão da avó em casá-los. Seria certamente uma válvula de escape de emigrante saudosa, buscando enlaçar seus dois mundos, suas duas famílias.

Releu a carta e decidiu-se a ir. Os estudos poderiam esperar. Não perderia a chance, talvez única, de conhecer vários países fascinantes. Seu pai tinha recursos medíocres, pois não soubera duplicar o rico dote da mulher, o qual fôra quase consumido na manutenção de sua enorme tribo. Dêle nada podia esperar para viajar algum dia, pois já era difícil arrancar-lhe as libras que a mantinham em Beiruth. Se não se casasse com um homem rico, jamais realizaria seu sonho de visitar o resto da Europa, a não ser, agarrando-se à oportunidade que a avó lhe oferecia. Iria sim ao Maranhão, mas com o único intuito de depois conhecer o Velho Mundo. Triste da velha se tentasse ludibriá-la, se fugisse ao prometido. Obrigá-la-ia de qualquer maneira a cumprir a promessa. A carta iria consigo como precioso documento.

Yasmine trepou na velha arca que pertencera a Nabira e fazia parte do mobiliário da sala, pondo-se a gritar a plenos pulmões pedindo silêncio. Os irmãos e cunhados calaram-se surpresos, as crianças pararam de brincar, Yussef e a mulher vieram depressa do terraço ver o que havia. Yasmine declarou-lhes, em alto-e-bom-som, que muito breve viajaria para o Brasil. Não com o fito de casar-se como imaginariam, porém para visitar a avó durante três meses e depois viajar, em sua companhia pela Europa. Nabira prometera-lhe, na carta que lhe fizera, que ela mesma a traria de volta ao Líbano.

Estouraram comentários. A mãe enxugou os olhos na barra da saia imaginando que Yasmine não mais voltaria. A sogra a casaria por lá como era seu plano. Yussef fazia cálculos para ter certeza da idade da velha, embasbacado para ainda pensar em viajar. Os jovens invejavam a mãe da moça.

A carta passou de mão em mão, Yasmine recomendando cuidado. Queria levá-la intacta para o Brasil. Seria a prova da promessa feita.

Pulou da arca ao chão. Falou que responderia no dia seguinte à avó, dizendo-lhe para mandar quanto antes o dinheiro da passagem. Procuraria saber de algum casal que fôsse para o Brasil, porque a velhota recomendara que viajasse muito bem acompanhada. Uma de suas duas primas brasileiras iria expressamente ao Rio recebê-la e levá-la sã e salva a S. Luís. Esses cuidados fizeram-na rir. A avó pensava ser ela uma tímida mocinha, inapta para resolver os próprios problemas. Enfim, não custaria nada fazer-lhe a vontade.

A Páscoa trouxera-lhe um ovo-surpresa, embrulhado no papel verde da esperança, amarrado na fita berrante da aventura.

Ah, a emoção da primeira viagem! A sensação de deixar um mundo chão e habitual para ingressar no surpreendente. A melodia das línguas desconhecidas, os hábitos diversos! O avião pernoitou em Roma e Yasmine implorou ao casal em cuja companhia viajava para darem uma volta pela Cidade Eterna. Prazer e suplício! Caminhar em lugares de sagradas memórias, sem poder visitá-los minuciosamente. Passar pelo Vaticano, não ingressando em seu ventre fabuloso. Ver de longe as brancas e magníficas ruínas do Forum e não se sentar à base de uma daquelas esguias colunas mutiladas, evocando a cidade bela e etérea que ali existiu. Ao contornar o Coliseu seus olhos encheram-se de lágrimas. Roma é comovente pela sua grandeza. É impressionante porque o passado grandioso e cruel, lúbrico e místico, paira quase tangível sobre suas artérias movimentadas e modernas.

Apesar do tanto que ouvira falar da beleza do Rio de Janeiro, quando o avião o sobrevoou, Yasmine surpreendeu-se com a sua radiosidade. A natureza inspirara-se, combinando as montanhas e o mar, criando praias assim extraordinariamente brancas. O Cristo simbolizava o Brasil de braços abertos, recebendo os que o procuravam simplesmente para conhecê-lo ou para nêle lutarem pela vida. Yasmine sentiu a garganta cerrada no pressentimento de que os braços do Brasil se fechariam em torno dela, aprisionando-a para sempre em seu seio. A fascinação da terra grandiosa é imediata, principalmente, para os libaneses conhecedores de suas tradições de generosidade.

No aeroporto a prima identificou-a com facilidade. Era Fátima, filha de Abdo que viera ao Rio buscá-la, aproveitando para levar uma de suas filhinhas a um ortopedista. A garotinha pisava mal, tinha pés chatos.

Entenderam-se numa mistura de árabe, francês e inglês. Simpatizaram-se imediatamente. Yasmine soube que teriam de seguir para o Norte logo no dia seguinte. Que a avó estava ansiosíssima por vê-la. Conheceria o Rio de Janeiro de regresso ao Líbano. (Não era essa a verdadeira idéia de Nabira. Havia determinado consigo mesma que Yasmine fosse à Cidade Maravilhosa, a sua lua-de-mel).

A família em pêso, com exceção de Sérgio, esperava-a no pequenino aeroporto de S. Luís, as crianças carregando alegres buquês de rosas e angélicas. Nabira e Yasmine abraçaram-se estreitamente. Confundiram-se os cabelos brancos de uma e os cabelos côm-de-mel da outra, limitando um período que tantas modificações trouxera ao Líbano e ao Brasil. Nabira raramente chorava mas, seus olhos se umedeceram ao beijar a testa da neta, ampla e bonita, igual à sua própria testa.

As apresentações começaram. Cada vez que um rapaz lhe apertava a mão, Yasmine imaginava, divertida, que fôsse o primo com quem a avó queria casá-la. Ao chegar a conclusão de que ele não se dera ao trabalho de ir recebê-la, irritou-se ligeiramente. Na certa, pensava que ela viera para atirar-se em seus braços. Como no Líbano, todos aqui deviam conhecer os projetos da avó. Era humilhante Sérgio não ter vindo. Parecia querer avisá-la de sua indiferença pelos planos da velha...

Logo no aeroporto mudaram-lhe o nome. Virou Jasmina.

(Continua)



Françoise Sagan (25 anos) vive intensamente. Casada há menos de seis meses, já pediu divórcio.



O famoso ator Devid Niven já foi coronel do exército. Aqui aparece com outra personalidade marcante: Cantinflas.



Keida Fobeda, que já esteve no Brasil como

A COMÉDIA HUMANA

A PROPÓSITO DE... PERSON

CARLOS A. NASCIMENTO



Brasil como bailarino, é hoje Ministro do Interior do Senegal.

PERSONALIDADES

QUANTAS PESSOAS conhecemos de nome; quantas "estrêlas" do cinema, do teatro, da literatura ou mesmo da política que tomamos conhecimento de suas existências pelas notícias dos jornais ou pelo que nos apresenta o cinema, o teatro, o rádio ou a televisão. Imaginamos criaturas diferentes que vivem apenas no "glamour" de suas profissões ou "abafadas" com os problemas da alta política internacional; quantos dramas e quantas comédias se escondem por trás do palco da vida das personalidades. E diante dêste mundo tão pequeno e tão democraticamente construído, chegamos à conclusão de que todos nós, conhecidos ou desconhecidos, ricos ou pobres, belos ou feios somos, na realidade, feitos do mesmo barro que um dia se transformará em pó.

DE "VAGALUME" DE CINEMA A PRESIDENTE DA METRO

Do mesmo barro foi feito Joseph Vogel, presidente da Cia. Metro G. Mayer que passou de simples "vagalume" de cinema, de modesto funcionário de salas de projeção, de um homem com uma farda espalhafatosa que ganha a vida com uma lanterna na mão indicando lugares aos espectadores a presidente do maior império cinematográfico do mundo, ganhando um ordenado superior a um milhão de cruzeiros por mês.

O DIPLOMATA ERA TOUREIRO

"Os Umbrais do Medo" é um livro editado nos EE.UU., que trata da vida arriscada dos toureiros. Trata-se de uma obra escrita por Barnaby Conrad, ex-vice-cônsul dos Estados Unidos em Madri que, servindo como diplomata na capital da Espanha, tornou-se "protegé" do mais famoso toureiro da época — Belmonte, seu mestre e iniciador na arte de desafiar touros e com quem mais tarde atuou nas maiores praças da Espanha. De regresso aos EE.UU., Conrad seguiu depois para o Peru onde também apareceu com destaque como "matador". Em 1947, já com idade imprópria para as lutas de arena, o ex-diplomata iniciou-se na carreira de escritor tendo os olhos voltados mais para as arenas do que para as bibliotecas.

GORJETA DE REI

Comenta-se que no ano passado o rei Ibn Saud, da Arábia Saudita, ofereceu a maior gorjeta da história das gorjetas ao ofertar ao chefe da Orquestra Kurhaus, de Baden Baden (Alemanha) a importância de cerca de 150 mil cruzeiros por ter a referida orquestra oferecido uma serenata a Sua Majestade que se encontrava naquela cidade em gozo de férias com sua comitiva composta de 40 cortesãos.

O BAILARINO QUE SE TORNOU MINISTRO

A pasta do Ministério do Interior do Senegal (África Ocidental Francesa) foi entregue ao sr. Keita Fodeba. O atual ministro, que se tornou famoso no mundo inteiro como bailarino e coreógrafo do conjunto "Les Ballets Africains", já percorreu toda a Europa Ocidental, África, Oceania e grande parte da Ásia. Suas andanças pelo mundo datam de 11 anos, durante os quais percorreu 300 mil quilômetros levando a arte africana a todos os povos da terra.

SANGUE AZUL TAMBÉM NA MÚSICA

O príncipe Samson Beyene venceu o campeonato dançante de calypso, instituído pelo "Calypso Room". Samson, que é neto do imperador Haile Selassie, é, agora, além de príncipe da Abissínia, o rei do calypso.

OS NOBRES DO CINEMA

Mais dois artistas ingleses acabam de ser agraciados com o título de Cavaleiros do Reino Britânico: J. Arthur Rank e Donald Wolfitt, mais conhecido no teatro. Outros nobres do cinema: Sir Laurence Olivier, Sir John Gielgud e Totó, o comico do cinema italiano.

As personagens

famosas

também têm

o seu

lado humano.



Bom exemplo de personalidade é Paul Ives (110 quilos de músculos e banha). O ator desconhece regimes.

QUANDO A SRA. EISENHOWER VAI AO CINEMA

Ao ter conhecimento que a sra. Dwight Eisenhower iria à "première" de um filme em Lopert Playhouse, o proprietário daquele cinema de Washington mandou imprimir duas entradas em cor rosa (elas são geralmente brancas), por ser aquela a cor predileta da primeira dama dos EE.UU.

A TORMENTA É MESMO TEMPESTUOSA

Tempest Storn (Tormenta Tempestuosa) é o nome de uma atriz de teatro de variedades dos EE.UU. Tormenta é uma cantora e bailarina de poucos recursos artísticos, porém seu nome está sempre ocupando as colunas dos jornais devido os fatos curiosos que envolvem o mesmo, aliás não menos curioso. Dois últimos casos de Tormenta: requereu em juízo o registro desse seu pseudônimo, desprezando seu nome de batismo — Annie Becker. Agora, um despacho de Las Vegas nos informa que Tormenta e seu amiguinho, o príncipe Adnam Ali Mohammed Kajaogi (da Arábia Saudita) entraram num cassino daquela cidade turística e meia hora depois deixavam a mesa de jogo com um milhão e seiscentos mil cruzeiros nos bolsos.

SINAL DOS TEMPOS

Dianne Sputnik é o pseudônimo de uma atriz de variedades que recentemente estreou nos palcos parisienses.

YMA SUMAC JÁ TEM RIVAL

Uma garôta de pouco mais de 20 anos chamada Joan Turner, conhecida no teatro de variedades e no rádio ingleses como a garôta das mil vozes, pois se especializou em imitar cantoras célebres com absoluta perfeição. Certa vez Joan foi desafiada a imi-

tar Yma Sumac que, como todos sabem, é o maior diapasão vocal do mundo. Joan foi para o microfone e cantou um dos números do repertório de Yma. Foi então que a própria Joan descobriu que sua voz tem a mesma extensão da famosa cantora peruana. Isto é, 4 oitavas e meia.

EU HEIN!

A cantora mais bem paga do Havaí chama-se Haunani Kaili leway e atua na Rádio Hawaii Calls e no "night club" Top Of The Isle. Até aqui nada demais. Acontece porém que Haunani é considerada um fenômeno vocal, pois tem voz de barítono. A cantora ganha cerca de 180 mil cruzeiros mensais para exibir sua voz de homem.

O HOMEM MAIS OCUPADO DO MUNDO

O ator coadjuvante alemão Carl Jaffe, residente em Londres, alega ser o homem mais ocupado do rádio e do cinema ingleses. Tendo participado em cerca de 50 películas, Carl atua semanalmente na BBC de Londres, na NDR de Hamburgo, na RIAS de Berlim, na Rádio Sarrebruecken, na Rádio Austria e na Rádio Suíça. Agora nos chega a notícia de que Carl está atuando também em estações de televisão de nada menos de 5 cidades da Europa.

DA INCONVENIÊNCIA DO DIVÓRCIO

Um casal de atores da TV norte-americana, Sid Caesar e Imogene Core eram casados e trabalhavam juntos num mesmo programa. Há cerca de 3 anos divorciaram-se (na vida real) e, como não podia deixar de ser, separaram-se também na vida profissional. O divórcio profissional representou um sério transtorno na carreira artística de ambos. Sid resolveu, então, casar-se com a atriz Nanette Fabray. Não deu certo. Divorciou-se um



O prodígio Yma Sumac começa a ter seu prestígio abalado. Sua voz extraordinária acaba de encontrar concorrente.



A cantora Tempest Storm tem um nome a calhar. Seus "casos" vivem nas colunas dos jornais.



Lisolette — caso típico de projeção sensacional. Operária de fábrica, tornou-se em tempo recorde uma cantora famosa.

mais tarde. Pouco mais tarde tornou a casar-se com outra atriz (Janet Blair). Também não deu certo. Novo divórcio após 12 meses de vida conjugal. Agora, nos chega a notícia de que Sid e Imogene se recasaram e voltaram para seu programa de TV!

A PREVISÃO NÃO DEU CERTO

Harry Giese é locutor da TV-CBS, de Nova Iorque, e se especializou em dar a previsão do tempo. No princípio do mês passado Harry tirou merecidas férias e foi tomar sol em Palm Springs. Choveu o tempo todo.

MACABRAS CASUALIDADES

O Festival Cinematográfico de Veneza tem sido marcado por estranhas e macabras casualidades. No ano passado, Vladimir Braun, diretor russo de cinema, morreu repentinamente no dia em que se preparava para tomar o avião rumo à Itália. No ano retrasado, ocorrência semelhante se dera com o diretor japonês Kenje Mizoguchi, que falecera quando embarcava no avião que o levaria àquela cidade italiana. Agora, de outra estranha casualidade tomamos conhecimento: o diretor rumeno Sandor Maac faleceu há 6 dias. Maac representaria seu país no próximo Festival a realizar-se no mês vindouro. Quem estará "escalado" para o próximo ano?

LIGADAS PELO DESTINO

E por falar em casualidades, no dia 6 de fevereiro faleceram nos EE.UU. Victoria Le Fleur e Joy Le Fleur, ambas nascidas na mesma cidade (Ontário, Canadá), no mesmo ano (1914), ambas eram atrizes secundárias de cinema, ambas tinham a mesma quantidade de filhos (duas mocinhas) e finalmente morreram no mesmo Estado norte-americano (Califórnia). Ao que se saiba, Victoria e Joy nem sequer se conheciam!

CRÔNICA DE LIVROS

"ROMANCES COMPLETOS", de Cornélio Penna (Biblioteca Luso-Brasileira. Editôra José Aguilar. Rio de Janeiro, 1958. Introdução Geral: Adonias Filho. Notas Preliminares: Lêdo Ivo, Tristão de Ataíde, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Araújo. Contém: **Fronteira, Dois Romances de Nico Horta, Repouso, A Menina Morta e Alma Branca** (fragmentos). Com ilustrações. — Cornélio Penna, romancista brasileiro recentemente falecido, é decerto o mais importante representante do gênero introspectivo, entre nós. Seu aparecimento como escritor, após breve e frustrada carreira como artista visual, deu-se no instante em que a ficção brasileira, toda voltada para a explosão de vitalidade que teve depois o nome de **ciclo do romance nordestino**, revelava ao público autores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, etc. O momento não podia, pois, ser menos propício. E Cornélio Penna, o subjetivo, o silencioso, passou por largos anos praticamente despercebido. A edição de agora contribuirá para familiarizar as gerações mais novas com a prosa espessa, sóbria, do itabirano. E mesmo entre as mais antigas, não faltará decerto leitores a quem a leitura das obras de CP assumirá o caráter de uma revelação autêntica.

"ÁSIA MAIOR — O PLANETA CHINA", de Maria Martins (Editôra Civilização Brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1958. Prefácio de Oswaldo Aranha). — Esse livro resultou de uma viagem à China, efetuada em 1956. Não é um hino de amor, nem um brado de despeito à obra que os dirigentes comunistas estão levando a efeito, na nova China — mas um depoimento imparcial como não vimos ainda outro. Não é estudo superficial e grosseiro das condições atuais do grande país asiático: sente-se, nêle, que Maria Martins desejou aprofundar sua análise, para isso estudando a história chinesa, buscando captar-lhe os traços gerais. A imagem que assim esculpe do país-planeta não é ligeira — mas tem todas as características da obra de arte acabada. Divide-se em capítulos: "A Viagem", "Panorama Histórico, Social, Cultural e Econômico" (uma história da China em cinquenta e tantas páginas, para uso do ocidental), "Do Império à República" (a fase de transição, com a ação de Sun Yat Sen e o princípio do Kuomintang), "Do Nacionalismo ao Comunismo" (a ação de Chiang Kai Shek e o fim do Kuomintang), "Kungchantang e os Operários da Revolução" (a organização da República Popular Chinesa), "A Cidade Azul" (uma vívida descrição de Pequim), "A Mulher", "A Cultura" (as condições do artesanato, da música, do teatro, da arquitetura, da escultura, da pintura e da literatura sob o novo regime), "As Grandes Reformas" (na saúde, a reforma agrária, a industrial), afinal os capítulos "O Fim da Viagem" e "Valerá a Pena?" — esse talvez o mais importante: as soluções encontradas para o problema chinês serão adequadas ao brasileiro, por exemplo? Vale a pena progredir mesmo com o prejuízo da liberdade de palavra o pensamento? Valerá a pena? O livro, escrito com fluência, termina com essa indagação em caixa alta: **VALERÁ A PENA?**

"PAGINAS AVULSAS", de Plínio Barreto (Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1958. Prefácio de Antônio Cândido). — Plínio Barreto não chegou a ver o lançamento dessa obra, pois faleceu quando se processava a impressão, em princípios do ano corrente. Crítico e ensaísta, em "Páginas Avulsas" estuda vários fatos e personalidades, desde "O Processo de Jesus" até uma série de escritores brasileiros contemporâneos: Gilberto Amado, Jorge

Amado, Octavio de Faria, etc. É um **impressionista**, um homem de cultura e de bom gosto, a dar contas de suas leituras. Por esse aspecto se liga, a obra de PB, ao século XIX, em que nasceu: é um homem do século passado, e quando fala de escritores contemporâneos, examina-os segundo os moldes que na mocidade acostumou-se a ver acatados. Não trata nunca de poesia — talvez porque a poesia **modernista** lhe custasse ao entendimento; em compensação, analisa, por vezes com minúcia, obras como "Marco Zero", de Oswald de Andrade, "Os Interesses da Companhia", de Gilberto Amado, etc. Sente-se a procedência jornalística de todos esses ensaios, anteriormente publicados, em rodapés críticos, nos principais órgãos da imprensa brasileira. O autor escreveu bem e inegavelmente consegue acertar em muitos de seus julgamentos. Que mais se poderia exigir de um crítico?

"HISTÓRIA DA LITERATURA MINEIRA", de Martins de Oliveira (Editôra Itatiaia, Belo Horizonte, 1958). — Um "esquema de interpretação e Notícias Biobibliográficas", eis o que é o presente estudo de Martins de Oliveira, estudo que não está completo (e diz o A., humildemente: "Se no presente livro couber a ventura da segunda edição, empenhar-se-á o autor em completá-lo, obediente a sugestões que lhe forem feitas e, ainda, adstrito a princípios de rigorosa e invariável imparcialidade"), mas que é um esforço meritório de metodização de uma matéria sabidamente difícil. É história, não crítica: narra, não pesa. Sem embargo, MO faz obra crítica por vezes (e como desmembrar história e crítica?), pois seu senso de perspectiva lhe apresenta, como é natural, algumas figuras maiores do que outras. Divide êle a história da literatura mineira em seis períodos: Formação, Acadêmico (Escola Mineira), Transição, Romântico, Interpenetração e Cristalização. Não se menciona em parte alguma o concretismo, "que parece não teve ressonância nas Gerais", segundo o autor. Um livro valioso para o conhecimento da história literária de Minas Gerais, o de Martins de Oliveira pode ter seus erros e suas fraquezas, mas chega em boa hora.

"CAMÕES O BRUXO E OUTROS ESTUDOS", de Augusto Meyer (Livraria São José, Rio de Janeiro, 1958). — Breves estudos elaborados no decorrer do meu Curso de Teoria da Literatura, da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Brasil", afirma sobre os estudos que compõem o seu último livro o ensaísta Augusto Meyer. São breves, mas profundos, e em número de cinco: "Camões o Bruxo", "Nô mais, Canção, nô mais", "Mundo às Avessas" (êsse a nosso ver o mais importante), "Pergunta sem Resposta" ("Ubi sunt?"), "Um Soneto de Sá de Miranda". Como tudo o que Augusto Meyer escreve ou produz, "Camões o Bruxo e Outros Estudos" é livro precioso, que se lê com proveito e deleite. Meia dúzia de Augustos Meyer em nossa literatura (tão cheia de Griecos...) dar-lhe-ia importância universal.

"POETAS DE FRANÇA", de Guilherme de Almeida (Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1958. 3.^a edição). — Traduções de poetas franceses, de François Villon a Luc Durtain. Algumas dezenas de peças poéticas, que aparecem no original e em português. As traduções são boas, algumas muito felizes, mesmo. A apresentação gráfica é excelente. Vale a pena igualmente realçar a qualidade das peças poéticas selecionadas, todas ou quase todas buscando fugir ao lugar comum do poema antológico.

LITERÁRIAS

PROSSEGUEM, na São José, as tardes de autógrafos. A em que Henrique Pongetti autografou seu último livro, "Encontro no Aeroporto", assinalou outro recorde: 500 livros vendidos, em duas e meia horas. *** Fernando Chinaglia instituiu, através da União Brasileira dos Escritores, importantes prêmios literários. *** Importantes e justas comemorações marcarão a passagem, a 29 próximo, do cinquentenário da morte de Machado de Assis. *** Concedido ao livro "As Raízes", de José Paulo Moreira da Fonseca, o Prêmio da Fundação Graça Aranha. JPMF está na Suíça. *** Gilberto Amado, que já partiu para os Estados Unidos, terminará o quinto tomo de suas memórias em Roma, em futuro próximo. Só faltam 3 capítulos. "Não escrevi uma só linha, no Rio de Janeiro. Não tive tempo" — disse o escritor. *** José Condé terminou seu novo romance: "Um Ramo Para Luíza". O lançamento dar-se-á em Caruaru, em dezembro vindouro. *** Antônio Houaiss foi promovido a secretário. Merece-o. Ele é diplomata de carreira. *** Érico Veríssimo terminou o terceiro tomo (final) de "O Tempo e o Vento". *** Fala-se tanto em crise de livros e em escassez de leitores: como explicar a segunda edição de "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado, alguns dias após o lançamento da primeira? Ou a extraordinária e expressiva vendagem de "Ásia Maior — O Planeta China", de Maria Martins? *** Já se gastou uma fortuna, na Enciclopédia Brasileira: cerca de 22 milhões de cruzeiros. Não há um só verbete redigido. *** Está no Brasil o escritor português Urbano Tavares Rodrigues. Veio participar de vários congressos. *** Em outubro serão dados a conhecer, pela imprensa, os vencedores dos vários concursos anuais de literatura, instituídos pela Prefeitura do Distrito Federal. *** Uma das "intelectuais" mais assíduas, no momento, às manifestações literárias é Rosângela Maldonado, ex-corista de teatro. *** Homero Homem breve editará uma novela. Título provisório: "O Corvo da Lama". *** A Martins, de São Paulo, lançará um Dicionário de Literatura dentro de alguns meses mais.



Santa Rosa

CRÔNICA DAS EXPOSIÇÕES

ALUIZIO MAGALHÃES (Museu de Arte Moderna, desde dia 4) — Essa é praticamente a primeira exposição de AM no Rio de Janeiro. Já antes ele aqui expusera, é verdade, porém sua mostra teve de ser encerrada antes do prazo, por motivos alheios à sua vontade (efetuou-se a mostra no Ministério da Educação e Cultura). Magalhães é pernambucano, e tem apenas 31 anos de idade. Pertence à mesma geração de Ariano Suassuna, de quem foi colega de ginásio. Possui idéias próprias sobre a arte da pintura. É um não-figurativo, mas não um não-figurativo de orientação geometrizante. Viajou pelos Estados Unidos e Europa, expondo com frequência e êxito. Também dedicado a problemas de artes gráficas, nos Estados Unidos realizou livros de grande beleza gráfica, empregando vários procedimentos técnicos. Atravessa atualmente uma fase a que alguns críticos, amigos de rotulagens, já batizaram de **Fase Verde**. Sua pintura se caracteriza por uma acentuada pesquisa no que concerne à pasta pictórica e à composição. A mostra atual abrange obras de dois anos para cá (e daí, é incompreensível o título de **Retrospectiva** que se lhe deu).

EXPORAÇÃO NA GALERIA das Fôlhas, brevemente, os seguintes artistas do Rio de Janeiro: Lygia Clark, Djanira da Motta e Silva, Benjamin Silva, Raymundo Nogueira. Invasão carioca em São Paulo. *** Entrementes Oswaldo de Andrade Filho talvez venha expor no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, breve. *** A 15 de outubro vindouro, em Nova Iorque, reúne-se o Júri destinado a premiar com 10 mil dólares um dos quadros selecionados em 23 países diferentes, por comitês locais (Guggenheim 1958). Está composto tal júri de Georges Salles, Herbert Read e Morris Kestelmann. Concorrentes do Brasil: Alfredo Volpi, Djanira, Lygia Clark, Dacosta e Rissone. Ao todo, concorrem 125 artistas. *** Vários candidatos aos 300 mil cruzeiros oferecidos pelo SESC a melhor trabalho sobre os Campeões Mundiais de Futebol acusaram o júri de premiação de ter escolhido um nome, não uma obra. O trabalho vencedor é de autoria de Bruno Giorgi; o júri se compunha de Antônio Bento, Henrique Mindlin, José Pedrosa, João Havelange (esse faltou) e Murilo Miranda. *** A 10 de outubro inaugura-se, na Escolinha de Arte do Brasil, o Salão "A Mãe e a Criança" (pintura, gravura e desenho) instituído pela Legião Brasileira de Assistência. Os prêmios são ótimos. *** Em novembro: Salão "Santa Rosa" (do IPASE). Também na Escolinha de Arte do Brasil, que se está transformando, dia a dia, no centro artístico do Rio de Janeiro, juntamente com o Museu de Arte Moderna, mas em muitas ocasiões lhe levando nítida vantagem. *** "The 12 Prophets" é um álbum de fotografias de Hans Mann sobre os Profetas de Congonhas do Campo, pelo Aleijadinho. Editou-o o Serviço de Documentação do Ministério da Educação. Texto trilingue. O português, devido a Carlos Drummond de Andrade. *** Quaglia vendeu, em sua última exposição, no Ginástico, quase todas as suas obras. Confirma-se, assim, a escrita de ser o Ginástico um dos salões em que os artistas modernos mais conseguem vender. *** Por falar em vendas: no primeiro dia de sua mostra carioca, Aluizio Magalhães vendeu (e a bom preço) sete obras expostas. *** Ainda se comenta a mostra de Goeldi encerrada a 14, na Galeria Gea.

UMA ASSOCIAÇÃO DE ARTISTAS

NAO SEI SE a Associação dos Artistas Plásticos Contemporâneos (ARCO) que vem de ser criada no Rio de Janeiro, agrupando quase uma centena de pintores, escultores, gravadores, etc., terá ou não vida longa; espero tenha. Porque essa Associação, que nasce com tal força e tão bons propósitos, é uma necessidade, um órgão que de há muito se fazia preciso. A sociedade nasceu para defesa dos interesses dos artistas — e aí está o seu programa de ação. Examinará, assim, a lei 1512 e seus substitutivos, dará publicidade a notícias concernentes a exposições e concursos, hoje só conhecidos por meia dúzia de felizardos, enfim: será uma entidade de defesa dos direitos de todos os artistas plásticos. Mas quem fala em direitos, deve falar também em deveres: uns são consequência dos outros. E assim, deve também a ARCO estabelecer os deveres dos artistas plásticos contemporâneos no Brasil — deveres estéticos, éticos, entre outros possíveis.

Existem, é fato, mesmo na classe dos artistas, os incrédulos, os que não acreditam possam artistas unir-se seja para o que for, mesmo para a salvaguarda de seus direitos. E tentativas anteriores, melancolicamente frustradas, quase lhes dão razão. No entanto, uma diferença se nota entre as anteriores sociedades de artistas, mortas no berço, e a que ora atrai a atenção de nossos principais artistas visuais: essa principia sua vida com medidas práticas, com resoluções concretas, capazes de lhe darem prestígio e relêvo imediato. — Prestígio e relêvo, afinal, que só mesmo os próprios artistas plásticos, agrupados em torno a uma idéia, poderão conceder-lhe.

Que a ARCO não seja, enfim, mais um sonho impraticável, porém uma entidade cuja voz seja acatada e respeitada como se fôsse o uníssono de todos os artistas modernos do Brasil, são nossos votos e esperanças. É tempo, afinal, de os que pensam igual se unirem e pelejarem, juntos, por suas aspirações.

GABRIELA "TOMOU CONTA"



DEPOIS QUE SÔNIA Mamede estreou no cinema, fazendo a Zizi de "Garôtas e Samba", aconteceram elogios gerais à revelação que o nordeste providenciara para a capital. Mas poucos sabiam — ou sabem — que Sônia, apesar do sotaque de "pau-de-arara" legítima usado nos filmes, é carioca no duro, tendo nascido em Botafogo, diante da carioquíssima Guanabara. Hoje ela é um dos maiores cartazes da Atlântida, onde, além de "Garôtas e Samba", já filmou "De vento em pôpa", "É a maior!" e "Este milhão é meu". Sônia é casada com o ator Augusto César, a quem conheceu como colega, quando ambos trabalharam na revistinha "Fôrça total". Começaram a namorar tempos depois, quando formavam no elenco de "Brasil 90º" e hoje são "papai" desta garotoca, que recebeu o nome de Gabriela Vanucci. Gabriela nasceu às 4 horas do dia 1.º de setembro, pondo em festa o lar de Sônia e Augusto, principalmente à noite, quando dá provas de um grande futuro no canto lírico, embevecendo ainda mais os já tão embevecidos "papai". Sônia Mamede brevemente deverá retornar aos estúdios, para as filmagens de nova comédia musical. Mas, na vida caseira, ela e o marido já estabeleceram seus novos planos: para a felicidade completa estão pensando no segundo pimpolho — e agora querem um "maschio"!

A DO LAR DE SÔNIA MAMEDE



tas
en-
do
do
dos
nou
om
am
or-
re-
de
ite,
nda
nar
ira,
eta





ASSOMBRAÇÃO

HERO DE FIGUEIREDO

— ÉTA VERMEIO... Caminha Pingado...

O eco da voz de Tião, perdia-se ao longe, juntando o gado.

Elisa olhava da janela, a tarde que morria, tingindo de ouro velho, tudo que tocava.

O casamento estava próximo. Faltavam apenas cinco dias. Agora, tudo pronto e resolvido, ficou a pensar, se não fôra precipitada. Deveria ter esperado mais... Quem sabe êle viria um dia para ela? Deveria ficar esperando... o que, Santo Deus? Dagberto não voltaria nunca. Devia se acostumar à idéia... Deixara-a sem uma explicação... nem ao menos uma carta, poucas linhas que fôsse, como se tratasse de uma mulher qualquer. Longe dela, tudo esquecera.

Tanta mentira bonita, e ela acreditara cegamente em tudo!

Agora estaria certamente nos braços de Anita, a repetir-lhe, quem sabe?, as mesmas palavras que lhe dissera, beijando-a com a mesma paixão que a beijara tantas vêzes.

Aquêle pensamento lhe era insuportável... mas devia, tinha de habituar-se a êle, já que tudo terminara e casava-se com Antônio.

A noite caía lá fora, quente, abafada, prometendo temporal. Os relâmpagos, de quando em quando, iluminavam as montanhas no horizonte. Voltou-lhe o velho terror de sempre.

Viu-se de novo, no tempo da avó, naquela mesma sala imensa, com os quatro janelões rasgando-se, abertos na tempestade. Sentiu a mesma fome, viu a mesa posta, recoberta por uma toalha, que escondia pratos, talheres, sim, as facas... Ouvia os gritos frenéticos da avó:

— Tudo aberto. Assim os raios entram por uma abertura, e saem pela outra, sem nos atingirem!

Ela ficava aterrada, procurando se encolher a um canto da sala, metida contra a parede, como se quisesse se esconder lá dentro. Sentia ao mesmo tempo, um vácuo no estômago.

Via-se abraçada à avó, cantando hinos, rezando

— Vovó, quero jantar, pedia em voz, sumida.

— Ninguém come, não se pega em aço, avisava para a cozinha, enquanto durar a tempestade.

E continuava lá fora a chuva, relâmpagos e trovões, a caminhar de mãos dadas pelas campinas e montanhas.

Com as portas e janelas escancaradas e às escuras, Elisa sentia-se só, como se estivesse também desabrigada em pleno campo.

No seu terror, apegava-se à avó, como pobre naufraga indefesa.

Ela deixara-lhe para sempre a herança daquele pavor doentio, mórbido, dos elementos em fúria. Cada relâmpago mais forte, e crescia a certeza da morte, rápida e cruel, como um castigo injusto, imerecido, vindo do alto.

Via-se abraçada à avó, cantando hinos, rezando para que nada lhes sucedesse.

Que idade teria então? Seis anos, e até o hino lhe vinha à memória, palavra por palavra.

Voltou ao presente com o desabar da tempestade.

— Bené... Bené... Venha abrir as janelas.

Ela entrara resmungando, arrastando os pés. Elisa corria a ajudá-la, numa pressa, como se obedecesse ao comando de alguém.

— Sempre a mesma mania, queixava-se Bené. Saiu emburrada, sem olhá-la. Elisa foi para "seu canto", como o chamava. Os relâmpagos iluminavam a sala e o ribombar vinha longo tempo depois, infalível. Caíra longe, pensava ela aliviada. Não a atingira!

Antônio desconhecia seu terror mórbido. Que pensaria dela, quando soubesse? Talvez a julgasse louca...

— Essa vai ficar comigo. Eu não a deixarei ir. Não se casará como a outra... Será minha companheira...

Parecia ouvir a voz de Sinhá Velha, sua avó, dizer, enquanto lhe afagava a cabeça que ela pousava em seus joelhos, olhos fechados aos relâmpagos.

A neta mais nova. Havia uma diferença de dez anos entre Rosália e ela. Sempre fôra a preferida da avó, sem mesmo saber por quê.

Era inteiramente o oposto dela. Sinhá Velha acordava de manhãzinha, mal raiava o sol. O capataz já estava com os cavalos prontos, encilhados para a inspeção aos cafêzais. Nada lhe passava despercebido aos olhos vivos. Resolvia todos os problemas da fazenda, com pulso firme, sem pieguices de mulher.

— Bondade não é fraqueza, costumava dizer à Elisa, desculpando-se de sua frieza. Seja boa, somente com os que merecem.

Elisa era quieta, agarrada aos livros, passando horas em doces marasmos, a idealizar enredos e personagens de romances imaginários, em que ela era sempre a personagem central.

Os anos iam passando. Antônio voltara doutor. Encantara-se com ela. Por quê? Não fizera a mínima questão de agradá-lo. Falara-lhe em casamento. Consultou a avó. Ela se opôs:

— Muito criança para pensar nessas coisas... deixe passar os anos, Antônio, dissera a ele. Pode ser então que eu me acostume a perdê-la...

Elisa não gostava de Antônio. Nem um pouquinho. Achava-o feio, com aquêle ar desengonçado e tímido, os olhos salientes. Pouco se importava com ele. Estava com dezesseis anos àquela época. Todos seus sonhos e esperanças, viviam em Dagberto. Desde crianças conviviam, partilhavam da vida calma e quieta da roça, em contato com a natureza. Antônio era diferente. Um estranho. Vivera afastado tantos anos, a estudar no Rio, que nada em comum encontrava nêle. Um estrangeiro, de outras bandas.

Dagberto, sim, fascinava-a. Bonito, cabelos louros em ondas rebeldes e largas, rosto tostado de sol, onde se perdiam uns olhos

profundamente azuis... E Quando ria... era como se o mundo inteiro se iluminasse...

Entretanto, nunca lhe falara em casamento.

— Dagberto é erva ruim, daninha, dizia Sinhá Velha.

Erva ruim, por quê? Fugia às ocultas para se encontrar com ele e ouvir as palavras bonitas que ele sabia dizer tão bem. Viam-se no cafêzal, ao cair da tarde, ou perto do açude, meio ocultos pelos salgueiros.

Sinhá Velha acreditava que estivesse lendo, trancada no quarto. Talvez tivesse sido o único segredo que seus olhos não houvessem penetrado. Fôra-lhe tão fácil enganá-la... Pouco ligava que Dagberto não lhe falasse em casamento. Amava-o, e era tudo que importava.

Ninguém sabia daqueles encontros... Naturalmente havia suspeitas vagas, suspensas no ar, mas ninguém ousaria dizer com certeza, afirmar...

Um dia Sinhá Velha falou:

— O maluco do Dagberto parece que sentou cabeça. Está noivo de Anita...

Não tivera forças para dizer nada. Noivo de Anita! Com que então! Devia ser mentira, não podia acreditar! E depois, Anita era uma moça tão fora de propósito!

Vivia às voltas com os colonos, dando-lhes remédios, servindo de enfermeira, ensinando a ler. Tinha uma escola noturna, funcionando na fazenda dos pais, onde lecionava adultos. Chegara mesmo a convidá-la certa vez. Dizia precisar de ajudante. Ora vejam só! Uma tôla a desperdiçar a vida, inútilmente, pensara Elisa. Era adorada pelos colonos, mas, Santo Deus, nem se lembrava que era mulher! Não que fôsse de todo feia. Isso não. Mas, não usava pintura, seus cabelos, atava-os simplesmente num coque, sobre a nuca. Dagberto não seria dela, nunca! Bobagem da avó... Se eram tão diferentes!

A tardinha, correu ao lugar de costume. Esperou, esperou muito tempo, e nada. Que lhe teria acontecido? Passou a noite inteira revolvendo-se na cama, sem poder dormir.

Uma seguinte cedo, pegou a charrete e foi até "Santa Cândida"...

Entrou, conversando com todos. Saber a verdade. Foi direto ao assunto, perguntando à dona Matilde:

— Andam dizendo por aí que Dagberto está noivo de Anita. É verdade?

— Mas menina, quem lhe contou? Como se fala nessa terra...

— É verdade, dona Matilde? — repetiu, mal escondendo a ansiedade.

— Sim, ele foi até a cidade de manhãzinha, para comprar as alianças. Você sabe, desde menino, sempre teve um fraco por ela...

Não, não sabia de nada. Dona Matilde continuava a falar:

— Ele sempre me dizia: "Mamãe, quando eu quiser casar, será com Anita". Ela nunca lhe deu trela, você sabe como ele era namorado. Um dia cansou, e falou com Anita. À noite, será o pedido oficial...

Nunca mais vira Dagberto a sós. Nunca mais ele aparecera aos encontros. Embalde o esperara nas redondezas do açude ou rondando o cafêzal...

Há tanto tempo se passara tudo, por que remoer o que não tinha remédio? A avó já não existia. Fôra-se da maneira que mais temera.

Certa tarde o temporal a pegara de volta à fazenda. Vinha na égua "Branquinha" quando um raio a pegou.

— Cavalo branco atrai faísca, dissera Tião.

Não a deixaram ver o corpo, mas soube, isso lhe contaram, com minúcias de detalhes, do jeito que ela ficara, preta e mirrada...

PUXE PELO CÉREBRO

para que nada lhes sucedesse.

Diziam que tôdas as noites, percorria a fazenda à galope, ouviam mesmo o tropel de "Branquinha" e alguns colonos afiançavam ter visto seu vulto pequeno, na égua em carreira, rumo ao açude.

— Essa fica comigo. Será minha companheira.

Ouvia a voz de Sinhá Velha falando, misturada ao uivar do vento e o ribombar dos trovões.

Um vulto branco aproximava-se pelo corredor. Sentiu um calafrio percorrê-la tôda. Tentou gritar. Não tinha voz. Que bobagem! Era seu vestido de noiva, dependurado ao batente da porta do quarto, esvoaçando ao vento... Seria? Não, êle se adiantava para ela. Nem teve forças de se certificar. Um pavor do sobrenatural, do inatingível, tomou-a, os olhos abertos, imensos, a recuar, a recuar, sempre, saindo pela porta, sem notar a chuva que a enxarcava, sem ouvir os trovões, sem ver os relâmpagos. Parecia que aquela coisa branca a acompanhava, a empurrava para longe.

Em vão se dizia que não havia nada, a não ser o vestido de noiva... o vestido de noiva, mas uma força estranha, incontrolável a fazia fugir... Pensou em Dagberto, gritou por êle...

Antônio chegou à noite, em sua visita habitual à noiva. Viera mais tarde, premido pelo temporal.

— Onde está Elisa?

Bené jurava que estava na sala, que a deixara lá. Devia, mesmo, onde iria debaixo de tanta chuva?

Reverteram a casa grande, suas salas perdidas na sombra, o porão, tôdas as peças, gritando o nome dela. Estranharam o vestido de noiva, quase à saída da sala, molhando-se, como uma mancha clara no chão.

— Certo voou com o vento, falou Bené, apanhando-o e pendurando novamente no cabide. Todo amarrotado! Vejam só! Um vestido tão lindo! Dotô Antônio, não olhe! Noivo não deve vê o vestido da noiva. Dá mau agouro. Só no dia do casamento!

Uma ruga de preocupação barrava a fronte do rapaz. Onde andaria Elisa? Quem sabe no sótão, a remexer os guardados da avó? Apegou-se àquela esperança. Subiu a escada desconjuntada, velhos móveis em desuso, tanta quinquilharia. Abriu velhos armários. Não sabia por que, mas veio-lhe a memória um conto de horror que lera sobre uma noiva, encerrada numa mala onde se escondera, e da qual não pudera sair, morrendo na véspera de seu casamento! Abriu-as tôdas. Ninguém.

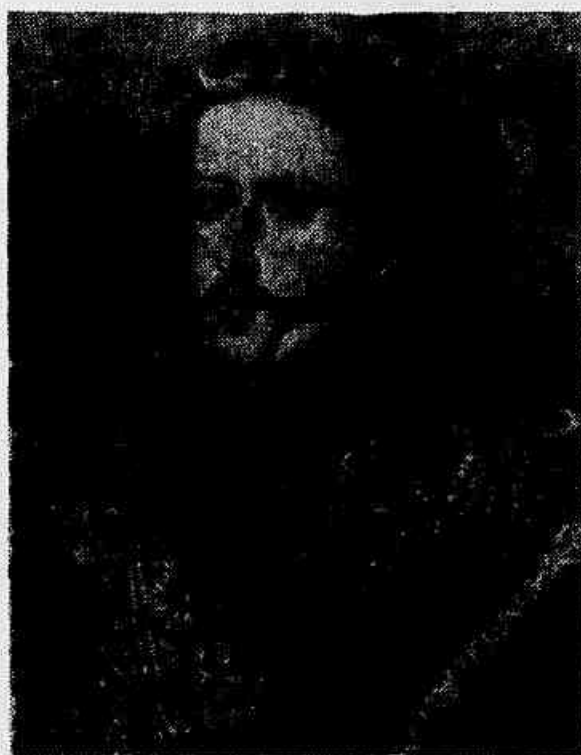
Embalde correram a fazenda, numa procissão de lanternas, numa busca improfícua. A chuva amainara. Se ao menos houvesse rastros! Mas, com aquelas poças d'água, era impossível encontrar vestígios...

Quando amanheceu, o velho Tião, indo pegar água no açude, para as lidas da casa, encontrou-a. O corpo meio submerso, o rosto branco e lindo, surgindo como uma flor, os olhos imensamente abertos, como quem visse algo espantoso, inacreditável... Havia um sorriso a morrer-lhe nos lábios...

— Suicídio, diziam à boca pequena. Nunca amou Antônio. Agora, na iminência do casamento, proferiu a morte a viver com êle. A verdade é que sempre quis Dagberto, esperando que voltasse um dia. Matou-se, justamente, no dia do casamento dêle... Vejam só...

— Bobage de gente faladeira, retruca Tião. Foi Sinhá Véia que veio buscá ela. Sempre dizia, eu me alembro: "Essa minina é minha! Essa vai ficá comigo. Ninguém tira ela di mim". Eu ouvi o tropeá da "Branquinha"... Ispiei pela fresta do barraco e vi Sinhá Véia passando à galope pras bandas do açudi. Arguêra ia cum ela... eu vi...

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



4 — "Cidadão Kane", o revolucionário filme de Orson Wells foi inspirado na vida do jornalista William Hearst e da estrêla:

- Marion Davis?
- Jean Harlow?
- Lilian Roth?

5 — Aluizio Azevedo, autor de "O Cortiço" e "Casa de Pensão", morreu em 21 de janeiro de 1913 em:

- São Paulo?
- Buenos Aires?
- São Luís do Maranhão?

1 — Dom Pedro I abdicou no dia 7 de abril do ano de:

- 1823?
- 1831?
- 1837?

6 — "Sacre du Printemps" (Rito da Primavera) é um notável bailado de:

- Cláudio Debussy?
- Igor Stravinsky?
- Rimsky-Korsakov?

2 — O primeiro trecho da Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, foi aberto ao tráfego em:

- 1940?
- 1944?
- 1948?

7 — Ararigbóia está ligado à história do Brasil por suas lutas ao lado de:

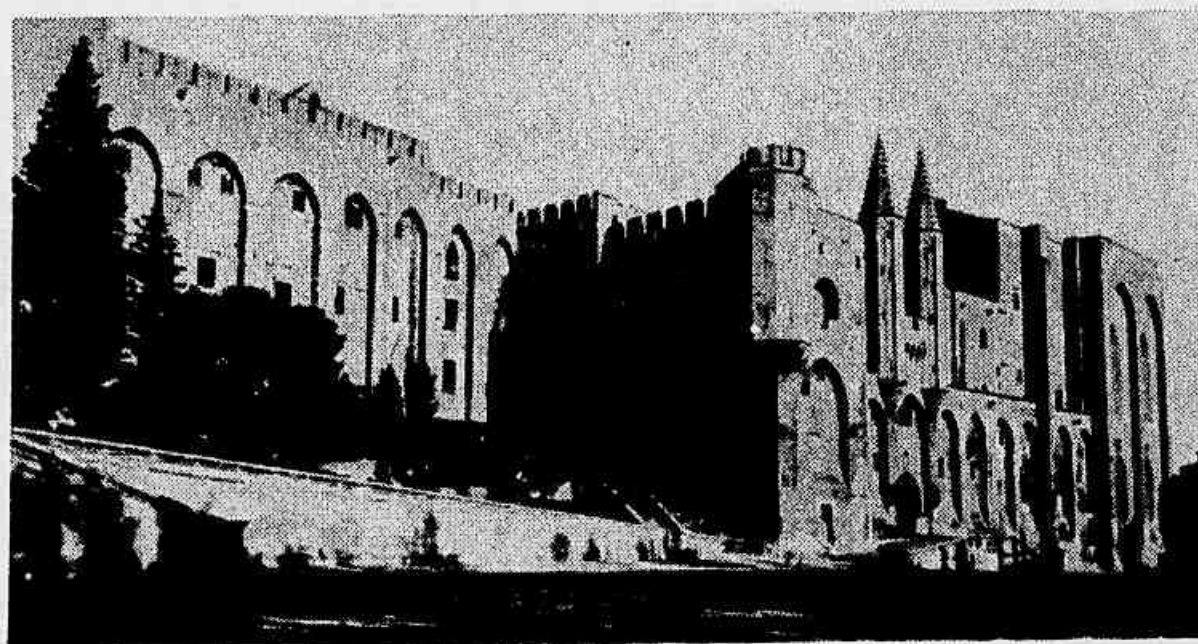
- Fernão Dias Pais Leme?
- Mem de Sá?
- Caramuru?

3 — O primeiro nome de Nijinsky, o famoso bailarino russo, era:

- Petrov?
- Nicolau?
- Vaslav?

8 — A abreviação medieval X. P. T. O. significa:

- Cristo?
- Enigma da esfinge?
- "Há uma medida em tôdas as coisas".



9 — A foto mostra palácio dos papas em:

- Roma?
- Avignon?
- Florença?

RESPOSTA DO TESTE: 1) 1831; 2) 1944; 3) Vaslav; 4) Marion Davis; 5) Buenos Aires; 6) Igor Stravinsky; 7) Mem de Sá; 8) Cristo; 9) Avignon.



Maria Clara Machado, fundadora do grupo, autora, diretora e atriz — dirige "O Matrimônio".

NO TABLADO

TCHEKHOV E GOGOL

RESSURGEM

EM GRANDE FORMA



"O Matrimônio", de Gogol. Sônia Gabi e Sergio Belmonte, dois estreantes, tiveram bons desempenhos sob o pulso orientador de

Ma



Germano Filho (contador do banco), Ivan de Albuquerque (presidente) e Jacqueline Laurence (sua mulher) numa cena de "O Jubileu", de Tchekhov. Um novo sucesso para o Tablado.

DEPOIS DO SUCESSO de "A Bruxinha que era boa", de Maria Clara Machado, leva o Tablado um espetáculo constituído pelas peças "O Jubileu" e "O Matrimônio" — duas pequenas obras-primas de humor e de ironia, assinadas por dois mestres da literatura russa do século passado: Anton Tchekhov e Nicolai Gogol, respectivamente.

"O Jubileu" — que abre o espetáculo — tem muito da finura do Tchekhov contista.

Uma das primeiras experiências teatrais do autor de "Tio Vânia", é uma peça leve, para rir (o próprio Tchekhov rotulou-a de "brincadeira em um ato"), apesar de seu sentido melancólico — a feliz apreensão da farça de uma vida: a consagração dos falsos valores. Nela, focaliza Tchekhov, caricaturalmente, um chefe de banco que cresceu à sombra do trabalho alheio, no dia em que é comemorado seu jubileu.

Duas peças ligeiras, de dois gênios da literatura russa, lotam o pequeno teatro da Gávea.



Em "O Jubileu", pequena obra-prima de ironia e humor, Rubens Correia estréia na direção. Estréia bem.



"O Matrimônio" — "dois atos absolutamente inverossímeis", como o chamou Gogol. Excelente marcação.

"O Matrimônio", sem ter a mesma finura, nem a apreensão dêsse aspecto lamentavelmente humano, é também abordado num tom caricatural, inclinando-se mais para a chanchada, com os seus tipos mirabolantes, e suas cenas e diálogos às vezes disparatados. Enfim, "dois atos completamente inverossímeis", no dizer do próprio Gogol. Na verdade, aquela pitoresca história da jovem casadoira, com sua equipe de pretendentes — uma série de tipos singulares, discutidíssimos — tem excelentes efeitos cômicos — efeitos que a direção soube valorizar, conseguindo através de uma excelente marcação, expressivos resultados.

A primeira peça — "O Jubileu" — tom, na direção, Rubens de Albuquerque, nascido como ator nesse grupo de amadores, que já trouxe tantas revelações para o teatro nacional. Embora só agora estréia como diretor, seu trabalho é seguro. Do mesmo modo os atores — particularmente Germano Filho e Ivan de Vasconcelos — estão bem desembaraçados em seus respectivos papéis. O mesmo podemos dizer de "O Matrimônio" que, embora mais difícil, encontrou excelente direção em Maria Clara Machado e bom desempenho de um grupo de estreantes: Sônia Gabi, Carlos Oliveira, Sérgio Belmonte, Nelson Mariani — sem falar em Germano Filho, Martha Rozmann, Sônia Cavalcanti, nomes já conhecidos de trabalhos anteriores. Devemos destacar ainda os belos cenários de Joel, os figurinos de Kalma Murtinho, a luz de Carlos Augusto Nem — que concorrem para dar ainda maior qualidade a êsses dois espetáculos.

Aliás, nem seria preciso dizer que a representação constituiu sucesso. Desde a sua estréia, há sete anos passados, vem esse grupo se projetando cada vez mais, e hoje, com 22 peças já encenadas, é uma das companhias de melhor nível no Rio de Janeiro. Dizer-se que uma peça está sendo levada pelo Tablado, é, hoje, recomendação suficiente de qualidade. A equipe liderada por Maria Clara, seja representando as peças infantis de sua autoria, seja levando à cena grandes obras de autores internacionais — Lorca, Priestley, Thornton Wilder, Tchekhov — apresenta-se sempre com a mesma homogeneidade, com a mesma segurança, em absoluto pé de igualdade com as nossas melhores companhias profissionais. Daí, o sucesso dêsse novo espetáculo, que está lotando, nos fins de semana, o teatrinho do Patronato da Gávea, e que promete carreira longa.

1.º FESTIVAL DE ESCOLAS DE SAMBA FAZ



CARNAVAL EM SETEMBRO



Na noite de sábado o Império Serrano desfilou em grande gala. Seu palácio foi o Maracanãzinho.



NO FESTIVAL DO
SAMBA
O BOLERO FOI
O DONO
DA FESTA

PO
Sam
espe
suce
no
apes
aque
e o
junt
a at
colo
men
guir
E u
rios



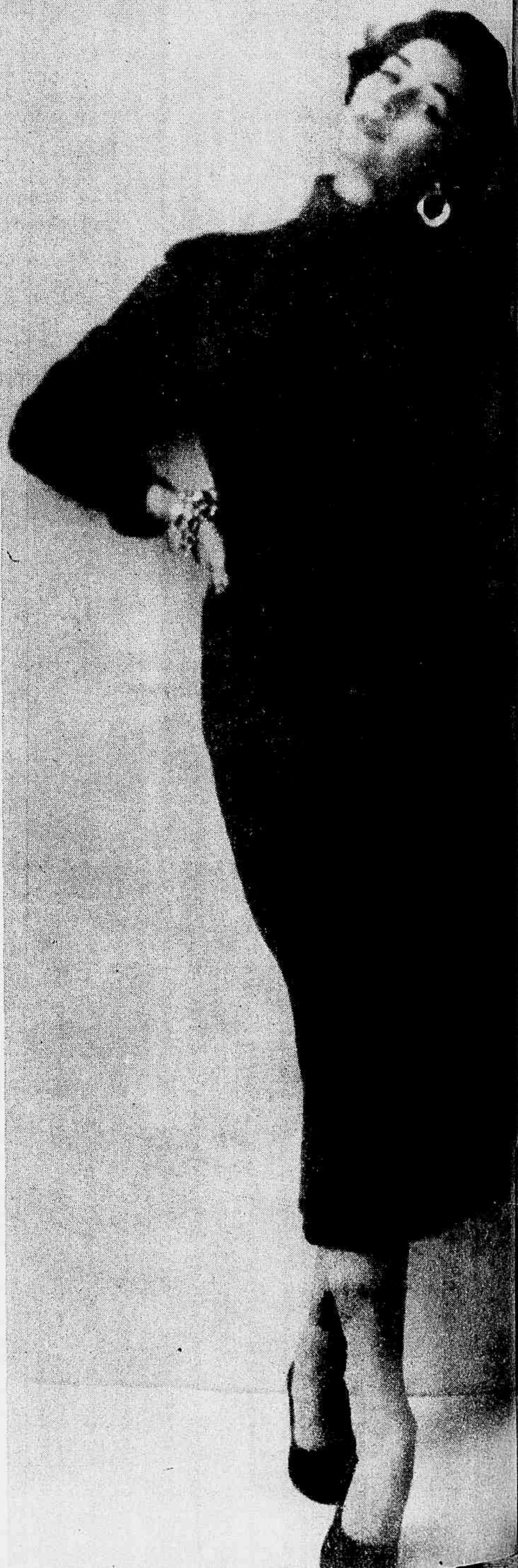
A curta apresentação das Escolas de Samba foi seguida de um baile "ao som de afinada orquestra", conforme anunciava o programa. E esta parte ofereceu o aspecto mais curioso da reunião, com o pessoal dos morros de roupa branca, colête, paletó enorme, e calça de bôca estreita, dançando a seu modo, os blues, boleros e até mesmo tangos, e muito raramente um samba perdido.

O que vale é que o velho Ari não estêve presente, pois ficaria furioso com esta história de bolero dominar em Festival de Samba...



POR TER SIDO anunciado como o I Festival das Escolas de Samba, desceram dos morros quase tôdas as mulatas do Rio, na esperança de assistir um monumental desfile que reeditaria os sucessos do carnaval. Isto aconteceu no sábado 6 de setembro, no Maracanãzinho, sem ter conseguido atrair o grande público, apesar da boa propaganda que foi feita. E sômente lucraram aqueles que lá não foram, porque o anunciado não foi cumprido, e o pseudo Festival transformou-se em apresentação de dois conjuntos de Escolas de Samba, sem nada mais de especial. Sômente a atuação do Império Serrano merece registro, assim mesmo pelo colorido das fantasias e os requebrados de suas mulatas. Nem ao menos o repertório apresentado foi dos mais felizes, não conseguindo também impressionar pelo reduzido número de figuras. E uma idéia magnífica que poderia ter sido amplamente vitoriosa, foi tristemente estragada por falta de maior cuidado.

FEMININAS



1

♦ MA
suéter,
com d
de cou

2

♦ CL
ao pes
abotoa

3

♦ DE
com o
redond
reto de
blusa f

4

♦ MA
tailleur
cinto d

1

♦ MANGUIN — Jérsei cinza, blusa gênero suéter, mangas quimono compridas. Saia folgada com duas pregas arredondadas. Cinto de couro fantasia.

2

♦ CLARENCE — Jérsei vermelho, gola rente ao pescoço, original efeito na cintura e abotoado em todo o comprimento da saia.

3

♦ DESSES — Vestido de jérsei rubi, gola com original decote. Duas pregas redondas abotoadas em bôlso; à direita, vestido reto de jérsei azul-claro, blusa formando martingale nas costas.

4

♦ MANGUIN — Vestido de fina lã, gola tailleur, mangas compridas com punhos virados, cinto de couro marcando pouco a cintura.



PARA A MINHA ESTAÇÃO



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

APRENDA

A DANÇAR



**CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX**

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias de Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente
ou sem firmeza, use BÉL-HOR-
MON Nº 1 e quando for, ao con-
trário, demasiadamente volumoso,
use BÉL-HORMON Nº 2. BÉL-HOR-
MON, à base de hormônios, é um
preparado moderníssimo, e efí-
ciente, de aplicação local e resul-
tados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo
Correio.



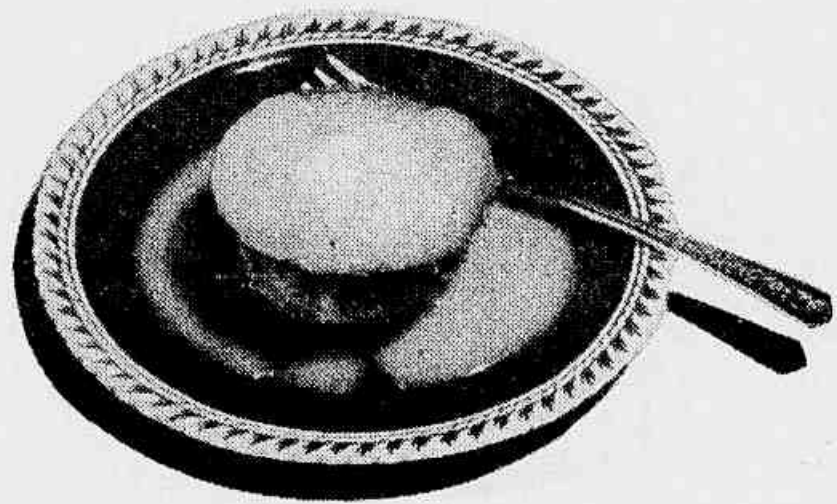
**BÉL-
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua São Januá-
rio, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reem-
bólo Postal um vidro de «BÉL-
HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

FEMININAS



Frutas para a sua beleza

SE UM REGIME alimentar regular exclusivamente composto de alimentos crus não deve ser preconizado (porque é desequilibrado, pobre em calorias e arrisca irritar o intestino), você terá no entanto interesse em fazer um dia de cura de frutas por semana. E isto, sobretudo no verão quando seu organismo queima menos calorias. Escolherá de preferência o dia seguinte a um em que haja comido bem demais; você dará assim uma "vassourada" indispensável ao seu organismo, fará com que se livre dos detritos que ali se acumularam.

Esse golpe de vassoura, será melhor dado pelas frutas do que pelos legumes crus porque não necessitam de nenhum tempêro. Fazendo sua cura de frutas você refrescará seu sangue e seus humores; seu coração, seus rins, seu fígado ficarão sensivelmente aliviados. Você contrabalançará o excesso de azeite e de gorduras que representam os repastos por demais suculentos.

A cura de frutas é feita de duas maneiras: seja consumindo num dia inteiro uma só espécie de frutas, seja alternando diversas qualidades. Quando não se trata de uma cura medicinal mas de uma simples desintoxicação hebdomadária, é preferível comer diversas espécies de frutas a fim de evitar a monotonia.

Você poderá comer 1 kg, 500 de frutas em 3 ou 4 vezes no dia misturando as espécies em cada uma das refeições ou, ao contrário, separando-as. É uma questão de gosto e de reações individuais. Mas é preferível, em caso de mistura, terminar com as frutas ácidas em vez de frutas doces que provocam a sede.

Se você tiver a coragem de praticar essa cura semanal (para a qual escolherá naturalmente um dia de menor fadiga), há de sentir-se, ao fim do verão, espantosamente leve e remocada.

SE VOCÊ NÃO TOLERA O LEITE

Você sabe que o leite é um alimento indispensável não somente à criança, mas também ao adulto porque traz preciosas vitaminas e também a maior parte de cálcio necessária para manter uma boa saúde.

Se você não tolera o leite puro (esta intolerância é relativamente freqüente), será absolutamente necessário que o substitua por alguns desses produtos lácteos, seguintes:

Meio litro de leite puro poderá ser substituído por:

250 grs de leite concentrado,
60 grs de leite em pó,
250 grs de queijo branco,
4 potes de yaourt,
80 grs de queijo fermentado não cremoso,
120 grs de gruyère.

Pode-se também substituir o leite puro por meio litro de creme. Mas neste caso, não se deve esquecer que se o leite cremoso é tão rico em cálcio quanto o leite comum, contém no entanto muito pouca vitamina A. Assim, se você tomar creme, deve consumir mais manteiga, queijos, ovos ou miúdos (fígado, rins), a fim de que esses alimentos forneçam-lhe a vitamina A que falta quase completamente no leite transformado em creme.

Quanto aos queijos fermentados, são excelentes pelo sabor e são de boa procedência quanto ao seu conteúdo de proteínas e gorduras animais: assim, poderão alimentar sem que no entanto substituam o leite como fonte de cálcio. Isto porque contém quase tanto fósforo quanto cálcio e o fósforo anula o efeito do cálcio.

CINEMA

ZQ

posto
sequi-
é terã
mana
menos
n que
urada"
etritos

lo que
mpéro.
e seus
mente
rduras

amindo
do di-
dicinal
ferível
onia.
no dia
ntrário,
iduais.
frutas

(para
há de
da.

õmente
caminas
er uma

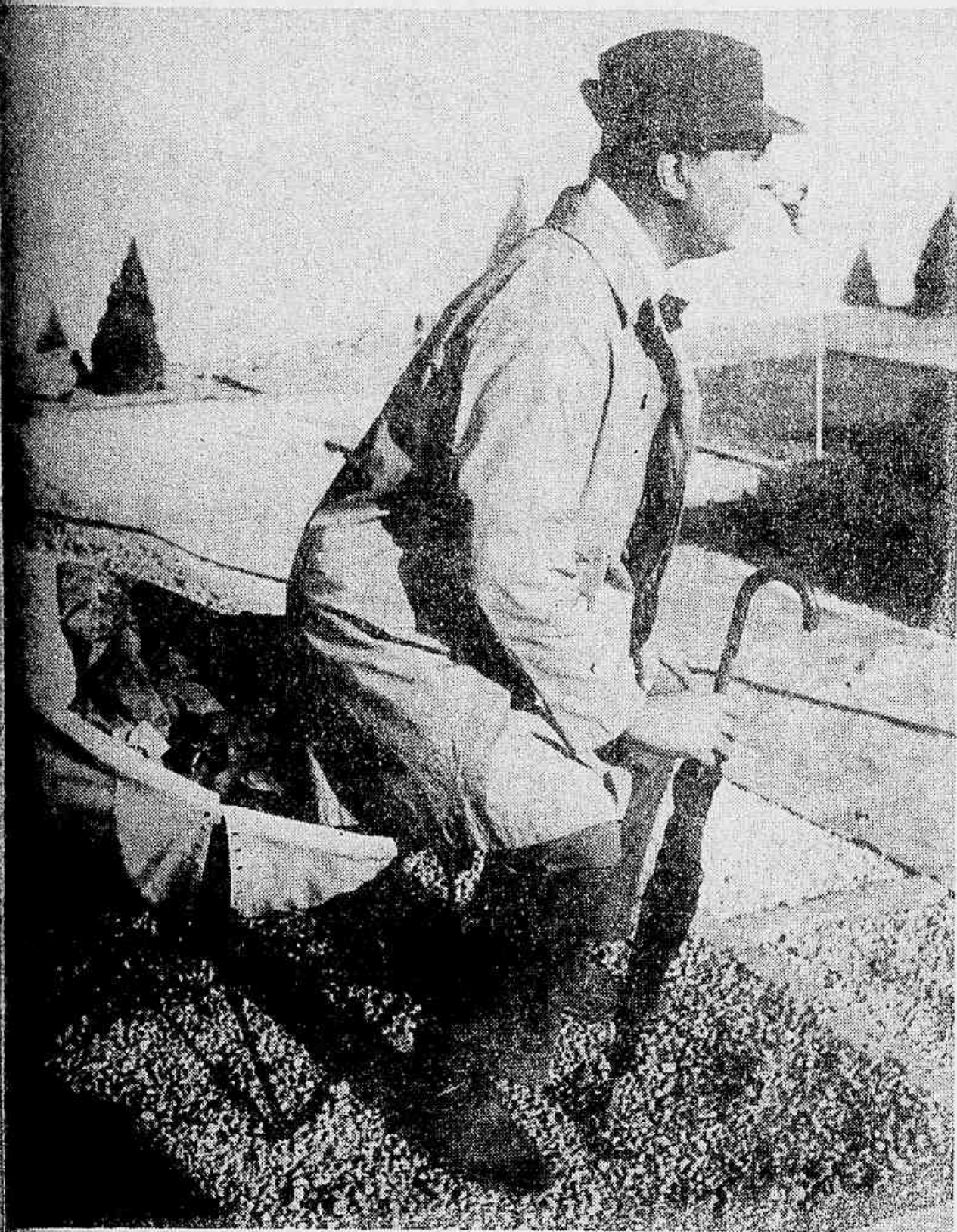
relative-
bstitua

creme.
moso é
entanto
, deve
rins), a
e falta

labor e
eínas e
entanto
contém
eito de



"MON ONCLE" DEU VICE A TATI



"Neguei-me a espalhar pelo chão

INICIADO EM SETEMBRO DE 1956, "Mon Oncle", foi filmado durante nove meses. Depois de terminadas as filmagens, Jacques Tati trabalhou com afinco na montagem e na sonorização desta sua terceira película, que foi apresentada ao público parisiense na Primavera de 1958, depois de ter obtido o segundo lugar no último Festival Cinematográfico de Cannes.

Para Jacques Tati, "Mon Oncle" não é a continuação de "Vacances de Monsieur Hulot". Há entre os dois filmes a mesma diferença existente entre "Jour de Fête" e "Vacances de Monsieur Hulot".

— "Nenhum defeito técnico — diz Tati. A câmara permanece sobre o plano o tempo necessário. Não há movimento de aparelhagens, nenhuma novidade em cores tão pouco. Se há tomates caídos pelo chão, nas ruas do velho bairro onde Hulot mora, os espectadores irão descobri-los. Neguei-me a espalhar pelo chão uma cesta de tomates, antes da filmagem. Isto porque gosto de ter uma cumplicidade com os espectadores. Não gosto de pôr os pontos nos iii... Os contornos de meus personagens estão bem desenhados, como se fossem contornos de uma pintura impressionista. Cada um vê o que quer. Não há necessidade de explicar tudo nem de dizer coisas demais aos espectadores que geralmente gostam de adivinhar. Com "Mon Oncle" volto a iniciar da estaca zero. O narrador será um rapaz, Gerard. Ele contar-nos-á "Mon Oncle".

Depois de uma série de fotos tiradas com o assentimento do grande Diretor, Tati volta a falar de seu filme e dêle próprio, para atender a curiosidade do repórter.

— "Em "Mon Oncle" — declara — defendi alguma coisa. Não acredite que eu seja contra as grandes janelas envidraçadas que dão para o vale verde. Mas percebi que em tudo que se constrói hoje, faltam graça e um pouco de espírito. Em nossos dias pode-se confundir uma farmácia com um armazém, ou trocar um armazém por uma farmácia. Quando se entra em uma loja, não sabemos se vão nos vender comprimidos ou omeletes.

"O que mais me intriga — continua Tati — não é a construção de novos edifícios. A construção é uma necessidade. O que me irrita é que constroem "casernas". Não gosto de ser mobilizado, não gosto, em verdade, de agir mecanicamente. E é contra isto que defendo meu bairro, meu recanto tranqüilo. Contra as avenidas, as estradas, os aeroportos e tôdas as organizações da vida moderna.

"Não creio que as linhas geométricas tornem as pessoas mais gentis. Uma parte do meu filme foi rodado em uma cidade grande e moderna. Quando tivemos necessidade de algumas coisas, ninguém nos ajudou. Este justamente o contraste, porque, outra parte da película foi filmada num velho quarteirão, onde os moradores, espontaneamente, nos ajudaram, pois em dois dias precisávamos de uma sala de maquilagem e eles construíram-na com a máxima boa vontade.

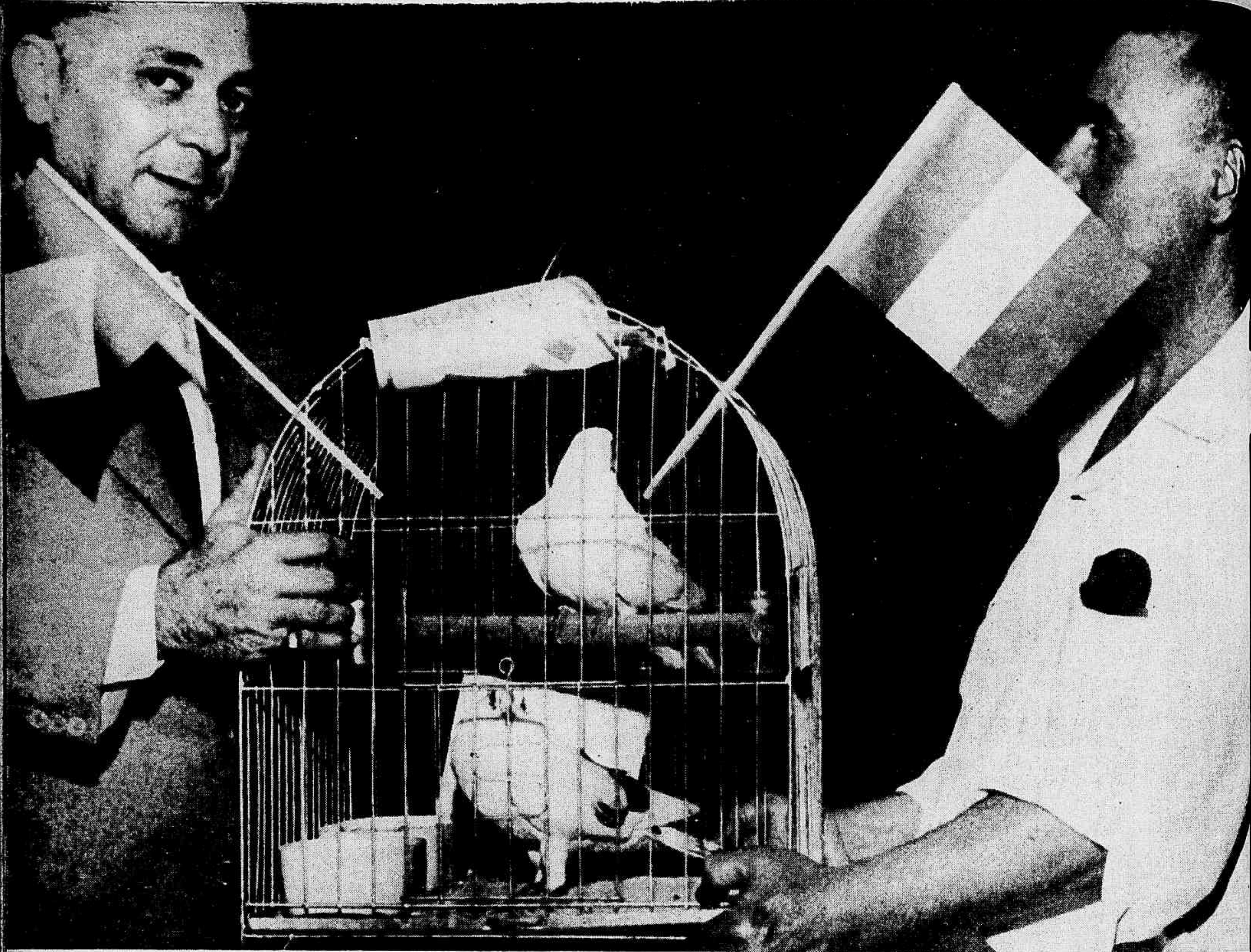
"Quando fui filmar naquele velho bairro, o fiz com grande respeito, o mesmo que sempre dediquei às pessoas que gosto."

"Mon Oncle" é o terceiro filme de Tati. Como o anterior — "As Férias de Monsieur Hulot" — foi muito bem recebido pela crítica. Nêle, o pitoresco personagem Hulot, vivido pelo cômico, continua fazendo das suas...

não uma cesta de tomates, não gosto de pôr os pontos nos iii...



Um sujeito grandalhão, desengonçado, com cara pateta: eis Jacques Tati, em quem alguns críticos querem ver um novo Chaplin. No festival de Cannes, "Mon Oncle" teve o segundo prêmio. Tati foi tão fotografado quanto Jane Mansfield.



ENQUANTO SE PRESTAVAM, no Rio e em São Paulo, as devidas homenagens ao presidente da Itália, que acaba de nos visitar, um pequeno episódio, cheio de pitoresco, sensibilizou a cidade na semana que passou: foi o caso dos pombos cariocas que seguiram para Veneza.

Daquela multidão de pombos que enfiavam as calçadas da Cinelândia, e que são cuidados pela conhecida figura de "Cachimbo", dois deles seriam presenteados à Itália, e se juntariam a seus irmãos de raça, na praça de São Marcos. A notícia tomou logo conta da cidade. E o jovem casal — batizado com os nomes de Romeu e Julieta, subitamente vedetas, viraram noticiário de jornal. O carioca passou a seguir então, carinhosamente, a saga dos pombos gloriosos. Homenagens lhe foram prestadas. Jornalistas italianos e membros da comitiva do Presidente Gronchi se interessaram pelo caso. Os pombos perderam a sua liberdade e, engaiolados, passaram a ser motivo da curiosidade pública. Foram apresentados por "Cachimbo" ao Diretor do Departamento de Turismo da Prefeitura. O veterinário da Divisão de Defesa Sanitária do Animal, depois de minucioso exame, assegurou que as aves cariocas, muito jovens, gozando perfeita saúde, durariam muito na Europa. A gaiola foi decorada com uma bandeira da Itália, outra do Brasil. Prosseguindo na sua aventura, chegaram os pombos ao Consulado da Itália, onde, depois de saudados em italiano, receberam o visto no passaporte. Uma funcionária da casa ficou emocionadíssima, e mandou, através de Julieta, um beijo para os seus parentes de Roma...

Finalmente, na quarta-feira, às 5 da tarde, os pombos embaixadores partiram do Galeão — via Panair — Romeu transportando uma poética mensagem, escrita pelo próprio "Cachimbo": "Aos meus filhinhos de Veneza, envio pelas asas de seus irmãos cariocas, o meu carinho e dedicação, numa prova da real liberdade e amizade existente entre o Brasil e a Itália, uma vez que vocês simbolizam a paz e o amor".

A SAGA DE ROMEU E JULIETA:

POMBOS

DA CINELÂNDIA

PARA A

PRAÇA SÃO MARCOS

KALEIDOSCÓPIO

CHUCK WOODWARD

JA LI EM ALGUM LIVRO que o Homem sofre apenas dois grandes choques na vida: quando nasce e quando morre. Desconfio hoje que o autor daquela frase nunca se casou. Ou pelo menos, nunca foi pai de nubentes. Se bem que minha família não possa reclamar muito: eu os informei da minha intenção, pelo menos duas horas antes de o lerem na coluna do Ibrahim.

O PROBLEMA DA MORADIA não existia. Eu já tinha um apartamento. Contudo, me pareceu que estaria faltando algo sem a experiência de procurar pela cidade pelo menos uma residência. Eu fazia questão de desempenhar o papel de noivo em todos os detalhes. Escolhi um anúncio formidável. O preço do "duplex" — com vista incluindo toda a Lagoa, o Corcovado, as praias de Ipanema e Leblon — era apenas o de um milhão e setecentos mil cruzeiros à vista. O fato de que eu jamais disporia desta quantia não era importante. Até o dia em que informei ao proprietário do imóvel que minha futura esposa não havia gostado da côr do banheiro, me diverti muito estudando novas bases de pagamento, espiando vitrines de lojas de decoração, e almoçando com o corretor para discutir detalhes. Aliás, ele conhece excelentes restaurantes.

AS COMPLICAÇÕES CHEGARAM quando fui informado de que conseguir a papelada para o casamento civil não seria possível em apenas cinco dias. Se eu me lembrasse do telefone da gráfica, teria mandado mudar a data dos convites. Enfim, telefonei para um sobrinho do Cardeal. "Será que teu tio dará permissão para que eu me case na Igreja sem ter antes cumprido o ato civil?" O sobrinho não sabia. Havia quebrado o pé na véspera e não podia sair de casa. O Cardeal estava no Sumaré, onde — afirmam — não há telefones. Apelei então para o advogado de Carlos Machado. O que um advogado de produtor brasileiro não conseguir na Justiça, nem o amigo Kubitchesk consegue. O ato civil foi marcado para a manhã do dia da cerimônia religiosa!

DISTRIBUIR CONVITES na verdade não é difícil. Mandei-os por portador exclusivamente a umas duzentas pessoas mais íntimas, e para colegas de profissão ou pessoas relacionadas com minha coluna por motivos profissionais. De resto, fui uma noite ao "Sacha's" e outra ao "Drink" com convites em branco. Quando chegava alguém e comentava que não havia sido convidado, eu respondia: "Vim aqui hoje, especialmente para entregar teu convite". Tudo correu muito bem. Apenas um colunista de menor expressão veio à mesa pedir nada menos que dez convites. Ele pensou que eu estava distribuindo entradas para uma feijoada.

NA MANHÃ DO CASAMENTO enquanto tomava meu chuveiro procurei lembrar se já havia informado a um amigo que ele seria o padrinho do ato civil. Telefonei para ele. Não. Ele ainda não havia sido convidado. "Bem, então tome nota: é na Pretoria, daqui a meia hora..."

A caminho da cidade, resolvi seguir pela primeira vez o antigo conselho paterno: dirigir devagar. Quando um loteação parou à minha frente tive ímpetos de "meter uma reduzida" e dar uma guinada. "Não", pensei, "vou parar e esperar". Um "jipão" do Exército, que vinha atrás, resolveu não parar. Esmagou comple-

tamente meu carro entre ele e o loteação. Que carreira desenfreada têm os militares no Brasil.

Deixei as chaves do carro nas mãos de um conhecido que ia passando, e fui procurar um táxi. Após desejar melhoras a vários motoristas que estavam infelmente doentes, não podendo me atender, encontrei um que afirmou estar me atendendo porque eu ia casar-me. "O senhor vai constituir um Lar, e afinal, o Lar é o baluarte da Nação", explicou.

Cheguei à Pretoria com o atraso de uma hora. Pela primeira vez em sua longa e distinguida carreira, o meretíssimo sr. juiz havia esperado pelo noivo, e não vice-versa. Em atenção a este fato, respondi "Quero" sem pestanejar, quando ele me perguntou se eu aceitava minha noiva para esposa. Eu havia pretendido hesitar um pouco antes de responder.

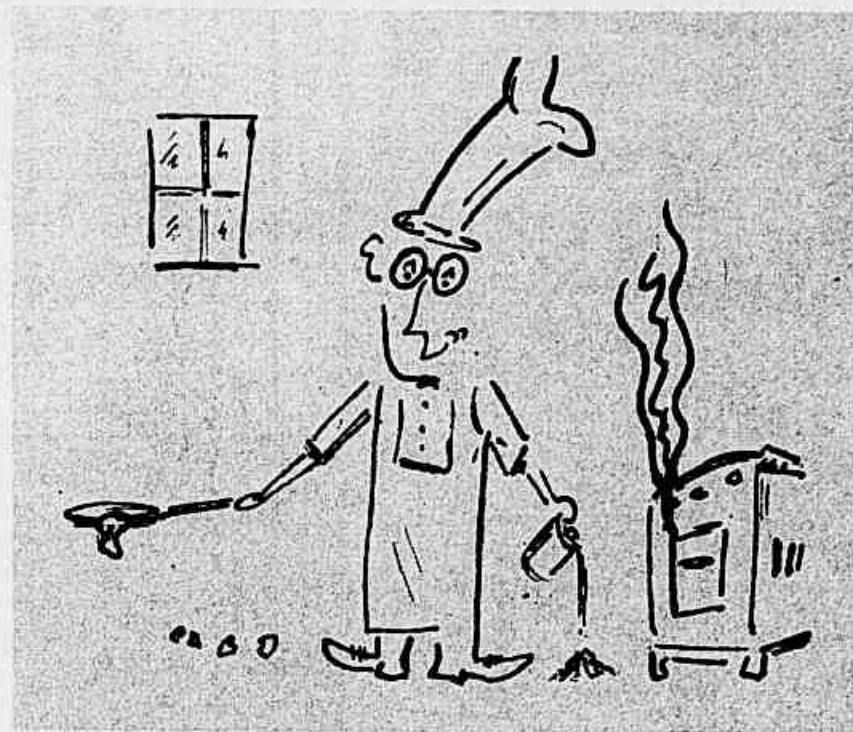
NO ALTAR DA IGREJA verifiquei que só antigos e verdadeiros amigos estavam presentes. Senti remorsos de não ter convidado todas as pessoas que eu conhecia, indiscriminadamente. A Igreja estava tão bonita, o vestido da noiva estava deslumbrante, até eu estava muito elegante (segundo minha mãe). Eu deveria ter providenciado um público numeroso para o espetáculo. Então me veio à mente o livro "O Cardeal". Nêle o autor escreve que no dia da primeira missa do jovem padre, o menino que ajudava no altar adoeceu. No seu lugar enviou um irmão, cuja boa vontade não encobria o fato de que não tinha a menor prática. A missa foi uma quase-tragédia. Por pouco o menino não deixou o Cálice cair ao chão. Após a missa, o padre esperava furioso o momento de descompor o menino. E então caiu em si: ele havia estado dando mais importância à pompa da cerimônia que ao seu significado propriamente. Eu também caí em mim: a coisa mais importante do meu casamento era o significado da cerimônia e não o estardalhaço social que eu poderia ter providenciado. Recebi com emoção os abraços sinceros que velhos amigos me deram. Talvez uma das "10 Pessoas Mais Importantes" presente, fôsse um antigo motorista de meu pai, que me havia levado durante anos a fio à escola, desde o Primário, e que estava ali, sem convite, mas querendo abraçar-me muito e mesmo.

NA PRIMEIRA MANHÃ de minha "lua-de-mel" acordei cedo. Como era bom respirar o ar puro das montanhas e sentir o cheiro de flores que não eram de "corbeilles". Resolvi demonstrar minhas habilidades culinárias para surpreender minha esposa. Mesmo porque, uma moça vinda de uma profissão tão glamurosa como a de modelo não deveria entender de cozinha. Creio que ela foi despertada pelos ruídos das panelas na cozinha. (Eu não estava dizendo os palavrões tão alto assim, que ela pudesse ter sido acordada pela minha voz).

"Eu estava querendo levar-te o café na cama...", expliquei. Ela olhou silenciosa. Havia leite derramado, pão queimado no forno, metade de um ovo pendurada na beira da frigideira e pó de café pelo chão.

"Você quer me ajudar?", perguntou ela. "Então vá sentar-se à mesa. Depois ponha a roupa de banho para irmos à piscina. À noite, acenda a lareira e escreva suas colunas. O resto eu faço."

ESTA COLUNA está sendo escrita após mais um excelente jantar. Para descanso da consciência daquele motorista de praça, se a Nação depender do meu lar, ela estará salva!



FÔRÇA



ABSOLUTAMENTE lastimável a conduta de algumas senhoras, comparecendo de vestido curto à recepção de gala das Laranjeiras, oferecida pelo Presidente Gronchi em homenagem a JK. Mariazinha é ortodoxa nestas questões de protocolo: vestido curto deveria ser barrado. A gafe é tão grande como se alguém comparecesse de summer ou dinner jacket à recepção.

A **SENSAÇÃO** nas Laranjeiras era o Souza Brasil. Exibindo um fardamento que mais parecia primeiro uniforme de comandante do Corpo de Bombeiros. Na realidade tratava-se apenas de um garboso uniforme de cavaleiro da Ordem de Malta...

JUSTÍSSIMA a escolha de Rossini Perez para mostrar ao Presidente Gronchi a gravura brasileira e sua qualidade, aproveitando a exposição do artista na Piccola Galleria, da Praia do Flamengo. Rossini, um mestre do branco & preto, apesar do nome italiano é potiguar da gema: nasceu no Rio Grande do Norte.

MUITO BONITA, de uma beleza tranqüila, de camafeu, a sra. Maricy Trussardi, a quem Mariazinha toma a liberdade de sugerir um pequeno regime. É ainda muito criança para cultivar aquele porte amatonado.

DIVERTIRAM BASTANTE os quiproquós ocorridos com Raul De Vincenzi durante a visita do Presidente Gronchi. Não havia jeito dos italianos se conformarem com o fato de um De Vincenzi não falar a sua língua. A todo momento o simpático responsável pelo cerimonial itamaratiniano era obrigado a explicar, em francês: "Monsieur, je ne parle pas l'italien..."

NAO DA SORTE aos craques de Roberto e Nelson Seabra a encantadora Ruth Almeida Prado. Toda vez que comparece à Gávea, em toilette fotográfica, há um fracasso inexplicável e a blusa preto e verde dá um fiasco. Na última carreira de Dulce o fato se repetiu, provando que a Ruthinha não nasceu para alegrias turfísticas.

CONTINUAM malcriadíssimos os porteiros do Iate, cuja intransigência ditatorial parece obcecada em humilhar senhoras e senhoritas que possuam parentes no corpo social e se dirigem ao clube. Ainda há dias portaram-se de maneira inconveniente com a sra. Helô Amado, que desejava tirar umas fotografias na lancha do seu sogro.

UM SUCESSO a missa pelo restabelecimento do tubarão do contrabando carioca, o sr. Zica, de um bar freqüentado pela fina flor da malandragem da Praça Mauá. Militares, magistrados, políticos, banqueiros

(de bicho e de banco mesmo...) e industriais foram levar o seu abraço ao Zica. Qualquer dia o homem debuta em "nossa melhor sociedade". Afinal de contas em matéria de contrabandistas promovidos a figurões do café-society, existem precedentes encorajantes e recentíssimos.

CONQUISTOU o funcionalismo do aeroporto de Congonhas a simplicidade da sra. Helène Matarazzo, que para fazer companhia ao Ermelindo, instalou-se uma noite dessas no jornaleiro do aeroporto, entre Zés e Genarinos, acompanhando pelo rádio as diabruras do Pelé durante um match noturno disputado pelo Santos.

A **DEMAGOGIA** eleitoral está solta pelas ruas de São Paulo. Tão solta que São Pedro resolveu apedrejar os cartolas durante a chegada triunfal do Presidente Gronchi, despejando um granizo velhaco sobre a ilustre comitiva...

OS FREQUENTADORES do Lidador pregaram uma peça num dos mais conceituados e queridos freqüentadores daquele heráldico estabelecimento. Como o cavaleiro possui um prazer todo especial em dar consultas, diagnosticando moléstias, receitando remédios e recomendando "colegas", apesar de nunca haver freqüentado qualquer escola de medicina, seus companheiros de roda publicaram um anúncio no "Diário Carioca", recomendando o seu nome como excelente médico. O anúncio, em sua barra, dizia: "Consultas diariamente, entre 17 e 20 horas, à rua da Assembléia, 65, fundos". Neste enderêgo funciona a clínica alcoólica do Lidador...

E POR FALAR em "Diário Carioca", registre-se o esforço de certo poeta nacionalista e robusto, mandando adquirir todos os excedentes da edição em que a picardia inigualável do velho J.E. traçava-lhe um justo perfil.

ESTRAGOS SUBSTANCIAIS estão sendo provocados — e ainda o serão... — no bôlso e miocárdio de muita gente boa, que andava se arriscando com famosos especialistas no câmbio negro do dólar, os quais capotaram numa curva mais escorregadia na louca carreira da especulação.

FRACASSOU TOTALMENTE o serviço de trânsito na recepção oferecida pelo sr. Antônio Gallotti ao embaixador Gilberto Amado. Deixaram os carros penetrar na simpática vivenda da rua São Clemente, sem avisar que não havia local para estacionamento interno, provocando grandes confusões e aborrecimentos. E os bondes da Light, ainda por cima, ao invés de colaborar com a festa do **big boss**, quase atropelavam os carros engarrafados dos convidados...



SOCIEDADE

AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE

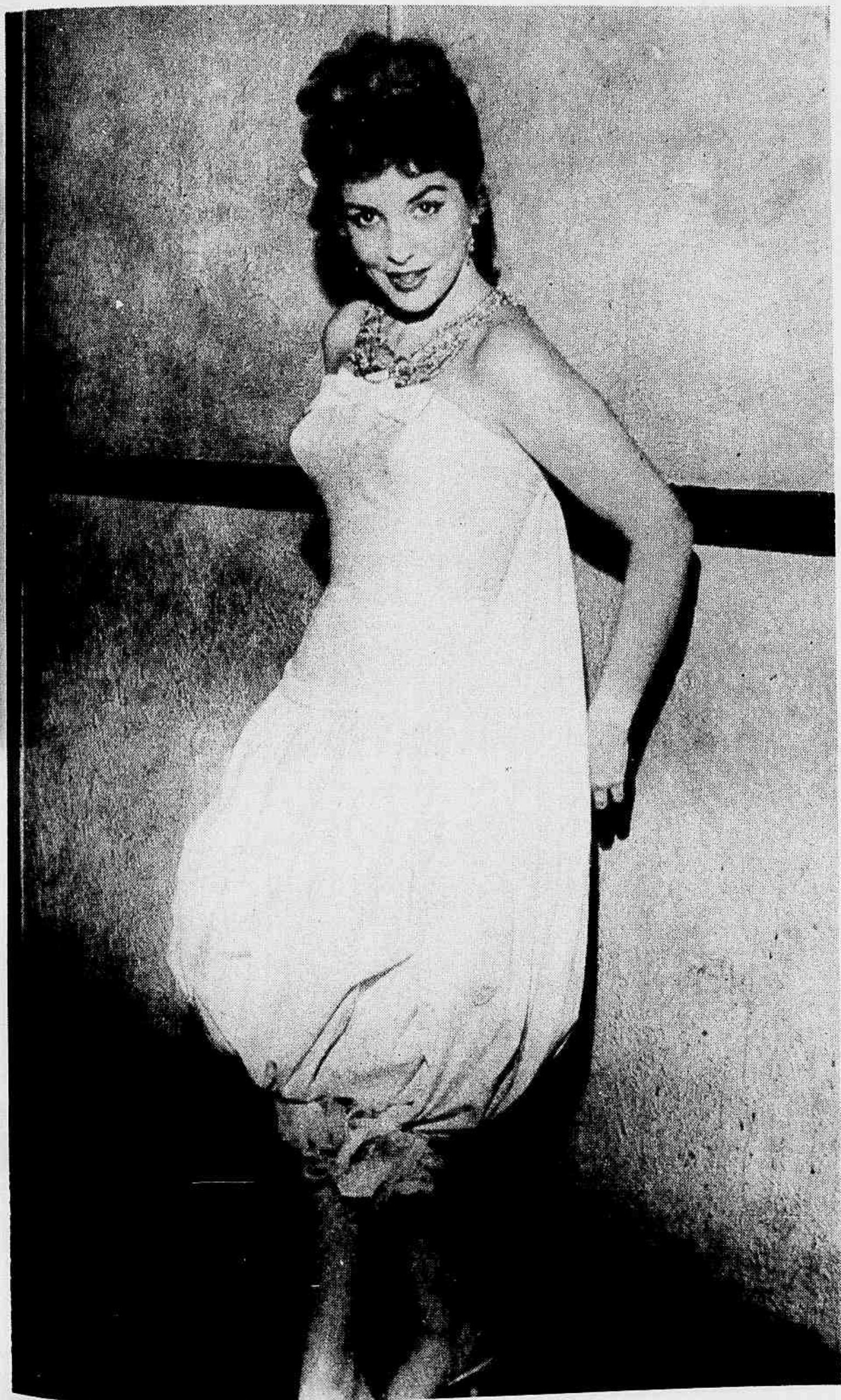


A CAPA



JULIE

Cantora para o público, poetisa em segredo



JULIE JOY hoje é um sucesso — e tinha mesmo de sê-lo. Quando quis entrar para o rádio e mostrar a cantora boa que é, sua família protestou. Mas Julie fez pé firme, arrebitou o narizinho e em pouco tempo estava fazendo parte do elenco da Rádio Nacional. De repente, sem que ninguém soubesse explicar por que, resolveu tirar umas férias do microfone. Férias que foram bem longas: cinco anos a fio. Em 1956 voltou em grande forma, como prova o título de Rainha do Rádio que recebeu no ano seguinte. Julie diz que se sentiu rainha exatamente como Farouk (deve ter se sentido) quando mudou-se para Paris.

Julie tem gravado música norte-americana (*Tenderly* — LP "Festival de jazz") e música brasileira (*Sombras, Tinha que ser, A chuva parou, Podes voltar*). E agora será lançado um LP que a apresenta muito especialmente: "Jóias de Julie Joy". Apesar de ter hoje um cartaz de fazer inveja a muita gente, Julie prefere não se considerar boa ou melhor que suas colegas. Ela acha que se o fizesse, ficaria péssima em pouco tempo. Vai daí que considera a auto-crítica uma grande invenção.

Como todo mundo que se preza, Julie acredita e tem o seu conceito de **Pasárgada** — segundo ela um lugar onde não houvesse intransigência, briga, pessoas burras e chatas, vaidade e lotação. E que ficasse entre o mar e a montanha. E moraria na sua **Pasárgada** com tudo aquilo de que mais gosta: Deus (sobretudo), cantar, gostar, brincar, música, flores, poesia. Lá estaria a salvo daquele "negocinho chato e irremediável que Proust escreveu no seu livro "Em busca do tempo perdido — saudade". Além de fazer um programa semanal de televisão em São Paulo, Julie ingressou decididamente no cinema, participando de "Camelô da Rua Larga" e "O Bicho Não Deu". Seu talento, entretanto, não pára aí. Pouca gente sabe que Julie é poetisa. Não publicou ainda nenhum livro porque guarda seus poemas como segredos. Mas, para que não fôssemos autores de uma revelação sem comprovantes, roubamos um deles e o transcrevemos em todo o seu ineditismo:

Um chuvisco de suaves acordes
Caiu dentro de mim
E lavou todos os meus pecados!
Agora, caminho para a frente,
Cabeça erguida, sorriso nos lábios
Em busca da Perfeição !!!



FIGURÕES CONTRA A PAREDE: FALA CÂ

FAZ
estava
a com
A fan
televi
título
frança
deven
setem
anos
coisa
a "te
em g

O c
gueira
públic
confia
quista
vertig
mente
melha
tadore
exalta
pelo p
naram
objeto
imita

Arn
(e ele
estudo
e dep
tarde
Poços
balha
onde
conhe
sendo
lançar
de te
tava
de pr
opiniã
entre
pesso
que l
vora,
esta,
presic
zembr

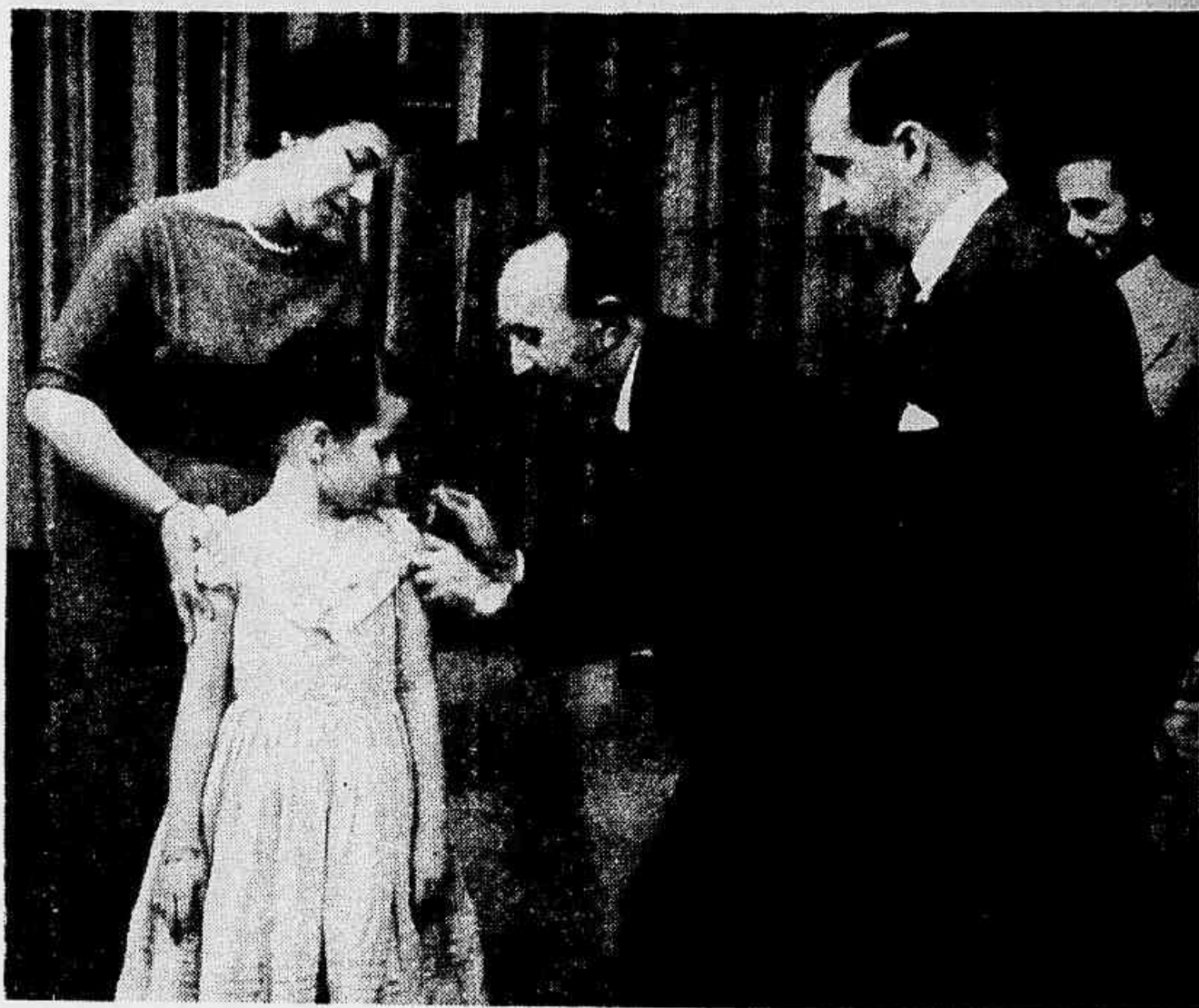
Fêz
brasil
câmar
túlio
do Su
quanc
da cé
do Va
crianc
a Vac
quisas
que o
hoje,

FAZ ALGUM TEMPO, o "Time" publicou que, no Brasil, já estavam sendo empregados métodos capazes de obrigar os políticos a comprovar sua honestidade pessoal e competência administrativa. A famosa revista comentava o aparecimento de um programa na televisão carioca com êste rigoroso objetivo — a começar pelo título — um convite aos homens públicos para falarem ao povo francamente. Êste programa, "Falando francamente", como já devem ter adivinhado, foi ao ar pela primeira vez no dia 20 de setembro de 1953. Está, portanto, em vias de completar cinco anos de idade, o que em televisão adquire foros de fenômeno ou coisa parecida. Basta que se fale nos intensos preparativos para a "tele-festa" em que será acesa a quinta velhinha do seu bôlo em grande gala.

O criador dêste prodígio de longevidade hertziana, Arnaldo Nogueira, parece ter entrado em contato definitivamente com seu público telespectador, pois hoje dêle merece um sólido crédito de confiança que — é preciso que se diga — foi árduamente conquistado. Por outro lado, a evidência de Nogueira foi das mais vertiginosas em virtude de sua particularíssima gesticulação, mormente usada nos instantes convulsionados do programa. Aí assemelha-se êle a um verdadeiro árbitro de boxe ao separar os lutadores: aquêles que discutem seus pontos de vista com mais exaltação, perturbando a ordem do programa e a compreensão pelo público dos problemas em debate. Os gestos de Nogueira tornaram-se marca registrada no vídeo carioca e freqüentemente são objeto das amistosas brincadeiras dos colegas e mesmo até de imitações nos programas cômicos.

Arnaldo Nogueira nasceu na cidade de França, em São Paulo (e êle diz que muitos pensam que daí surgiu o nome do programa), estudou primeiramente em sua terra natal no Colégio Champagnat e depois na capital, onde se formou em Ciências Econômicas. Mais tarde dedicou-se ao jornalismo e ao rádio. Dirigiu a Emissora de Poços de Caldas e, no período da guerra esteve em Londres, trabalhando como locutor e tradutor na grande organização da BBC, onde permaneceu três anos. Nesta época teve oportunidade de conhecer grande parte da Europa. Regressou ao Brasil em 49, sendo contratado pela Rádio Tupi, que já se preparava para o lançamento da TV no Brasil. Participou do primeiro programa de televisão realizado no Brasil, em janeiro de 51, que apresentava o padre José Mojica. Desde então, vem criando uma série de programas de debates tais como "Idéias e Imagens", "Senhora Opinião", "Falando francamente", "Ajude-nos a servi-lo" e "Tele-entrevista". Por estas apresentações já desfilarão mais de 2 000 pessoas, muitas delas grandes figuras da vida pública brasileira, que Nogueira fez "estrear" na TV: Getúlio Vargas, Juarez Távora, Café Filho, Teixeira Lott, Juscelino Kubitschek, sendo que esta, diz-nos Nogueira, lançou praticamente sua candidatura à presidência da República no "Falando francamente" de 9 de dezembro de 1954.

Fêz algumas das mais curiosas reportagens da história da TV brasileira: em dezembro de 52 conduziu pela primeira vez as câmaras da televisão ao Palácio do Catete, para entrevistar Getúlio Vargas. A primeira aplicação da Vacina Salk na América do Sul foi realizada através de um seu programa, em abril de 55, quando o então Ministro da Saúde, Aramys de Athayde, fez aplicação da célebre vacina em duas crianças, filhas do dr. José Procópio do Vale e netas do Juiz de Menores, dr. Rocha Lagoa. A mãe das crianças chorava de emoção diante das câmaras, pois nesta época a Vacina Salk apenas acabava de sair dos laboratórios de pesquisas. Realizou ainda uma entrevista com Sir Alexander Fleming, que durou hora e dez minutos. Arnaldo Nogueira não sabe, até hoje, como conseguiu convencer o saudoso cientista a abandonar



A primeira aplicação de Vacina Salk, na América do Sul, em abril de 55, foi realizada através de um programa de Arnaldo Nogueira. Fê-la o então Ministro da Saúde — Aramys de Athayde.



Entre as grandes personalidades entrevistadas por Arnaldo Nogueira, destacamos Getúlio Vargas e o general Canrobert (na foto). Também Lott, Távora, Café Filho desfilarão em seus programas.

AÇÃO FRANCA ACABOU COM DEMAGOGIA



uma pescaria na Guanabara e em troca comparecer aos estúdios da TV para enfrentar a curiosidade do público.

Nogueira recorda-se que nesta ocasião Fleming recebeu de uma enfermeira uma mensagem que o emocionou profundamente. Dizia a moça: "cada vez que aplico uma injeção de penicilina num doente rezo uma Ave-Maria para Sir Alexander Fleming".

Em 54, Arnaldo Nogueira foi eleito para a Câmara dos Vereadores. Sôzinho, sem grandes nomes da política a arrastá-lo nas eleições, vivendo então há apenas 6 anos no Rio, chegou a obter 4 mil votos, graças ao prestígio granjeado junto ao público telespectador. Na Câmara, em três anos e meio, pronunciou 327 discursos, apresentou 5 projetos, 103 requerimentos e pertenceu à Comissão de Justiça durante três anos seguidos, eleito pelo Plenário. Na comissão relatou 82 projetos. Teve papel saliente na severa oposição feita à lei 899, que aumentou os impostos no Distrito Federal.



O êxito de "Falando francamente" faz hoje com que seu criador se veja constantemente acossado com pedidos dos que desejam participar do programa. Muitas vezes são pessoas que não têm a devida autoridade para discorrer sobre o tema escolhido, ou, pelo contrário, pessoas cujo grau de especialização técnica é tão elevado que tornam o assunto inteiramente soporífero. Assim que, para manter o bom nível do programa, Arnaldo Nogueira é obrigado a fugir das "cantadas" dos inconvenientes ou rebatê-las com terminantes negativas.

O nome do programa foi retirado do conhecido livro de James Byrd, "Speaking frankly", publicado nos Estados Unidos logo após a guerra.

A maioria dos entrevistados de "Falando francamente" nem sempre colabora com o lema a que se submetem, uma vez diante das câmaras. Fogem, tergiversam, esquivam-se quando encurralados pelas perguntas de Arnaldo Nogueira ou do público que transmite suas opiniões e dúvidas pelo telefone ao curso do programa.

HÁ CINCO ANOS ARNALDO NOGUEIRA PÕE CONTRA A PAREDE OS



"Falando francamente" faz hoje com que seu criador se veja constantemente acossado com pedidos dos que desejam participar do programa. Muitas vezes são pessoas que não têm a devida autoridade para discorrer sobre o tema escolhido, ou, pelo contrário, pessoas cujo grau de especialização técnica é tão elevado que tornam o assunto inteiramente soporífero. Assim que, para manter o bom nível do programa, Arnaldo Nogueira é obrigado a fugir das "cantadas" dos inconvenientes ou rebatê-las com terminantes negativas.

O nome do programa foi retirado do conhecido livro de James Byrd, "Speaking frankly", publicado nos Estados Unidos logo após a guerra.

A maioria dos entrevistados de "Falando francamente" nem sempre colabora com o lema a que se submetem, uma vez diante das câmaras. Fogem, tergiversam, esquivam-se quando encurralados pelas perguntas de Arnaldo Nogueira ou do público que transmite suas opiniões e dúvidas pelo telefone ao curso do programa.



"Falando francamente" costuma ainda realizar séries de entrevistas abordando um mesmo temário. Assim tem acontecido com os problemas das falhas da lei eleitoral brasileira, da juventude transviada, da liberdade de imprensa, do papel da oposição ao governo, etc. Algumas destas entrevistas são anotadas pelas taquígrafas do programa. A série da juventude transviada foi toda ela taquígrafada e será brevemente reunida em livro, para conservar e difundir o pensamento das personalidades que falaram sobre o assunto, como o padre Calazans, Alceu de Amoroso Lima, Anísio Teixeira.

Se "Falando francamente", agora com a responsabilidade de "vovô" da TV carioca, prosseguir mantendo o espírito que sempre guiou suas iniciativas, não há dúvida que virá certamente completar outros aniversários no futuro.

Não há coisa que o público mais aprecie do que franqueza. E não é outra a causa de sua popularidade.

AREDE OS DONOS DO BRASIL



SOCIEDADE ENGENHEIRA LIMITADA

Av. Treze de Maio, 23 - 5.º Telefones : 32-7113 e 52-4373
RIO DE JANEIRO — BRASIL Telegramas : ENGINEER

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS E MÁQUINAS

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

Projetos, instalações e montagens.
Transporte e manutenção mecânica.
Pontes rolantes.

MÁQUINAS EM GERAL

Máquinas em geral, motores Diesel, ferramentas, peças e acessórios para máquinas.

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS

Projetos, instalações e montagem, de centrais hidro e termo-elétricas, linhas e rês. Grupos geradores. Transporte.

MINERAÇÃO

Beneficiamento de minerais e de minérios : extração, britagem, moagem, separação, concentração e instalação de pedreiras.

TINTAS ESPECIAIS ANTIFERRUGEM

Tintas e processos BIHAR

O ALMIRANTE



ANIBAL MACHADO

POR QUE TERIA o guarda n. 394, de Serviço no Posto Policial da Central do Brasil, detido e levado ao 10.º Distrito o estupendo velho de nome Manuel Cláudio Dias? Por que não o aceitou como legítimo almirante?

— Porque era homem sem imaginação... Só por isso. Se a tivesse, não havia de interromper tão prosaicamente os momentos de almirantado que o velho vinha vivendo desde Engenho de Dentro. O mal desse almirante foi ter embarcado num trem de subúrbio à meia-noite.

A farda era regulamentar; quase regulamentar a barba à Whitman; o desgarre e aprumo corporal, perfeitos; a tez queimada. A côr dos olhos a notícia não deu. Ao canto da boca um charuto complementar, que melhor ficaria se cachimbo fôsse. No todo da figura, aquêlê jeito do nosso Tamandaré da estátua, o tom naval e simpático dos velhos lóbos do mar. Almirante mais exato não seria possível.

Pois o guarda não quis acreditar. Apenas um marinheiro ao lado se perfilou, e por via de dúvida bateu a continência. Estava certo o marinheiro, errado o guarda. E erradas as autoridades do 10.º Distrito. Triste prova de crueldade e incompreensão humana dera essa gente. O improvável almirante não incomodava ninguém, a alguns deslumbrava até. Era deixá-lo parecer-se ao que êle queria ser.

Não se tratava de nenhum mascarado de terça-feira gorda. Manuel Dias não brincava: vivia o seu papel, honrava seus galões. Mais de oito mil cruzeiros, diz a notícia, dera pela farda — a farda com que ia vestir sua ilusão — tamanho o fervor naval com que pagara essa despesa. Tratava-se de um almirante por índole e vocação.

Ora, em tais condições, como recusar-lhe o direito de sentir-se marinheiro por algumas horas.

Os nossos oficiais-de-marinha nunca são vistos de uniforme. Para as moças em geral, senão para todo mundo, a farda branca, ao contrário da batina clerical, sugere coisas do mar — viagens, espumas, gaivotas... Esta a impressão que devia ter deixado nos passageiros do subúrbio a presença do fabuloso personagem. Pena que fôsse de curta duração o espetáculo que êle se dava e vivia. As leis e regulamentos a ninguém permitem revestir-se de características do que não é na convenção social; nem usar insígnias de cargos e funções que sejam as do quadro administrativo a que pertence. Disso não cuidou Manuel Dias; botou uniforme e saiu a flunar. Para que o curso na Escola Naval, a viagem de instrução e as penosas promoções?

A imaginação não espera. E Manuel foi rápido: comprou os apetrechos e virou o que queria: — almirante pela farda e pelo coração. Por dentro e por fora. Portou-se com a linha e dignidade peculiares à classe. Nada que destoasse das maneiras de uma alta patente naval.

Magnífica encarnação de Netuno numa noite de subúrbio. Apenas o almirante escolhera mal a zona de navegar. O guarda que o desencantou teve o mau-gôsto de fazer cumprir a lei — a lei que é contra os direitos da imaginação e a liberdade do sonho. Nenhum policial procede desta maneira com os numerosos Jesus-Cristos e Napoleões que deparamos pela cidade e são a desconcertante surpresa das ruas.

Manuel Dias pode não saber comandar uma esquadra, mas sabe envergar uma farda, sabe ser almirante.

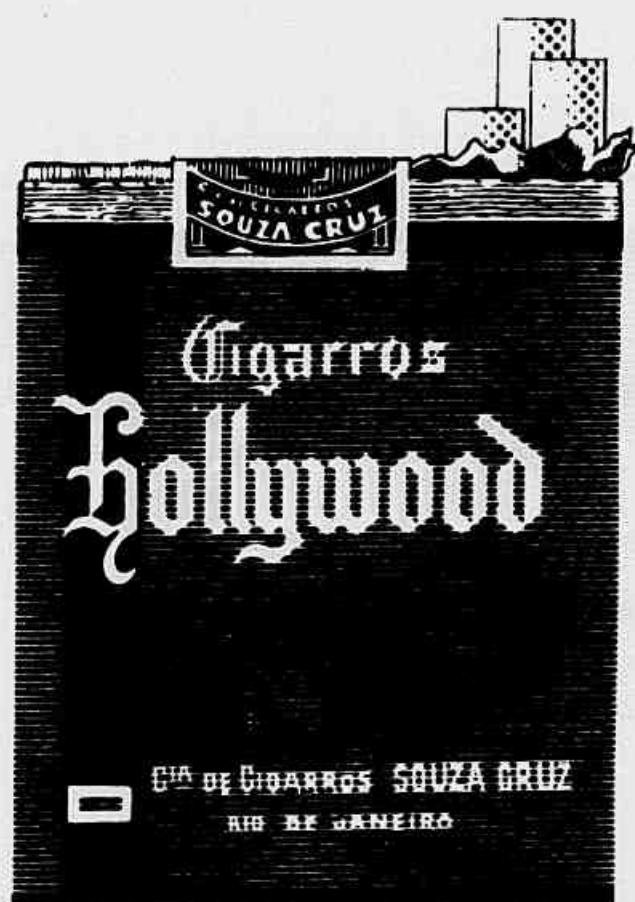
A hora melancólica de D. Quixote, hora em que se destruiu o Cavaleiro da Triste Figura, foi quando voltou a chamar-se Alonso Quicharo — erro com que não se conformam os leitores de Cervantes. A do nosso herói foi quando o policial friamente o devolveu como débil mental ao seu Estado-Maior, no Hospital de Alienados Pedro II.

Débil mental no diagnóstico dos psiquiatras. Mas sem dúvida um almirante. Almirante à sua maneira... Precisamos desses homens que assumem públicamente a côr de seus sonhos.



quase um sonho... ficar assim
em silêncio, ouvindo música,
fumando

hollywood



Uma
tradição de
bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Uma pequena lição

EU SEI TUDO



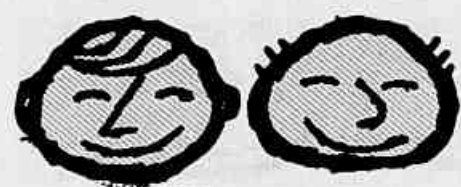
TU SABES TUDO



ÊLE SABE TUDO



NÓS SABEMOS TUDO



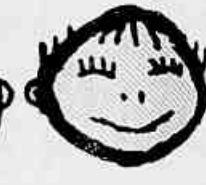
VÓS SABEIS TUDO



ÊLES SABEM TUDO



TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO